

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**DAIANE DOS SANTOS, A GAUCHINHA DE OURO:
articulações entre jornalismo esportivo e identidade gaúcha**

Dissertação de Mestrado

Vanessa Scalei de Mello

Porto Alegre/RS

Março de 2007

Vanessa Scalei de Mello

**DAIANE DOS SANTOS, A GAUCHINHA DE OURO:
articulações entre jornalismo esportivo e identidade gaúcha**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Nilda Jacks

Porto Alegre/RS

Março de 2007

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas merecem especial
agradecimento pelo incentivo e apoio dados
durante a realização dessa dissertação.

Agradeço a minha família, em especial, a minha
mãe Rosane pelo carinho, pela dedicação e por ter
me incentivado a fazer Mestrado.

À minha orientadora Nilda Jacks, por compartilhar
comigo seus conhecimentos.

Às professoras Ilza Girardi e Márcia Benetti
Machado pela ajuda constante e pelas dicas
sempre pertinentes à realização desse trabalho.

À Josi e ao Marco, do PPGCOM, pela atenção e
colaboração durante os últimos dois anos.

Aos meus colegas e amigos Carine Massierer,
Patrícia Rocha e Reges Schwaab, pelas
discussões teórico-metodológicas e,
principalmente, pelos momentos de descontração.

Por fim, agradeço à CAPES, pela bolsa.

RESUMO

A ginasta gaúcha Daiane dos Santos fez história ao ser a primeira brasileira a se tornar campeã mundial de Ginástica Artística, no solo. Com isso, foi alçada ao posto de ídolo do esporte nacional, tornando-se um exemplo a ser seguido. Sabendo que o jornalismo esportivo cumpre uma função importante ao divulgar representações da atleta que servem como base na construção da imagem que o público tem dela, e partindo da idéia que o jornalista mobiliza discursos da sociedade na qual está inserido para produzir seus textos, a questão central deste trabalho é saber que discursos são produzidos na representação da ginasta Daiane dos Santos construída pelo jornalismo esportivo gaúcho. Através da análise das seções de esporte dos jornais Correio do Povo e Zero Hora, nosso objetivo é verificar como o jornalismo esportivo gaúcho articula discursos sobre a identidade regional na representação da atleta. Utilizando conceitos e procedimentos da Análise do Discurso, pretende-se investigar: a) quais elementos são utilizados para construir a representação da ginasta pelos jornais; b) se houve alteração da representação da atleta construída pelos jornais durante o período analisado; c) como a questão das identidades subalternas (étnica, de classe e de gênero) é inserida nos textos; e d) como a distinção nacional/regional é trabalhada nos textos. A análise revela que na representação da ginasta Daiane dos Santos foram construídos discursos, através de marcas como valentia, bravura, heroísmo e laboriosidade, que instauram sentidos de Gaúcho Idealizado, Superioridade Gaúcha e Senso de Justiça. Esses discursos, apesar de fazerem circular sentidos sobre a identidade gaúcha, não reproduziram a totalidade das representações do gauchismo, com todos os estereótipos, preconceitos e silenciamentos existentes nestas.

Palavras-Chave: jornalismo esportivo, identidade gaúcha e Daiane dos Santos.

ABSTRACT

The gaucho gymnast Daiane dos Santos made history being the first Brazilian woman to win a world title of Artistic Gymnastic, on Floor at the 2003 World Championships in Anaheim (USA). Because of this, she reaches the position of idol in the national sport, an example to be followed. Knowing that sportive journalism has an important function to notice representations of the athlete that serve as a base in the construction of image that the public has of her, and having the idea that the journalist mobilizes discourses of the society in which he is inserted to produce his texts, the central question of this work is to know which discourses are produced in representation of the gymnast Daiane dos Santos built by gaucho sportive journalism. Through the analysis of the sportive sections in *Correio do Povo* e *Zero Hora* newspapers, our objective is examine how the gaucho sportive journalism articulates discourses about the regional identity in the representation of the athlete. Using the concepts and procedures from the field of Discourse Analysis, is intended to investigate: a) which elements are used to construct the representation of the gymnast by the newspapers; b) If there was a changing of the representation of the athlete built by the newspapers during the period analyzed; c) how the question of the subalterns identities (ethnic, of group, of order) is inserted in the texts; and d) how the distinction national/regional is made in the texts. The analysis reveals that in the representation of the gymnast Daiane dos Santos were built discourses, through marks as valiantness, bravery, heroism and laboriousness, that establish senses of Idealized Gaucho, Gaucho Superiority and Sense of Justice. These discourses, although they make senses about the gaucho identity, they do not reproduce all the representations of "gauchism", with all the stereotypes, prejudice and silence that exist on it.

Key-words: sportive journalism, gaucho identity and Daiane dos Santos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Capítulo 1 – ENTENDENDO O OBJETO EMPÍRICO	11
1.1 Daiane dos Santos: das brincadeiras na pracinha do Menino Deus às conquistas internacionais	11
1.2 Conhecendo a Ginástica Artística	14
1.3 O Esporte no Jornalismo Gaúcho: alguns aspectos	17
1.3.1 O esporte no Correio do Povo	18
1.3.2 O esporte na Zero Hora	19
Capítulo 2 – DE IDENTIDADES, JORNALISMO E ESPORTE	21
2.1 Identidades Culturais, Representação e Jornalismo	21
2.1.1 Identidades culturais	21
2.1.2 Identidades culturais e representação	24
2.1.3 O Jornalismo como conformador de identidades	29
2.2 Relações entre Identidade, Meios de Comunicação e Esporte	31
2.3 As Representações do Gauchismo: entendendo a identidade gaúcha	37
Capítulo 3 – ANÁLISE DO DISCURSO E INVESTIGAÇÃO EM JORNALISMO	45
3.1 – Jornalismo, Discurso e Representação	45
3.1.1 - Formações Discursivas, Formações Ideológicas e Interdiscurso	47
3.1.2 – Paráfrases e esquecimentos	49
3.2 – Construindo um dispositivo de análise	50
3.2.1 – Constituição do Corpus de Pesquisa	52
3.2.2 – Procedimentos Metodológicos.....	53
Capítulo 4 – A IMPRENSA ESPORTIVA GAÚCHA E DAIANE DOS SANTOS: OS DISCURSOS CONSTRUÍDOS	55
4.1 Representando Daiane dos Santos: dos tabladros às páginas dos jornais ...	55
4.1.1. Mundial de Anaheim: o ineditismo	56
4.1.2. Jogos Olímpicos de Atenas: expectativa, tristeza e exaltação	60
4.1.3. Super Final da Copa do Mundo, em Birmingham: a número 1	65
4.1.4. Mundial de Melbourne: “sem explicação”	67
4.2 Mapeando as Marcas Discursivas	70
4.2.1. Marcas da identidade gaúcha	70
4.2.2. Marcas das identidades subalternas	78
4.3 Os sentidos aparecem: os discursos produzidos na representação de Daiane dos Santos	84
4.3.1 FD 1 – Gaúcho Idealizado	84
4.3.2 FD 2 – Superioridade Gaúcha	90
4.3.3 FD 3 – Senso de Justiça	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

O jornalismo já não pode mais ser visto como um espelho da realidade, que apenas reproduz o real tal e qual ele acontece. Ao contrário, ele deve ser encarado com uma construção discursiva que produz sentido, através da mobilização da memória discursiva e sendo capaz de produzir identificações nos indivíduos. Ao se analisar a produção jornalística tem que se ter em mente que ela é fruto de uma série fatores como a rotina de trabalho, o sistema organizacional, os valores-notícia, as relações com fontes e a sociedade. Com isso, desconstrói-se a idéia de que o jornalismo é imparcial, objetivo e transparente.

Ao entender que o jornalismo é uma construção subjetiva, subordinada aos enquadramentos sociais e culturais, não é possível pensá-lo fora do seu contexto de produção. Desse modo, pensar a prática dos jornalistas é também pensar a sociedade na qual eles estão inseridos. Ao escrever uma matéria o profissional acaba, mesmo que inconscientemente, reproduzindo valores da sua cultura e transferindo para seu texto conceitos e preconceitos que foram socialmente definidos. Dentro desse contexto, é possível pensar o jornalismo como um lugar onde as identidades se manifestam.

Pensar essas relações que acontecem entre o jornalismo e as identidades é a proposta desta pesquisa. Falamos aqui, num caso bem específico, que é do jornalismo esportivo, dos ídolos do esporte e da identidade gaúcha. Esta é uma identidade que se institucionalizou com a criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, na década de 1940, e vem mantendo um discurso que, apesar de estar baseada numa cultura rural, ainda é o ponto de identificação do povo do Rio Grande do Sul.

A base de sustentação da identidade gaúcha é a figura mítica do gaúcho, que, inicialmente, designava apenas aqueles homens que trabalhavam no campo,

mas com o passar do tempo as características e valores atribuídos a ele passaram também a identificar os valores que essa “comunidade imaginada” atribui para si. Todo gaúcho identifica em si e nos seus semelhantes características que os diferenciam dos outros povos do Brasil, porque é assim que uma identidade funciona, num constante processo de identificação-diferenciação.

No momento em que toda uma população acredita a si qualidades que acreditam ser diferentes das dos “outros” é provável que aqueles que sirvam de referência a este povo também detenham estas qualidades. Isso funciona com os heróis da política, das guerras e, também, do esporte.

Neste contexto, entra o papel do jornalismo esportivo na transformação de um atleta em ídolo, pois entendemos que este ao representar o atleta vai acabar mobilizando discursos da cultura em que se insere. Mas, não é qualquer atleta que se transforma em um ídolo. Essa posição é destinada apenas àqueles que obtenham êxitos e possuam carisma.

Nesta última década, O Rio Grande do Sul viu surgir um novo ídolo, de uma modalidade esportiva pouco conhecida no país e até então considerada de elite. A gaúcha Daiane dos Santos, foi a primeira ginasta brasileira a ser campeã mundial e a primeira ginasta negra a participar de uma final olímpica. Muito carismática, ela fez o “país do futebol” simbolicamente parar para vê-la se apresentar nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Talvez, Daiane seja hoje a principal atleta mulher do país, com sua imagem figurando em campanhas publicitárias, seu nome circulando com frequência em todos os tipos de programas de televisão, nas rádios, nos jornais e nas revistas. Para a mídia gaúcha ela é mais especial ainda. Tudo que diga respeito a Daiane dos Santos vira notícia no Rio Grande do Sul, desde sua ida ao estádio para torcer pelo seu time de futebol até seu envolvimento em um acidente de trânsito.

Por tudo isso, Daiane se transformou num ídolo, servindo também como ponto de referência para quem se identifica com ela. Nesse contexto, o papel do jornalismo esportivo é muito importante uma vez que é através dele que as pessoas tomam conhecimento sobre o que a ginasta está fazendo, onde vai competir, como se saiu e como é sua vida fora dos ginásios. Através do que está sendo dito pelos jornalistas as pessoas constroem sua opinião sobre ela, ou seja, a forma como Daiane é representada influencia na imagem que as pessoas fazem dela.

Então, partindo da idéia que o jornalismo mobiliza discursos da sociedade na qual está inserido para produzir seus textos, a questão central deste trabalho é saber que discursos são produzidos na representação da ginasta Daiane dos Santos construída pelo jornalismo esportivo gaúcho. Os objetos de estudo são as seções de esporte dos jornais Correio do Povo e Zero Hora.

Nosso objetivo geral de pesquisa é compreender como o jornalismo esportivo gaúcho articula discursos sobre a identidade regional na representação da atleta. Para isso partimos dos seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar quais marcas discursivas são utilizadas para construir a representação da ginasta Daiane dos Santos pelos jornais Zero Hora e Correio do Povo;
- b) Analisar se houve alteração da representação da atleta construída pelos jornais;
- c) Verificar como a questão das identidades subalternas (étnica, de classe e de gênero) é inserida nos textos;
- d) Verificar como a distinção nacional/regional é trabalhada nos textos.

A análise dos jornais será feita através de conceitos e procedimentos vindos da Análise do Discurso de linha francesa. Este método permite que a investigação chegue o mais próximo possível do “real dos sentidos” que são produzidos pelos discursos. Através da AD é possível perceber que discursos outros estão atuando na formação de sentido do texto em estudo.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. No capítulo 1, “Entendendo o Objeto Empírico”, tratamos do objeto empírico, trazendo informações sobre a vida e a carreira da ginasta Daiane dos Santos, sobre o seu esporte – a ginástica artística, e sobre os jornais que serão analisados. No capítulo 2, “De Identidades, Jornalismo e Esporte”, apresentamos a base teórica que norteou a construção da pesquisa: a questão das identidades culturais e a sua relação com o jornalismo e o esporte e, ainda, abordamos a questão das representações da identidade gaúcha.

No capítulo 3, “Análise do Discurso e Investigação em Jornalismo” apresentamos os conceitos de Análise do Discurso utilizados na pesquisa e sua relação com o jornalismo e os procedimentos metodológicos que serão adotados na análise dos jornais.

Por fim, no capítulo 4, “A Imprensa Esportiva Gaúcha e Daiane dos Santos: Os Discursos Construídos”, apresentamos os resultados obtidos na investigação. Primeiramente, trazemos a representação da atleta que foi construída pelos jornais, depois apresentamos as marcas discursivas encontradas na análise e, em seguida, os discursos que foram construídos.

1. ENTENDENDO O OBJETO EMPÍRICO

Este capítulo inicial tem o propósito de marcar uma aproximação com o objeto empírico. Conhecer não só os dois jornais que serão analisados, como também saber quem é a ginasta Daiane dos Santos e o que é ginástica artística - a modalidade que ela pratica. Dessa maneira, apresentamos uma biografia da atleta, mostrando o seu desenvolvimento dentro da ginástica brasileira e internacional, destacando os principais títulos conquistados; uma explicação sobre o esporte praticado por ela, trazendo um breve histórico da modalidade, demonstrando as diferenças entre ginástica masculina e feminina e os aparelhos que compõem uma prova e a forma de pontuação; e uma descrição sobre o jornalismo esportivo produzido pelos jornais Correio do Povo e em Zero Hora.

1.1 Daiane dos Santos: das brincadeiras na pracinha do Menino Deus às conquistas internacionais¹

A gaúcha Daiane Garcia dos Santos nasceu em Porto Alegre, em 12 de fevereiro de 1983. Filha de funcionários públicos – Magda e Moacir – talvez nunca tenha imaginado que seu destino seria quebrar tabus. A ginasta foi descoberta por acaso numa pracinha do bairro Menino Deus, na capital gaúcha. A professora Cleusa de Paula viu na menina de 11 anos, que brincava em um trepa-trepa, potencial para a ginástica e a convidou para treinar no CETE (Centro de Treinamento Esportivo).

¹ A construção desta biografia foi baseada em matérias sobre a vida de Daiane dos Santos publicadas pelos sites GazetaEsportiva.net e Ginásticas.com e pela revista O2.

Embora levasse jeito, Daiane era considerada velha para uma iniciante. Na ginástica, os atletas, normalmente, começam aos cinco ou seis anos de idade. Mesmo assim, seguiu treinando obstinadamente.

Mostrando evolução a cada dia, aos 13 anos foi convidada a fazer parte da equipe do Grêmio Náutico União, um dos clubes mais tradicionais de Porto Alegre. Em 1997, com 14 anos, conquistou seus primeiros títulos: foi campeã brasileira (no salto sobre a mesa) e medalha de ouro no Campeonato Sul-Americano (no salto e no solo), todos na categoria juvenil.

No ano seguinte passou à categoria adulta e em 1999 obteve seu melhor resultado internacional: nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (Canadá), Daiane conquistou duas medalhas de bronze (por equipe e no solo) e uma de prata (no salto). Neste momento, aos 16 anos, foi alçada ao estrelato no cenário esportivo nacional e passou a disputar com Daniele Hypólito o título de ginasta número 1 do Brasil. Depois deste feito, Daiane mudou-se para Curitiba para treinar no Centro de Excelência de Ginástica, juntamente com a seleção brasileira permanente.

A primeira grande frustração de sua carreira veio em 2000, nos Jogos Olímpicos de Sydney (Austrália), quando foi como reserva de Daniele e do banco não saiu em nenhum momento. Daiane que até então era uma referência, principalmente para a mídia, começou a cair no esquecimento. Seus resultados já não eram tão bons e Daniele Hypólito era tida como a principal ginasta brasileira. Para complicar ainda mais sua situação, uma lesão no tendão patelar do joelho esquerdo a levou à mesa de cirurgia, em 2002. Chegou a perder 50% da força na perna, mas a dedicação à fisioterapia e aos treinos fez com que recuperasse a capacidade normal em pouco tempo.

Em 2003, fez nova cirurgia no joelho às vésperas do Pan-Americano de Santo Domingo. Com uma recuperação extremamente rápida foi ao Pan e conseguiu apenas uma medalha de bronze por equipes. Com esse resultado, aos 20 anos Daiane já era dada como “acabada” para o esporte pela imprensa.

Mas, duas semanas após voltar de Santo Domingo viajou para Anaheim, nos Estados Unidos, para participar do Mundial. Competindo no solo, surpreendeu a todos apresentando uma série muito difícil de ser executada, inclusive com movimentos que até então eram inéditos. A nota final 9,737 superou a das russas, romenas, norte-americanas, chinesas e espanholas. A pequena ginasta, de 1,45 metros, entrava para a história do esporte como a primeira brasileira e a primeira

negra a conquistar uma medalha de ouro em Mundiais. Se não bastasse isso, o movimento “duplo twist carpado”² recebeu nota E+ (a nota máxima) da Federação Internacional de Ginástica e foi batizado com o nome “dos Santos”, pois Daiane tinha sido a primeira ginasta a executá-lo³.

Depois desse acontecimento a vida de Daiane mudou, ela passou a ser a principal ginasta brasileira de todos os tempos, sua imagem começou a ser amplamente divulgada pelos meios de comunicação. Assim, ela se transformou em um ídolo do esporte nacional.

De agosto de 2003 até maio de 2004, repetiu o feito de Anaheim em quatro etapas da Copa do Mundo de Ginástica. Foram quatro medalhas de ouro que lhe renderam a liderança do ranking internacional e o favoritismo ao “ouro olímpico”, nos Jogos de Atenas. Porém, uma ameaça ao sonho olímpico surgiu: nova lesão e, dois meses antes do início das Olimpíadas, Daiane foi submetida a uma vídeo-artroscopia no joelho direito. Com sessões intensivas de fisioterapia a ginasta conseguiu recuperar-se a tempo de competir em Atenas.

Nas Olimpíadas, todos os olhos do mundo e, principalmente, do Brasil estavam voltados para ela. Aos 21 anos de idade, Daiane levava nas costas o peso de ser a favorita. Na fase classificatória, conseguiu a terceira melhor nota e a classificação para a final.

No dia 24 de agosto de 2004, às 15 horas, o país simbolicamente parou para assistir a primeira brasileira a participar de uma final olímpica no solo. Em Porto Alegre, no Rio de Janeiro e em São Paulo telões foram colocados em locais públicos para a população assistir a transmissão da prova.

Daiane foi a primeira a se apresentar, o que nenhuma ginasta gosta, pois acreditam que podem ser prejudicadas pelo excesso de rigor dos jurados. A música era contagiante. Os alto-falantes tocaram os primeiros acordes de “Brasileirinho”⁴ e o público que estava no ginásio em Atenas foi ao delírio. Daiane começou sua apresentação e ... um passinho fora do tablado, mais um pequeno erro na segunda

² O “duplo twist carpado” ou “dos Santos” é tecnicamente definido como um movimento com 180° de rotação sobre o eixo longitudinal combinado com duas rotações para frente sobre o eixo transversal na posição carpado (com flexão do tronco sobre as pernas em um ângulo menor que 90°). Numa definição coloquial, é um salto com meio giro seguido de dois saltos mortais. (Fonte: site da Confederação Brasileira de Ginástica - CBG).

³ Na ginástica é comum batizar os movimentos com o nome dos ginastas que o executaram pela primeira vez.

⁴ Brasileirinho é um chorinho composto por Waldir Azevedo, mas a versão utilizada por Daiane em suas apresentações é um *remix*, que utiliza batidas eletrônicas misturadas com samba.

linha e o sonho do ouro olímpico terminava. Daiane acabou a competição em quinto lugar. O que para muitos tinha sido uma decepção, para a ginasta foi somente um erro que poderia ter acontecido com qualquer outra ginasta. Afinal, a ginástica é um esporte de muita precisão e técnica.

Em dezembro do mesmo ano voltava a competir e a brilhar na Super-Final da Copa do Mundo de Birmingham (Inglaterra). Daiane conseguiu a medalha de ouro e encerrou o ano na liderança do ranking.

No ano seguinte, ganhou mais três “Ouros” em etapas de Copa do Mundo. O mais emocionante foi conquistado na etapa de São Paulo, em maio de 2005, quando o som parou por causa da vibração do ginásio, provocada pela torcida no meio da sua apresentação. Mesmo assim, Daiane seguiu com a coreografia e terminou a série. Tirou a melhor nota.

Em novembro de 2005, no Mundial de Melbourne, na Austrália, ela buscava o bicampeonato. Um erro de cálculo na força imprimida ao executar o seu “dos Santos” e veio a queda. Terminou o Mundial na sétima posição.

No ano de 2006, conquistou apenas uma medalha de ouro em etapas da Copa do Mundo, em Moscou. Em outubro, Daiane foi ao Mundial de Aarhus, na Dinamarca, cometeu alguns erros e terminou na quarta posição.

Em dezembro, a Super-Final da Copa do Mundo foi realizada em São Paulo. Com o Ginásio do Ibirapuera lotado, três brasileiras fizeram a final no solo: Daiane, Daniele Hypólito e Laís Souza. Fazendo a série praticamente sem erros, Daiane tirou a nota 15.600⁵ e conquistou a medalha de ouro.

A ginasta gaúcha inicia o ano de 2007 com foco no PAN do Rio de Janeiro e na disputa pela vaga para as Olimpíadas de 2008, em Pequim, quando terá 25 anos. Nada mal para quem foi considerada velha ao iniciar a carreira.

1.2 Conhecendo a Ginástica Artística

Para começar esta breve explicação sobre a modalidade esportiva que Daiane dos Santos pratica é preciso esclarecer que Ginástica Artística também já foi chamada de Ginástica Olímpica. A mudança do nome foi decorrência da promoção

⁵ A partir das Olimpíadas de Atenas, em 2004, o código de pontuação da ginástica mudou e a nota máxima passou de 10 para 20.

de outras manifestações de ginástica a esportes olímpicos, a saber: Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) e Trampolim Acrobático. Com isso, a Federação Internacional de Ginástica (FIG) optou pela denominação de Ginástica Artística, uma vez que ginástica olímpica pode denominar qualquer uma das manifestações da ginástica que participam dos Jogos Olímpicos (NUNOMURA *et. al.*, 2004).

Historicamente chamada apenas de Ginástica, inicialmente consistia em um treinamento físico. Foi com o alemão Friedrich Ludwig Jahn que houve a organização do esporte, com a criação de regras e dos aparelhos. A criação da Federação Internacional de Ginástica, em 1881, abriu caminho para a realização das primeiras provas internacionais da modalidade. A primeira edição dos campeonatos mundiais realizou-se em Antuérpia em 1903.

Esta modalidade iniciou sua trajetória olímpica nos Jogos de Atenas, em 1896, primeiramente só com a participação de homens. As mulheres estrearam nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928, na Olimpíada seguinte (Los Angeles – 1932) não tiveram participação e voltaram a participar, agora definitivamente, em Berlim (1936). A ginasta mais conhecida de todos os tempos é a romena Nadia Comaneci, que em Montreal (1976) obteve pela primeira vez na história a nota 10, nas barras assimétricas. Naquela época, nem o placar tinha números suficientes para apontar a nota da romena. Em duas Olimpíadas, Comaneci conquistou cinco medalhas de ouro, três de prata e uma de bronze.

No Brasil, a Ginástica Artística foi introduzida pela colonização alemã, em 1824, no Rio Grande do Sul e o primeiro clube oficial foi a Sociedade Ginástica de Joinville, em Santa Catarina, fundada em 16 de novembro de 1858, sendo a mais antiga da América do Sul. Entretanto, somente a partir de 1888 o esporte começou a ser difundido pelo país e as primeiras competições tiveram início em 1896, também no Rio Grande do Sul.

O primeiro campeonato brasileiro de ginástica aconteceu em 1951, ano da filiação do Brasil à Federação Internacional de Ginástica. Entretanto, a Confederação Brasileira deste esporte só foi fundada em 1979 e isso conferiu mais autonomia para a ginástica no país.

A participação do Brasil em olimpíadas iniciou em 1980, nos Jogos de Moscou, com Claudia Magalhães e João Luiz Ribeiro. No século XX, a melhor participação brasileira nos Jogos Olímpicos aconteceu com a ginasta Luísa Parente, que em Seul (1988) participou da final no individual geral, ficando na 34ª posição. A

partir do ano 2000, as melhores classificações foram com Daiane dos Santos, com o quinto lugar no solo, e Daniele Hypólito, como o 12º no individual geral, ambas nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004.

No que diz respeito aos mundiais, as melhores classificações brasileiras foram com Daiane dos Santos e Diego Hypólito. Ela campeã em Anaheim, 2003, e ele campeão em Melbourne, em 2005, ambos no solo.

a) As provas da ginástica artística⁶

A Ginástica Artística é um conjunto de exercícios corporais sistematizados, aplicados com fins competitivos, em que se conjugam a força, a agilidade e a elasticidade. Os atletas podem competir individualmente - por aparelho ou em todos, no individual geral - e por equipes, onde todos os ginastas competem em todos os aparelhos e é feita a média de pontos da equipe.

Os aparelhos que os ginastas se apresentam são: para as mulheres quatro – exercícios de solo (com fundo musical e duração de 1 minuto e 30 segundos), salto sobre a mesa (de 1,10 m de altura, na horizontal), barras assimétricas (de 2,30 m e 1,50 m de altura), e trave de equilíbrio (de 10 cm de largura e 5 metros de comprimento); e para os homens seis – barra fixa, barras paralelas, cavalo com alças, salto sobre a mesa, argolas e solo (sem fundo musical).

Na apresentação o ginasta precisa fazer os elementos obrigatórios (que são iguais para todos os competidores) e acrescentar outros movimentos para garantir pontos extras. O sistema de pontuação, que foi modificado após os Jogos Olímpicos de Atenas, permite que a nota máxima seja 20 pontos⁷ e funciona da seguinte maneira: antes da apresentação o ginasta entrega ao júri a planilha com os elementos que irá executar, através dela os juízes decidem a nota de partida, que é a nota máxima que aquele ginasta poderá obter, se não cometer erros. Os juízes procuram erros de postura, de execução, dentre outros, para deduzir do valor inicial do atleta. Feitas as deduções tem-se a nota final. O valor de cada elemento e os

⁶ A elaboração desse texto sobre as provas, aparelhos e forma de julgamento foi baseada em informações extraídas dos sites da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e Ginásticas.com.

⁷ Até os Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, a nota máxima era 10.

movimentos obrigatórios de cada aparelho estão no "Código de Pontos" desenvolvido pela FIG. Este código muda a cada quatro anos, após as Olimpíadas.

1.30 Esporte no Jornalismo Gaúcho: alguns aspectos

As primeiras notícias sobre esporte no Rio Grande do Sul foram produzidas pelo jornalista Archymedes Fortini e publicadas pelo jornal Correio do Povo, em 1905. Nesta época, o esporte era praticado nos clubes e sociedades e o futebol era apenas um protótipo de modalidade esportiva. As principais modalidades eram o turfe, o remo e a ginástica. Inicialmente, eram publicadas apenas notas com a informação dos resultados das competições (HATJE, 1996).

Até a década de 1930 era cedido pouco espaço para o esporte nos jornais, mas em 1937, a empresa jornalística Caldas Júnior criou o jornal Folha da Tarde Esportiva, que primeiramente circulava às segundas-feiras. A partir de setembro de 1949 passou a circular diariamente e seguiu assim até maio de 1964, quando voltou a ser semanal. A Folha da Tarde Esportiva foi muito importante para o jornalismo esportivo gaúcho, pois numa época em que o esporte era praticamente amador, o jornal chegava a circular com 50 páginas de notícias esportivas. O jornal foi extinto em julho de 1973.

Até a década de 1960, as matérias continham apenas relatos sobre as competições, e o fato inusitado ficava por conta das fotos que eram publicadas: em todas elas era preciso que o jornalista aparecesse ao lado do entrevistado para confirmar a sua presença no local dos eventos (HATJE, 1996). A partir da década de 1970, começou a ser valorizado o lado humano dos profissionais do esporte e começaram a ser produzidas reportagens sobre a vida e a família dos atletas, técnicos e dirigentes. Essa humanização das pautas já vinha acontecendo em todo o país e de acordo com José Eduardo de Carvalho (2005) isto possibilitou que o jornalismo esportivo passasse “da cozinha para a sala de estar”, pois os textos ficaram mais criativos e com uma linguagem mais elaborada.

As coberturas de Copas do Mundo pelos jornais gaúchos somente tiveram início em 1962, quando a empresa Caldas Júnior em parceria com as Tintas Renner, enviou o repórter Edmundo Soares ao Chile para que fizesse a cobertura. Soares foi repórter e fotógrafo ao mesmo tempo. Depois disso, os eventos internacionais (Copa

do Mundo e Jogos Olímpicos, em especial) começaram a receber atenção maior dos jornais, que mandavam seus repórteres aos locais de competição.

Com a vitória da seleção brasileira na Copa de 1962, começou a haver uma ampliação do espaço destinado ao futebol nos jornais, em detrimento dos outros esportes. Mesmo assim, voleibol, natação, basquete, turfe e automobilismo continuavam a receber espaços razoáveis. Na década de 1970, a seção de esportes dos jornais gaúchos chegou a constituir um terço das publicações (HATJE, 1996). Aos poucos, esse espaço foi diminuindo e hoje ocupa no máximo um oitavo.

Um ponto relevante no desenvolvimento do jornalismo esportivo gaúcho é a chamada especialização dos jornalistas, que começou a ocorrer a partir da década de 1960. Até então, quem escrevia sobre esportes deveria ter conhecimento de várias modalidades e, atualmente, as editorias de esporte são divididas em duas subeditorias: a de futebol e a dos outros esportes.

Além disso, outro ponto a ser destacado é que nos dias atuais, em consequência dessa especialização e, também, da hegemonia da televisão nas coberturas esportivas e da forte presença do marketing e publicidade nas redações, o jornalismo esportivo gaúcho, assim como o do restante do país, está vivendo uma fase de “mecanização da pauta e do discurso” (CARVALHO, 2005), na qual os acontecimentos são inseridos dentro de uma espécie de forma, saindo todos muitos parecidos, e a linguagem ficou mais vulgar, com o uso de expressões do tipo “Colorado jantou o Peixe” ou “O Brasil amarelou?”. Mesmo assim, ainda existem algumas exceções, alguns jornalistas que conseguem manter um padrão de texto mais elaborado e mostrar a emoção do evento com criatividade, sem cair na vulgaridade.

1.3.1. O esporte no Correio do Povo (CP)

O Correio de Povo, de propriedade da Empresa Jornalística Caldas Júnior, como foi visto, foi o primeiro jornal gaúcho a publicar notícias de esporte. Atualmente, pela linha editorial adotada pela empresa desde a reabertura do jornal

na década de 1990, as matérias constituem-se de notícias curtas compostas de lide⁸ e sub-lide, o que dificulta o detalhamento dos temas.

À editoria de esportes são reservadas as últimas páginas do jornal, sendo que de terça a domingo, circula com duas ou três páginas. Nas segundas-feiras o espaço do esporte aumenta para quatro ou cinco páginas, devido à concentração de competições nos finais de semana. Por questões óbvias, a maior parte deste espaço é reservado ao futebol e aos outros esportes só é dado espaço maior quando há competições importantes – como Olimpíadas e Mundiais de Voleibol – ou quando um atleta gaúcho conquista um título importante. Hoje o jornal conta com apenas um colunista esportivo fixo, o jornalista Hiltor Mombach.

À cobertura de grandes eventos, como Copa do Mundo e Olimpíada, é dado um espaço um pouco maior que o habitual. Porém, não são enviados muitos jornalistas para a cobertura local. No caso dos Jogos Olímpicos de Atenas apenas o jornalista e colunista Hiltor Mombach foi enviando.

A linha editorial e o pouco espaço tornam a cobertura esportiva do Correio do Povo bastante superficial, mesmo assim, os atletas e times gaúchos sempre merecem destaque no jornal.

1.3.2. O esporte na Zero Hora (ZH)

Como o jornal Zero Hora foi fundado em 1964 já iniciou suas atividades quando o jornalismo esportivo gaúcho estava mais solidificado. Devido à estrutura do Grupo RBS, o jornal contou desde seu início com boas equipes de profissionais (HATJE, 1996). ZH foi um dos primeiros jornais do país a aderir a humanização das pautas de que falamos anteriormente.

Atualmente, circula com sete ou oito páginas dedicadas à editoria de esportes de terça a domingo. Nas segundas-feiras, é publicado o caderno ZH Esportes, que varia de doze a 20 páginas. Em época de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos são

⁸ Lide: é o parágrafo introdutório de um texto jornalístico, nele devem ser respondidas as perguntas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. A finalidade do lide, de acordo com o que diz o Manual da Folha de São Paulo (2001, p. 28), é “introduzir o leitor na reportagem e despertar seu interesse pelo texto já nas linhas iniciais. Pressupõe que qualquer texto publicado no jornal disponha de um núcleo de interesse, seja este o próprio fato, uma revelação, a idéia mais significativa de um debate, o aspecto mais curioso ou polêmico de um evento ou a declaração de maior impacto ou originalidade de um personagem”.

publicados cadernos especiais diários sobre os eventos, que variam de doze a 20 páginas.

Zero Hora conta com quatro colunistas fixos, sendo 3 jornalistas e um ex-jogador de futebol: Ruy Carlos Ostermann, Paulo Roberto Falcão, Wianey Carlet e Mário Marcos de Souza. Aos domingos e quartas-feiras é publicada a coluna do jornalista David Coimbra, editor-executivo de esportes do jornal, entretanto, o conteúdo desta coluna não é esporte, ela é constituída por textos sobre temas diversos.

Nas coberturas de grandes eventos são enviados repórteres que compõem a equipe da empresa RBS. Quer dizer, o Grupo forma uma equipe composta por repórteres de todos os meios (jornal, rádio, tv e internet) que é enviada ao local de competição. Dessa forma, um jornalista de Zero Hora pode fazer matérias para a RBS TV e vice-versa. Um exemplo foi na Copa do Mundo de 2006, quando o jornalista Ruy Carlos Ostermann fazia comentários e pequenas matérias para o jornal do almoço. A estrutura oferecida pelo Grupo RBS permite que seja feita uma cobertura mais ampla, pois a presença de mais profissionais possibilita que vários assuntos possam receber atenção.

O futebol é o assunto que predomina em ZH, mas dependendo do evento, outro esporte pode ganhar maior destaque. As notícias que envolvem gaúchos também têm preferência. O diferencial deste jornal em relação ao Correio do Povo é o maior espaço destinado aos assuntos e o maior detalhamento, pois são produzidas reportagens. Outro diferencial é a produção de séries especiais sobre temas ligados ao esporte.

2. DE IDENTIDADES, JORNALISMO E ESPORTE

Este capítulo compreende a apresentação da base teórica que norteou a construção dessa pesquisa. Apresentamos aqui uma reflexão sobre os principais conceitos que serão adotados. Inicialmente, abordamos a questão das identidades culturais, representação e de como o jornalismo atua na conformação de identidades. Em seguida, fazemos uma reflexão sobre as relações entre meios de comunicação, esporte e identidades, procurando dar ênfase às conexões entre o jornalismo esportivo e identidade. E, por fim, abordamos a questão da construção da identidade gaúcha.

2.1 Identidades Culturais, Representação e Jornalismo

2.1.1 Identidades culturais

A identidade é definida por Manuel Castells (1999, p. 22) como sendo a “fonte de significado e experiência de um povo”. A identidade é um processo de construção de significados, baseados em um conjunto de atributos culturais que predominam sobre outras fontes de significado. No mesmo sentido, Stuart Hall (2000) entende que a identidade cultural é aquilo que surge do nosso sentimento de “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, em especial, nacionais. Esse sentimento de “pertencimento” Hall denomina “identificação” e Castells (*id. ibid.*) de significado, ou nas palavras deste autor, a “identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada” é denominada significado.

Todo processo de identificação leva, simultaneamente, à inclusão e à exclusão. Ou seja, ele identifica aqueles que são iguais perante algum ponto e os

distingue daqueles que são diferentes. Então, pode-se dizer que a identidade cultural está baseada na diferença cultural. A identidade fundamenta-se na memória e no hábito e afirma-se primeiro num processo de diferenciação-identificação (SODRÉ, 1999) do que é igual e do que é diferente. Quer dizer, uma identidade constrói-se com base no princípio de semelhança e diferença, da mesma forma que ocorre com a construção dos significados. Para Hall (2003) todo significado é dado no processo de relação de semelhança e diferença ou presença e ausência.

Nesse sentido, Kathryn Woodward (2000) afirma que a identidade é relacional, pois, para que exista, ela depende de algo que está fora dela: uma outra identidade. Uma identidade que ela não é, mas que fornece condições para sua existência. Então, a identidade é marcada pela diferença e a diferença é sustentada pela exclusão.

Dentro do campo das ciências sociais, Denis Cucho (1999) estabelece distinção entre três concepções de identidade: a objetivista, a subjetivista e a relacional/situacional.

Na concepção objetivista a definição de identidade é concebida a partir de critérios determinantes e objetivos, como a língua, a cultura, a religião ou o vínculo a um território. Nessa concepção, a identidade seria algo determinado sem a consciência do indivíduo, seria algo inerente a ele e que o marcaria permanentemente conduzindo-o ao seu grupo originário. Em outras palavras, o sujeito nasceria com uma identidade e permaneceria com ela ao longo de sua existência.

Tal concepção aproxima-se daquilo que Woodward (2000) chama de perspectiva essencialista de identidade. Essa perspectiva, que pode estar baseada tanto na história como na biologia, entende a identidade como conjunto de características que são semelhantes, inerentes e inalterados em um determinado grupo de pessoas.

A concepção subjetivista entende que a identidade cultural parte de um sentimento de vinculação ou uma identificação com algo. Aqui, “[...] o importante são então as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões” (CUCHE, 1999, p. 181). Quer dizer, nesta concepção a identidade é algo pessoal e depende das identificações e escolhas do indivíduo. Embora, a linha subjetivista tenha importância para a área da Psicologia, nas Ciências Sociais ela é

considerada incompleta, pois a identidade não pode ter um sentido atributivo uma vez que ela não é estática.

Na concepção relacional/situacional a identidade é compreendida dentro de uma relação que opõe um grupo aos demais grupos que formam determinada sociedade. Ou seja, a identidade é sempre vista num contexto de relações sociais, em relação a uma outra identidade. A identidade é sempre uma negociação entre “auto-identidade” e “hetero-identidade”, sendo esta definida pelos outros enquanto aquela é uma definição do próprio indivíduo. Segundo Cuche (1999, p. 184), “a auto-identidade terá maior ou menor legitimidade que a hetero-identidade, dependendo das relações de poder entre os grupos em contato”. Isto significa que, quando há um processo de dominação, a hetero-identidade pode levar à estigmatização dos grupos minoritários, causando uma identidade negativa, pois como há a predominância de características atribuídas pelos “outros”, estas podem ser apenas de caráter negativo. Um exemplo foi a representação dos judeus construídas pelos Nazistas alemães: nela só haviam valores negativos, que acabaram levando à estigmatização do povo judeu como uma “raça inferior”, causadora de todos os problemas existentes na Alemanha do início do século XX.

A concepção relacional/situacional aproxima-se da perspectiva construcionista ou não-essencialista apontada por Woodward (2000), a qual procura entender as diferenças e os pontos em comum de um grupo com outros grupos e, também, as mudanças que ocorrem nessas características partilhadas ao longo dos anos.

As duas primeiras concepções apontadas por Cuche possuem problemas. Enquanto a objetivista descreve a identidade a partir de um critério determinante, a subjetivista centra-se no sentimento de vinculação, o que pode reduzir a identidade apenas à vontade do sujeito. O que falta para essas concepções é considerar o contexto relacional. Por esse motivo, a linha que melhor pode entender a questão da identidade é a relacional/situacional.

Conforme esta concepção, a identidade está sempre se transformando. Stuart Hall (2000) também entende que com o processo de identificação acontece a mesma coisa. O sujeito não possui apenas uma identidade, mas identifica-se com várias identidades em vários momentos de sua vida, mesmo que temporariamente. Isso acontece porque “na medida em que os sistemas de significação e

representação cultural se multiplicam” (HALL, 2000, p. 13), o indivíduo é exposto a uma gama enorme de identidades.

Como a identidade está em constantes variações, reformulando-se e até sendo manipulada, alguns autores falam em “estratégia de identidade”⁹, na qual a identidade “é vista como um meio para atingir um objetivo. Logo a identidade não é absoluta, mas relativa” (CUCHE, 1999, p. 196).

Porém, os atores sociais não têm liberdade completa para definir sua identidade de acordo com suas necessidades. As estratégias levam em conta, também, a situação social na qual esse indivíduo está inserido e as relações de poder existentes entre os diversos grupos. Em outras palavras, a identidade é socialmente construída. Ao mesmo tempo em que ela é atribuída pelos outros, o ator também se identifica com ela.

Como o aspecto estratégico da identidade não exige uma consciência clara do objetivo a ser alcançado, algumas identidades apresentam fenômenos que podem ser chamados de eclipse ou de despertar da identidade. Segundo Cuche (1999, p. 198) esses fenômenos são a “reinvenção estratégica de uma identidade coletiva em contexto completamente novo”.

Esse conceito de estratégia pode, também, explicar as alterações provocadas pelos deslocamentos de identidade, pois através dela pode-se perceber como os fenômenos identitários são relativos. A identidade, seguindo Cuche (1999, p. 198), “se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações”.

2.1.2 Identidades culturais e representação

O circuito da cultura que é proposto por Stuart Hall em “*Representation – Cultural representations and signifying practices*” (1997), relaciona representação, identidade, produção, consumo e regulação. Neste circuito, a cultura é articulada por todos esses elementos e está vinculada a significados partilhados, sendo que é através da linguagem que esses significados são produzidos e compartilhados por

⁹ Dentre estas estratégias a mais extrema é aquela na qual o sujeito oculta a sua verdadeira identidade para não ser discriminado. Um exemplo foi dado pelos judeus na época do Nazismo, quando muitos acabaram tendo de se converter para não serem perseguidos pelos soldados de Hitler. Por vezes essa conversão não era completa, e alguns continuaram a seguir secretamente alguns rituais judaicos.

todos. Nesse sentido, a representação é um momento-chave do circuito e uma prática central que gera cultura. Chamamos representação o processo no qual membros de uma mesma cultura fazem uso da linguagem – através de sistemas de significação (fala, escrita, mídia, cinema, etc.) - para produzir significados (HALL, 1997).

A linguagem é o meio pelo qual as pessoas atribuem sentido às coisas, através dela nossos pensamentos, idéias e sentimentos são representados na cultura. Numa apropriação das idéias de Hall, João Batista dos Santos (2004, p. 37) vai afirmar que a linguagem é capaz de construir significados, porque “funciona como um sistema de representações, empregando sinais e símbolos, que significam ou representam para outras pessoas nossas idéias, como também nossos sentimentos”.

A representação, através da linguagem, é central no processo pelo qual os significados são produzidos. Esse processo envolve o uso de signos e imagens que representam alguma coisa e é através desse significado que foi construído que podemos nos referir ao mundo real ou ao mundo imaginário.

No processo de significação da cultura existem dois sistemas de representação que estão relacionados entre si. No primeiro sistema todos os tipos de objetos, pessoas e eventos são correlacionados a um grupo de representações mentais. É através dessas representações que ocorre a interpretação significativa do mundo. O segundo sistema diz respeito à linguagem e pertence ao processo de construção do significado. Através da linguagem os mapas conceituais partilhados são traduzidos e isso possibilita fazer relações entre conceitos e idéias com determinadas palavras, imagens visuais e outros elementos, denominados signos. Hall denomina o primeiro sistema de representação de “código cultural” e o segundo de “código lingüístico”.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) nos traz uma outra forma de entender esses sistemas de representação. Para ele, na história da filosofia ocidental a idéia de representação sempre esteve ligada a tentativas de tornar o “real” presente. Assim, a representação se apresenta em duas dimensões: a externa, que representa o “real” por meio de um sistema de signos - como a pintura, por exemplo – ou pela própria linguagem; e a interna ou mental, que é a representação do “real” que acontece na consciência do indivíduo.

É importante deixar claro que neste trabalho o que conta é a representação externa ou, como chama Hall, o sistema lingüístico da representação, pois através dela a representação é pensada em sua dimensão significativa, como um sistema de signos, como uma marca material que pode ser expressa através de um filme, de uma fotografia, de uma pintura, de um texto de jornal, etc.

Os sistemas de representação são empregados em função de serem formados por modos de organização distintos, agrupamentos e classificação de conceitos e pelo estabelecimento de complexas relações entre eles. Portanto, os sistemas não são conceitos individuais. Para criar relações entre conceitos ou para diferenciá-los uns dos outros fazemos uso de princípios de semelhança e diferença. Quer dizer, identificamos coisas que são iguais perante algum ponto e as distinguimos naquilo em que são diferentes. O próprio Hall nos dá um exemplo de como isso funciona: “eu tenho a idéia de que pássaros são como aviões no céu baseado no fato de que ambos voam, porém eu também sei que em outro sentido eles são diferentes, pois um é parte da natureza e o outro é produto do homem” (HALL, 1997, p.17, tradução nossa).

Quando se diz que pertencemos a uma mesma cultura significa que para nos comunicarmos utilizamos os mesmos mapas conceituais, fazendo com que o modo como interpretamos ou entendemos o mundo seja semelhante. No entanto, para que possamos trocar significados e conceitos é necessário que, também, tenhamos acesso a uma linguagem comum. Dessa forma, saberemos que significado corresponde a que coisa.

Os signos são organizados dentro da linguagem e é a existência de uma linguagem em comum que nos permite traduzir pensamentos ou conceitos em palavras, sons ou imagens. Então, operando a linguagem podemos expressar significados e comunicar coisas com outras pessoas.

Para interpretar um signo é necessário que a pessoa tenha acesso aos dois sistemas de representação – cultural e lingüístico. A tradutibilidade de um signo origina-se de convenções sociais, ou seja, ela é socialmente instituída. Uma criança não nasce sabendo dessas convenções, pois isso não está inscrito em seu código genético. “Elas aprendem o sistema de representação e as convenções da representação, os códigos de sua linguagem e cultura, que as preparam com ‘know-how’ cultural, permitindo que elas funcionem como sujeitos competentes culturalmente” (HALL, 1997, p. 22, tradução nossa). Esses códigos vão sendo

gradualmente e inconscientemente internalizados e permitem ao sujeito expressar certos conceitos e idéias através de seus sistemas de representação e interpretar idéias que são comunicadas pelos outros por meio desses mesmos sistemas. Então, pertencer a uma mesma cultura significa partilhar de um mesmo universo conceitual e lingüístico.

Três abordagens explicam o funcionamento da representação por meio da linguagem: abordagem reflexiva, abordagem intencional e abordagem construcionista (HALL, 1997).

A abordagem reflexiva considera que o significado está no objeto, pessoa ou idéia do mundo real e que a linguagem funciona como um espelho refletindo o real significado, uma vez que ele já existe no mundo. Dessa forma, a representação é tida como um simples reflexo daquilo que representa, não sendo considerada a influência do indivíduo e do contexto social na sua produção. E, é aí que está o defeito desta abordagem.

A abordagem intencional considera o falante/autor como sendo quem determina ao mundo, através da linguagem, o seu significado. Esse significado seria único. As palavras significam exatamente o que o autor quer que elas signifiquem. Hall acredita que essa abordagem possui defeitos, pois não se pode dizer que somos a única origem dos significados, que temos uma linguagem particular. Para nos comunicarmos é necessário que partilhemos de mapas conceituais. Quer dizer, por mais particular que uma linguagem possa ser ela precisa estar inserida nos códigos e convenções da linguagem. Afinal, a linguagem é um sistema social.

Por fim, a abordagem construcionista ou construtivista, que para Hall é a que tem maior importância para os estudos culturais. Essa abordagem não considera que o significado é fixado na linguagem através das coisas por si mesmas ou pelos indivíduos, mas “entende o caráter público e social da linguagem” (SANTOS, 2004, p. 42). Uma coisa por si só não significa, os significados são construídos através dos sistemas de representação, quer dizer, de conceitos e signos. Hall chama a atenção para que nessa abordagem, não seja confundido o mundo material, no qual coisas, objetos e pessoas existem, com as práticas e processos simbólicos através dos quais a representação, o significado e a linguagem operam. Para os construtivistas é o sistema lingüístico que faz a transmissão do significado e não o mundo material.

Os atores sociais fazem uso dos sistemas conceituais de sua cultura, do sistema lingüístico e de outros, para produzir o significado, para tornar o mundo significativo e para comunicar acerca desse mundo às outras pessoas (SANTOS, 2004, p. 42).

A representação é tida como uma prática que faz uso de objetos materiais e efeitos, mas o significado depende da função simbólica do signo e não da sua qualidade material. Os signos por eles mesmos não produzem significados. Para produzir significado é necessário haver uma relação entre o signo e o seu conceito, previamente fixado pelo código.

Dentro dessa abordagem há duas importantes perspectivas que são: a semiológica¹⁰, influenciada por Ferdinand Saussure e a discursiva, influenciada por Michel Foucault. Na perspectiva semiológica, a representação fundamenta-se na maneira pela qual as palavras trabalham como signos internos da língua, sendo necessário considerar que, muitas vezes, o significado depende de unidades de análise mais amplas, como narrativas, grupos de imagem e discursos. Nesse sentido, a representação está estreitamente ligada à linguagem.

A perspectiva discursiva considera que a construção do conhecimento se dá por meio do discurso. Michel Foucault entendia o discurso como um sistema de representação.

O discurso está relacionado à produção de conhecimento por meio da língua, mas considerando que o total das práticas sociais transmite significados e estes dão forma e influenciam nossas ações, todas as práticas apresentam um aspecto discursivo (SANTOS, 2004, p. 44).

Hall (1997) adverte que o discurso é mais que um conceito lingüístico, ele está relacionado à língua e a prática, indo além da definição comum que diferencia o que se diz – língua – e o que se faz – prática. Para ele, o discurso define e produz os objetos de nosso conhecimento e, também, regula as formas de falar e pensar sobre determinado tema. Além disso, o discurso está relacionado com as relações de poder, pois influencia o modo como os temas serão utilizados de forma a controlar a conduta das pessoas.

¹⁰ Embora Hall utilize o termo Semiótica, optou-se neste trabalho pela denominação Semiologia, pois entendemos, com base em António Fidalgo (2007), que esta é a corrente da Ciência dos Signos que foi influenciada por Saussure, enquanto que Semiótica é a corrente teórica fundada por Charles Peirce.

Dentro dessa perspectiva, a identidade aparece como sendo dependente da representação, pois precisa desta para existir.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2000, p.17).

A representação, segundo Woodward (2000), entendida como um processo cultural, vai estabelecer identidades – individuais ou coletivas – e os sistemas simbólicos nos quais a representação está baseada “fornecem respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser” (p. 17). Dessa forma, a representação constrói lugares a partir dos quais um indivíduo pode se posicionar e pode falar.

Então, entendendo que a identidade é um processo de produção simbólica e discursiva que torna possível nos reconhecermos enquanto sujeitos em dada sociedade, ela só irá existir se os sentidos produzidos pelos sistemas de representação forem aceitos e apropriados pelas pessoas.

As representações são produzidas e consumidas em diferentes instâncias e estão submetidas a processos de regulação social e às relações de poder - que podem ser explícitas ou veladas – e, “[...] isso está diretamente ligado à construção dos valores, à cristalização de conceitos e preconceitos, à formação do senso comum, à constituição das identidades sociais, quais sejam nacionais, de gênero, étnicas, sexuais, geracionais, políticas, religiosas, culturais” (HINERASKY, 2004, p. 76).

2.1.3 O Jornalismo como conformador de identidades

Tomando a discussão acima, buscamos agora entender como o jornalismo contribui na conformação e reelaboração de identidades. Para tanto, é necessário considerar que os meios de comunicação de massa são na atualidade uma das instituições mais influentes da sociedade, transformando-se num dos principais instrumentos de construção social da realidade, e que, dentro desse universo, o jornalismo a constrói quando ao relatar um acontecimento transforma-o em uma

narrativa, difundindo-o e convertendo-o em uma realidade pública (FELIPPI, 2003). Miguel Alsina ao falar sobre esta questão afirma que, embora o jornalismo se apresente apenas como transmissor da realidade e não como um construtor, a notícia é, na verdade, “uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível” (*apud* FELIPPI, 2003, p. 4, tradução nossa).

É através desta característica que o jornalismo pode atuar na construção ou reelaboração de identidade. Para isso, buscamos na abordagem construtivista do jornalismo¹¹, a idéia de que a notícia não é um espelho da realidade, mas sim uma construção discursiva que produz sentidos, mobilizando a memória discursiva e produzindo identificações nos indivíduos.

Partindo da abordagem construtivista é possível entender as notícias como narrativas ou “estórias”, o que não quer dizer que elas sejam objetos de ficção. Ao contrário, notícias são uma convenção, isto é, são algo que é culturalmente instituído. Isso significa que as notícias ajudam a entender o mundo na medida em que remetem a algo previamente conhecido. Ao construir uma narrativa noticiosa, o jornalista opera com os “mapas de significado que lhe possibilitam trazer o acontecimento que até então era algo desconhecido para a ordem do significativo (HALL *et. al.*, 1993). Esses mapas de significado, como já foi dito ao abordar a questão das identidades e da representação, são conhecimentos em comum partilhados por pessoas de uma mesma cultura e que servem como guias permitindo a elas uma interpretação semelhante do mundo.

A explicação de Hall *et. al.* (*idem*) permite compreender que um acontecimento só será escolhido para se tornar notícia se fizer algum sentido dentro da cultura na qual o jornalista está inserido. Para ele, isso permite que a sociedade seja construída de forma consensual, mas não sem a existência de diferenças:

[...] quando os acontecimentos são ‘delineados’ pelos media em enquadramentos de significado e interpretação, supõe-se que todos nós possuímos e sabemos igualmente como utilizar esses enquadramentos, que eles são extraídos fundamentalmente das mesmas estruturas de compreensão para todos os grupos sociais e públicos. Claro que na formação de opinião, como na vida política e econômica, permite-se que haja diferenças de pontos de vista, desacordo, argumento e oposição; mas isto é entendido como

¹¹ A abordagem construtivista do jornalismo surge na década de 1970, em oposição às visões positivistas que viam o jornalismo como um espelho capaz de refletir a realidade (BENETTI, 2006).

realizando-se dentro de um enquadramento concordante e básico mais lato – ‘o consenso’ -, o qual todos subscrevem, e no qual toda contestação, desacordo ou conflito de interesses pode ser reconciliado pela discussão, sem recurso ao confronto ou à violência (HALL *et. al.*, 1993, p. 227).

Tal entendimento da construção das notícias permite dizer que elas são, ao mesmo tempo, construções da cultura e representações desta. Dessa forma, dentro das convenções que guiam o jornalista (tanto da comunidade jornalística quanto da sociedade em que está inserido), as notícias serão construídas a partir da forma como este percebe a realidade, podendo “as narrativas serem elaboradas através de metáforas, exemplos, frases feitas e imagens, ou seja, símbolos de condensação” (GAMSON *apud* TRAQUINA, 1993, p. 169) e serem utilizadas repetidas vezes, criando a sensação de que tal história já foi lida antes.

Então, como o jornalista busca colocar os acontecimentos dentro dos “mapas de significado” partilhados pela sociedade, ele se apropria de elementos da cultura em que está inserido para produzir suas matérias e assim produzir significados. Dessa forma, o jornalismo – e a mídia em geral – acaba fortalecendo identidades culturais já existentes ou construindo novas identidades.

2.2 Relações entre Identidade, Meios de Comunicação e Esporte

Entendido o processo de construção das identidades e a forma como o jornalismo atua como um campo onde as identidades se manifestam, é preciso compreender agora a inserção do esporte neste contexto. Para tanto, é necessário primeiro desfazer a idéia que concebe o esporte apenas como um meio de distração ou evasão dos indivíduos.

Nesse sentido, Miguel de Moragas Spà (1994) argumenta que o esporte deve ser visto como algo que transcende o âmbito da atividade física, pois na sociedade contemporânea ele passa a agir sobre a cultura cotidiana, através do esporte-espetáculo. Isto é, o esporte passou a influir nos processos de socialização, capaz de determinar como os sujeitos utilizam seu tempo livre, principalmente através da televisão, e se torna referência nos processos de identificação. Dessa forma, para entender tal fenômeno é necessário superar a concepção que vê o esporte apenas

como alienação e que entende as suas formas de apropriação pelo público apenas como distração ou evasão:

Devemos rejeitar aquela visão simplista, surgida de uma aplicação dogmática do conceito de *alienação*, que atribui ao espetáculo esportivo a máxima do *'pão e circo'*, interpretando o uso popular do esporte unicamente como uma forma de distração, de evasão, de *alienação* diante dos problemas reais que afetam a sociedade. Existe, com efeito, um sem fim de utilizações populares do espetáculo esportivo que não podem ser esquematizadas, nem desautorizadas, de uma forma tão simples. O tema deve ser tratado como uma questão mais aberta (MORAGAS SPÀ, 1992, p. 38, tradução nossa).

Seguindo a linha de raciocínio de Moragas Spà, devemos superar aquela visão de que o esporte é utilizado pelas classes dominantes como um instrumento para desviar a atenção do público. O esporte é uma manifestação cultural que envolve outros elementos e precisa ser compreendido levando-se em conta o seu papel no imaginário e na organização da vida cotidiana das pessoas.

Através do esporte se configuram diversos sistemas de valores em nossa cultura: processos de iniciação social e identificação coletiva, de delimitação de diferenças geopolíticas e das relações internacionais, dos nacionalismos, dos valores do corpo e da atividade, do esforço e da aprendizagem, do ócio como atividade e como espetáculo, da juventude e da maturidade, do êxito e do fracasso, do companheirismo e da rivalidade (MORAGAS SPÀ, 1992, p. 16, tradução nossa).

Compreender esse papel social e simbólico do esporte implica relacioná-lo com os meios de comunicação. Sendo um espetáculo de massas de grande dimensão simbólica, o esporte é capaz de criar ou reforçar identidades (ARBENA, 1997) e é através da sua relação com os meios de comunicação que o esporte consegue expressar os valores por ele produzidos ou reproduzidos.

Esporte e meios de comunicação se influenciam mutuamente. A influência do esporte sobre os meios se reflete, principalmente, na sua programação e em sua economia. Abordar questões esportivas, transmitir eventos e competições geram audiência e lucros para as empresas de comunicação¹². Grandes eventos

¹² Para se ter uma idéia, na Copa do Mundo de 2002 (realizada no Japão e na Coréia do Sul), na qual a seleção brasileira foi campeã, a Rede Globo pagou 150 milhões de reais pela transmissão exclusiva dos jogos (esta quantia foi recuperada com a venda das cotas de patrocínios), e chegou a registrar índices de audiência de 69 pontos, o que significa que de cada dez aparelhos de televisão ligados,

esportivos, como Copas do Mundo e Olimpíadas, atraem patrocínios milionários para os veículos de comunicação¹³.

Outra importante influência do esporte nos meios de comunicação é a implantação de novas tecnologias de comunicação. Os principais desenvolvimentos tecnológicos foram testados ou colocados em prática durante as Olimpíadas ou Copas do Mundo. Durante os Jogos de Berlim, em 1936, foram feitas transmissões experimentais da televisão. Em Tóquio, (1964) foi realizada a primeira transmissão por satélite. Em Seul (1988) foi feita a primeira cobertura com televisão de alta definição. Em Barcelona (1992) foram utilizados os primeiros equipamentos digitais, e nos Jogos de Inverno em Nagano (1998), foi realizada a primeira transmissão de vídeo pela internet (QUIROGA, 2000). E, no caso brasileiro, a rede Globo realizou as primeiras transmissões digitais no país durante a Copa do Mundo da Alemanha, em 2006.

Já a influência dos meios de comunicação sobre o esporte é mais intensa. Até os anos 1970, o esporte manteve certa autonomia em relação aos meios de comunicação, porém a influência destes sobre ele e a sua conseqüência no relacionamento com o público mudou quando iniciaram as transmissões ao vivo, pela televisão, e os meios passaram a ser co-autores dos eventos esportivos, quando os ginásios e os estádios se converteram em cenários da televisão. Segundo Quiroga (2000), os meios de comunicação se converteram em atores e produtores das novas formas culturais do esporte.

Os meios de comunicação afetam a regulação das modalidades, mudando regras para torná-las mais atrativas. Atualmente o esporte acompanha a lógica do entretenimento e milhares de atletas e equipes competem para ser “consumidos” pela televisão e seus telespectadores. A televisão, por sua vez, paga altas quantias para comprar os direitos de transmissão dos principais eventos esportivos do mundo e, em contrapartida, exige que os esportes se adaptem à sua grade de programação. Um exemplo disso foi a mudança na regra do vôlei, que passou a ter o sistema de *rally point*¹⁴ e assim, seu tempo foi reduzido de três horas em média,

nove estavam sintonizados na emissora e isso, mesmo com jogos transmitidos durante a madrugada (CASTRO, 2004).

¹³ Na Copa de 2006, a Rede Globo cobrou R\$ 53 milhões por cota de patrocínio, a Sportv R\$ 14 milhões e a ESPN Brasil, R\$ 8,1 milhões (GALVÃO, 2005).

¹⁴ Nesse sistema sempre que a bola tocar o chão é ponto. Antes a pontuação funcionava no sistema de vantagens: só era marcado ponto quando a equipe que sacava colocasse a bola no chão.

para aproximadamente uma hora e meia. Mas, o exemplo mais relevante no Brasil foi a alteração, na década de 1990, do horário das partidas de futebol para o horário nobre da televisão.

Essa relação entre meios de comunicação e esporte afeta também o jornalismo, pois a lógica do entretenimento acaba provocando uma pressão sobre os jornalistas para que estes sirvam aos interesses comerciais. “O jornalismo esportivo, no limite de suas próprias rotinas produtivas, fica preso entre as demandas da indústria e a sua fidelidade ao interesse público” (QUIROGA, 2000, p.06, tradução nossa).

Além disso, os meios também influenciam no âmbito cultural do esporte. Depois que os esportes passaram a fazer parte do jogo midiático, a relação entre o esporte e as pessoas foi amplamente afetada e, a partir desse momento, a vitória e a derrota passaram a ser acontecimentos coletivos ou nacionais (MORAGAS SPÀ, 1994). Quer dizer, o triunfo pela vitória não é apenas do atleta ou do time, é o triunfo da Nação e a derrota é um drama vivido por todos.

Outra influência importante destacada por Moragas Spà é a “telenovelização” (1994) do esporte, que se constitui por uma transposição das formas e dos valores narrativos das telenovelas para as narrativas esportivas. Com isso, a forma de narrar os acontecimentos esportivos tornou-se mais dramatizada, levando a uma “vedetização” dos atletas e ao surgimento dos heróis do esporte. Outra consequência da “telenovelização” é a produção de narrativas que exploram e colocam em oposição valores como bondade/maldade, êxito/fracasso, sorte/azar, vitória/derrota ou próximo/distante. Isto, leva a um processo de identificação do público com as equipes e os atletas.

Por causa dessa “telenovelização”, os meios de comunicação acabam promovendo uma hierarquização dos esportes de acordo com a espetacularidade destes e sua capacidade de atrair a atenção do público. A consequência disso é a maior visibilidade dada às equipes e aos atletas vitoriosos. De acordo com Pierre Bourdieu (1997), isso ocorre porque os jornalistas e os demais profissionais dos meios de comunicação procuram sempre por atletas que são capazes de satisfazer o orgulho nacional, transformando assim, eventos como Copas do Mundo e Olimpíadas em jogos de campeões.

O esporte-espetáculo apresentado pelos meios de comunicação de massa é capaz de mobilizar pessoas e promover formas de identificação, que pode ser do

público com o atleta, com o time ou com o país que está sendo representado. Todo espetáculo esportivo também envolve um processo de identificação e de diferenciação, pois sempre temos equipes competindo. Sempre é o meu time contra o seu, é a seleção brasileira contra a seleção Argentina, que acaba se transformando no Brasil *versus* Argentina. Nesse processo, as narrativas sobre esporte produzidas pelos meios de comunicação acabam se articulando com as narrativas das identidades, que podem ser nacionais (no caso Brasil x Argentina) ou regionais (por exemplo, quando a seleção gaúcha de basquete joga contra a seleção paulista). Pesquisadores do assunto, como Pablo Alabarces (2002); Antônio Jorge Soares, Ronaldo Helal e Marco Antônio Santoro (2004), afirmam que nessas articulações das narrativas dos meios de comunicação com as narrativas identitárias há uma exaltação das identidades já existentes.

Para poder afirmar identidades, os meios de comunicação acabam construindo tradições esportivas. Numa pesquisa feita por Soares, Helal & Santoro (2004), sobre futebol, imprensa e memória, os autores afirmam que através de discursos construídos com base na memória de acontecimentos esportivos passados, a imprensa constrói tradições que são suscitadas pela necessidade de afirmação de identidades. Quer dizer, a imprensa mantém e, também, constrói memórias que servem na afirmação de identidades:

[...] os jornais têm sido um dos mais relevantes veículos de manutenção e 'construção' da memória. Rememorar qualquer evento que ligue o presente no passado tornou-se um dos motes do fazer jornalismo. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre gerações de aficionados pelo esporte. [...] De fato, a tradição é construída pelas demandas do presente de afirmação de identidades, seja coletiva ou individual (SOARES, HELAL & SANTORO, 2004, p. 63) .

Ou seja, as narrativas dos meios de comunicação sobre o esporte utilizam recursos que suscitam o sentimento de identificação coletiva em torno de uma identidade já existente. No caso descrito acima, o recurso jornalístico de utilizar histórias de vitórias ou derrotas coloca o presente em continuidade com o passado e funciona como defesa diante a imprevisibilidade das disputas esportivas. Além disso, esse recurso apresenta o esporte “como um ‘drama’ que coloca a identidade em permanente tensão” (SOARES, HELAL & SANTORO, 2004, p. 63). Os jornais

maximizam ou reforçam o imaginário sobre o esporte e a memória serve como um elo identitário. Quando se rememoram acontecimentos, mesmo que haja esquecimentos, há um movimento no intuito de reconstruir e traduzir o que se idealiza como o “futebol brasileiro” e o povo brasileiro.

As narrativas produzidas sobre o esporte, em muitos momentos, apropriam-se de elementos constitutivos das identidades para descrever qualidades dos atletas e das equipes, que são consideradas especiais e que dessa forma as distinguiriam dos demais atletas e das demais seleções. Sobre isso, Édison Gastaldo (2003, p.2) afirma que “o futebol jogado no Brasil é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-os de significado que ultrapassam as estritas linhas do campo de jogo”. Assim, o futebol brasileiro é descrito como futebol-arte e a ele são atribuídos elementos como a genialidade, a malandragem e a habilidade que segundo os jornalistas e intelectuais fazem parte da identidade nacional. E essas características são sempre utilizadas quando se quer falar da superioridade brasileira no esporte.

Em esportes não muito conhecidos, ou melhor, não muito difundidos pelos meios de comunicação, essa relação entre as narrativas sobre esporte e as sobre identidades também acontece. Como exemplos, temos o piloto de Fórmula-1 Ayrton Senna e o tenista Gustavo Kuerten. As narrativas sobre os dois foram construídas com elementos de brasilidade. No caso de Senna a sua forte ligação com a bandeira e o hino nacional (VAZ, 2002) e no de Guga o seu jeito “malandro”, as roupas com as cores da bandeira do país e até as bananas que ele comia nos intervalos dos sets foram usadas na sua representação de um brasileiro típico (VAZ, 2002; BARTHOLO & SOARES, 2006).

Para os pesquisadores Tiago Bartholo e Antonio Jorge Soares (2006), nestes casos de modalidades esportivas menos conhecidas, essa ligação à identidade nacional também é uma estratégia da imprensa para fazer com que o público se identifique com o atleta. Na pesquisa que eles realizaram sobre Gustavo Kuerten, foi constatado que, junto com a vinculação do atleta ao Brasil, a imprensa também procurou desfazer a imagem do tênis como um esporte de elite: “As narrativas buscam desconstruir a imagem tradicional do tênis, visto por muitos como um esporte de elite, associando a figura de Guga, loiro com sobrenome alemão, à identificação nacional, a saber: ‘é um moleque alegre tal como o povo é’” (BARTHOLO & SOARES, 2006, p. 14).

Essa articulação das narrativas midiáticas com as das identidades é muito importante na lógica da indústria cultural, pois esse discurso atrai público para seus produtos. Nesse sentido, o pesquisador argentino Pablo Alabarces vê o futebol como uma mercadoria que, segundo ele, é fundamental para a indústria cultural porque reúne três condições fundamentais, que são: a sua história (vinculação com a constituição nacional), a sua epicidade e a sua dramaticidade. E, sendo uma mercadoria, os discursos sobre o futebol descrevem a Nação como ato de consumo, levando a uma “futebolização” da cultura, onde os meios de comunicação “descrevem uma instância imaginária, o desejo de nação” (ALABARCES, 2002, p. 31).

Seguindo a lógica da indústria cultural, um elemento importante no processo articulação entre esporte e identidades culturais é o ídolo esportivo. Os discursos sobre as modalidades esportivas produzidos pela mídia precisam de personagens que sustentem as histórias, porém somente vira ídolo aqueles atletas que obtêm bons resultados. Alabarces (1997) afirma que para um esporte se transformar em elemento das identidades é preciso que ele obtenha sucesso em grandes competições e tenha heróis que suportem o caráter épico da identidade. Esses ídolos se transformam em exemplos para a população que se identifica com ele, se espelha nele, torce por ele e sofre com ele. Dessa forma, o esporte-espetáculo cria ídolos que representam grupos sociais e que permitem processos de sublimação e identificação que reforçam o sentimento de pertencimento a esse grupo (MORAGAS SPÀ, 1994).

Conforme o que dissemos até agora, o esporte é um elemento importante da cultura de massa e deve ser compreendido dentro de um contexto que não o veja apenas como “o ópio do povo”, pois ele é capaz de expressar alguns dos valores da sociedade contemporânea. E é na relação com os meios de comunicação de massa que os valores do esporte são promovidos e difundidos.

2.3 As Representações do Gauchismo: entendendo a identidade gaúcha

Depois de tratar sobre como as identidades são representadas, como o jornalismo atua como construtor/reprodutor de identidades e de abordar as relações

existentes entre meios de comunicação, esporte e identidade, é preciso pensar as representações da identidade gaúcha para, assim, entender como ela irá funcionar na construção de discursos sobre a ginasta Daiane dos Santos.

Como já dissemos antes, as identidades dependem da representação para existir. Uma identidade vai adquirir sentido “por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 08). Dessa forma, a construção da identidade gaúcha está condicionada às formas como ela é representada.

Na construção da identidade gaúcha há a predominância da representação de um tipo social específico: o gaúcho. Este aparece como um homem ligado ao meio rural - do pampa – apegado ao seu cavalo, que é corajoso, justo, honesto e valente. Essa representação, que circula até hoje em diversos discursos, foi sendo construída graças a condições históricas que possibilitaram seu aparecimento e sua incorporação por diversos setores da sociedade. Hoje, a figura do gaúcho é tida como símbolo de todos aqueles que nasceram no Rio Grande do Sul e, conforme afirmam Letícia Freitas e Rosa Silveira (2004, p. 267), “os discursos pedagógicos da escola, da mídia, e as comemorações e artefatos do nosso cotidiano, interpelam sujeitos, ‘convidando-os’ a tornarem-se gaúchos e gaúchas de acordo com a representação contida nesta figura mítica”. Mas, para entender como aconteceu a institucionalização dessa representação dentro da cultura gaúcha é necessário conhecer os processos históricos que levaram a ela.

A construção da identidade gaúcha foi um processo histórico que esteve sempre baseado na tensão entre autonomia e integração da relação do Rio Grande do Sul com o Brasil, que se deve, em parte, a posição geográfica do estado e também decorre da sua integração tardia ao resto do país, já que o Rio Grande do Sul só se integrou às atividades econômicas do Brasil um século depois da sua “descoberta”, no início do século XVI (OLIVEN, 1992).

Nesse processo de construção da identidade gaúcha, Ruben Oliven (1992) aponta cinco elementos que foram recorrentes no discurso em períodos distintos da história. O primeiro é o caráter de fronteira do Rio Grande do Sul, o segundo é que o gaúcho é brasileiro por opção – já que escolheu pertencer ao Brasil e não ao Império Espanhol. O terceiro elemento decorre do segundo e diz respeito ao alto preço pago por essa opção, em função das guerras em que o estado teve que se envolver e a necessidade de ir contra o Estado quando se sentiu injustiçado e, também, por ter

que intervir nas crises políticas do país. O quarto elemento é a existência de um tipo social específico – o gaúcho – e o quinto é a autenticidade dos costumes e comportamentos.

Esses elementos estão presentes nos dias atuais e funcionam como um mito, pois de acordo com Oliven (1992, p. 49) “as peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até os nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente”.

A continuidade desse “substrato básico” do discurso regionalista indica que os significados produzidos por ele têm uma forte adequação às representações da cultura gaúcha, pois é através deles que o gaúcho se reconhece e é reconhecido.

São nesses processos de reconhecimento de uma região como tal que surgem as figuras unificadoras que, segundo Maria Eunice Maciel (1994, p. 178) representa a região “evocando uma relação homem-território” e que, no caso do Rio Grande do Sul, é a figura do gaúcho.

A figura do gaúcho nem sempre foi positiva e até se transformar num símbolo do Rio Grande do Sul sofreu algumas transformações culturais. Houve uma ressemantização do termo, no qual seu significado passou de algo negativo e pejorativo - que remetia a um tipo marginal e desviante - a algo positivo, capaz de unificar as principais características do povo gaúcho (OLIVEN, 1992). A imagem criada representa a miscigenação, a democracia racial, a igualdade social, o heroísmo, a valentia, a virilidade e a honestidade.

Trata-se essencialmente de um fenômeno ideológico o processo de construção do gaúcho como campeador e guerreiro, inserindo-o num espaço histórico onde os atributos de coragem, virilidade, argúcia e mobilidade são exigidos a todo momento, transportando-se ao plano do mito. E não há caso em que transpareça tão claramente a vitória da ideologia (CHAVES *apud* OLIVEN, 1992, p. 51).

Essa figura do gaúcho vai muito além do estereótipo, ela é uma símbolo que personaliza e presentifica todo um conjunto social, e dessa forma pertence ao imaginário, mobilizando representações e sintetizando valores e julgamentos (MACIEL, 1998). De acordo com Jacks (1998, p. 21), o gaúcho passou a ser a imagem idealizada daquilo que seria o povo do Rio Grande do Sul e se impôs como

um padrão de comportamento, porém há muito tempo ela já não corresponde mais “à realidade concreta e só é vivida culturalmente”.

Tal imagem do povo gaúcho e de suas tradições foi consolidada no final da década de 1940, quando foi criado o primeiro CTG e, conseqüentemente, quando surgiu o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)¹⁵, e se remodelou e expandiu na década de 1970¹⁶, com o Movimento Nativista. Em ambos os casos, houve uma movimentação contrária aos novos padrões culturais que estavam sendo impostos à população gaúcha pelos meios de comunicação e ao Governo Federal, que estava tentando homogeneizar a cultura nacional. Ou seja, o tradicionalismo e o nativismo foram movimentos de reação e de diferenciação às manifestações externas e mesmo internas, como no caso do segundo.

Esses dois movimentos culturais foram importantes na consolidação da identidade regional do Rio Grande do Sul e buscaram no passado as bases de sua constituição. Um passado que remete às lutas históricas por liberdade econômica e política – Revolução Farroupilha e Revolução de 1930. Porém, essa base em um passado heróico não significa que a identidade regional seja imutável, ao contrário, como dissemos anteriormente, uma identidade está em um processo constante de criação e recriação. E, mesmo que muitos de seus elementos constituintes sejam inventados, isso não significa que seja uma falsidade. Tudo vai depender da sua

¹⁵ O tradicionalismo surgiu da reunião de jovens provenientes da classe média do interior do estado que residiam em Porto Alegre e se sentiam deslocados frente à cultura cosmopolita vivida na capital. Estes jovens procuravam uma imagem em que pudessem se reconhecer, para tanto voltaram-se ao passado e recriaram na cidade um espaço cultural que os diferenciasse e os congregasse (DACANAL, 1992), esse espaço foi chamado de Centro de Tradições Gaúchas, os CTGs. Para compor essa “nova cultura”, seus integrantes adotaram elementos culturais (linguagem, vestuário, música) das classes inferiores do campo e assimilaram “a ideologia autojustificadora e destilada pelo estrato superior da oligarquia rural do passado, cuja cultura, é preciso deixar bem claro, fora sempre rígida e rigorosamente marcada pela tradição européia (em particular francesa)” (DACANAL, 1992, p.85). A proliferação dos CTGs levou ao surgimento do MTG, em 1966, para congregar e ditar as regras do tradicionalismo.

¹⁶ Na década de 1970, por causa da crescente homogeneização em todos os setores da sociedade brasileira – do econômico ao cultural – promovida pelo Estado Nacional através da industrialização, da modernização e da integração nacional e por causa de uma falta de inovação e criatividade na cultura regional, surge o Movimento Nativista – desencadeado pela criação festivais de música regional - com o propósito de “oxigenar a cultura regional em todos os âmbitos da manifestação cultural do Estado” (JACKS, 1999, p. 77). O nativismo trouxe renovação estética e temática, principalmente às músicas, e também renovou o culto às tradições, com isso as camadas mais jovens da população foram atraídas para dentro das manifestações culturais gaúchas. Além disso, o debate sobre a identidade gaúcha transcendeu as fronteiras do MTG, atingindo o meio intelectual e a imprensa, houve a consolidação dos festivais musicais e da indústria cultural ligada a eles. No rastro do nativismo, houve um crescimento vertiginoso no número de CTGs, tanto no Estado como em qualquer lugar do país e do mundo onde houvesse um gaúcho.

eficácia, de seu significado para aquela sociedade. Ou seja, depende do que aquele elemento representa para aquele povo.

A identidade regional é construída com base na correlação entre cultura regional e os indivíduos, sendo que a cultura regional pode ser entendida como aquilo que é específico de determinado local, ou melhor, que “abrange todos os níveis de manifestações de uma determinada região que caracterizem sua realidade sociocultural. E essas manifestações incluem as de caráter ‘popular’, ‘massivo’ e ‘erudito’[...]” (JACKS, 1998, p. 19).

Mesmo que a identidade gaúcha tenha na figura do gaúcho uma representação que une os habitantes do estado, ela é uma “construção de identidade que exclui mais que inclui, deixando fora metade do território sul-riograndense e grande parte dos seus grupos sociais” (OLIVEN, 1992, p. 100). Isso porque, exclui negros e os índios e exalta a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes de alemães e italianos.

Na questão do negro, a ele é dado pouco ou quase nenhum espaço. Enquanto que em alguns estados brasileiros o negro aparece como formador da identidade regional, no Rio Grande do Sul ele é deixado em segundo plano.

Entretanto, nos últimos anos o Movimento Negro vem reivindicando seu espaço dentro da cultura e da sociedade gaúchas. Para tentar mudar esta história, que tem no mito da democracia racial sul-riograndense um de seus pilares, várias publicações e pesquisas têm sido realizadas, dentre elas destacamos duas: o livro “Nós, os Afro-Gaúchos” (1996), da coleção “Nós, os Gaúchos”, lançado pela Editora da Universidade (UFRGS), e a cartilha “O Negro no Rio Grande do Sul”, lançada em 2005, numa parceria entre o Ministério da Cultura, a Fundação Cultural Palmares e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que contou com a colaboração da ONG Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras.

Essas obras resgatam a participação do negro na história da sociedade gaúcha, que começou oficialmente com a colonização¹⁷ negra no estado em 1737, embora desde o século anterior já existiam negros no território meridional do Brasil, inclusive participando da fundação da Colônia de Sacramento, em 1680. Mas foi através das charqueadas que o negro começou a entrar de maneira significativa no

¹⁷ Embora reconheçamos que a vinda dos negros para o Rio Grande do Sul não foi espontânea nem amigável, adotamos aqui o termo “colonização” em conformidade com os autores filiados ao movimento negro.

Rio Grande do Sul. Sobre a presença negra no estado, Oliveira Silveira (1992, p. 57) afirma:

Desde sua origem, como tipo social e povo, o gaúcho é também negro. Negro de estância e charqueada, escravo campeiro nas feitorias do linho-cânhamo, lanceiro negro nas guerras da Cisplatina e Revolução Farroupilha.

Por outro lado, a tão propalada democracia pastoril sulina, constituinte da identidade gaúcha, é meia-verdade se não utópica, pois a idéia de democracia racial só era aplicada aos negros das estâncias, pois nas charqueadas as condições eram de extrema desumanidade para com os escravos¹⁸.

Historiadores ligados à causa negra, afirmam que essa mítica democracia nega ao negro gaúcho a oportunidade de se reconhecer no processo histórico de construção da sociedade e cultura gaúchas:

A visão do Rio Grande do Sul livre do trabalho escravo falseia a verdade histórica, direito de toda a população sulina, e contribui à permanência de difundidos preconceitos raciais e sociais. Ela nega à comunidade afro-gaúcha o orgulho de ter contribuído sobremaneira, com o duro e impessoal trabalho do cativo, à fundação da sociedade gaúcha e ao seu desenvolvimento. Desenvolvimento do qual esta comunidade viveu e vive, em maior parte, à margem, apesar de ter sido e ainda ser um dos seus principais construtores (MAESTRI, 1992, p. 147).

Isso demonstra que mesmo que o negro não seja reconhecido oficialmente na constituição da identidade gaúcha, que se ampara sobre a cultura aristocrática branca, ele teve importante participação na sociedade gaúcha. Mesmo assim, ao negro ainda cabe a invisibilidade social e simbólica dentro do gauchismo.

Da mesma forma à mulher cabe um papel secundário, pois na representação da identidade gaúcha o masculino é o gênero que predomina, ou como diz Maria Helena Weber (1992), o estado tem uma “cara masculina”, e isto foi se institucionalizando através do MTG. Isso foi demonstrado por Luis Orestes Pacheco Antunes em sua dissertação de mestrado, intitulada “Como o Tradicionalismo

¹⁸ Em seu livro “Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821” (1999, p.73), Auguste de Saint-Hilaire, fala sobre os negros das charqueadas: “Nas charqueadas os negros são tratados com rudeza. O Sr. Charles, tido como um dos charqueadores mais humanos, só fala aos seus escravos com exagerada severidade, no que é imitado por sua mulher; os escravos parecem tremer diante de seus donos”.

gaúcho ensina sobre masculinidade” (2003), na qual analisou os textos fundadores do Tradicionalismo¹⁹, que começaram a instituir os sentidos sobre masculinidade. De acordo com o autor, a identidade gaúcha tem no masculino seu “personagem-símbolo central” e na sua constituição a questão de gênero também foi operada de forma a definir e diferenciar uma posição de mulher – no modo de vestir, de ser e de portar-se – sendo que, em muitos momentos, esta posição de mulher não é explícita e constrói-se em oposição ao masculino (ANTUNES, 2003).

Quer dizer, o homem ocupa uma posição central na identidade gaúcha, principalmente nos discursos tradicionalistas. A ele foi concedido o papel de representar todo o coletivo e à mulher restou um papel secundário. Na construção histórico-ideológica dessa identidade, à mulher coube o papel de cuidar e zelar pela casa e filhos, enquanto os homens trabalhavam nas estâncias ou lutavam nas guerras. Dentro deste contexto é possível entender o porquê dos qualificativos do povo gaúcho remeterem sempre à figura masculina.

Entretanto, mesmo sendo um discurso hegemônico, o tradicionalismo não consegue apagar/silenciar outros discursos que aparecerem sobre os gaúchos e, em alguns casos, acaba por se apropriar destes novos discursos para não perder espaço. Nesse sentido, o Movimento Nativista inseriu novas formas de ver a mulher que acabaram se institucionalizando. De acordo com Lisana Bertussi (*apud* SANTI, 1999), o surgimento dos festivais Nativistas, e suas canções com temáticas novas, possibilitou um processo que, de certa forma, libertou a mulher. Com isto, a autora quer dizer que as canções nativistas deram voz à mulher, o que não significa que as questões femininas tenham tornado-se central na identidade gaúcha, pois, a tal “cara masculina do estado” impede que a mulher tenha um papel de destaque. Acontece que, com o Movimento Nativista, começou a se desenvolver um processo que levou a uma maior participação da mulher na sociedade gaúcha.

Como vemos, a identidade gaúcha é uma construção ideológica formada por alguns esquecimentos, mesmo assim, o discurso cria sentimentos de identificação nos habitantes do estado. Muito disso, em função do que Weber (1992) chama de “corporação gaúcha”. Esta parece “projetar, paralelamente a qualquer transformação, cantando ações e exercitando preconceitos, marcando posições

¹⁹ Os textos considerados fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho são: a tese “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo Gaúcho”, de Barbosa Lessa, a “Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho” e o “Manual do Tradicionalista”, ambos de autoria de Glaucus Saraiva.

culturais e políticas no país, inventando bandeiras e heróis” (WEBER, 1992, p. 285), criando sempre distinções com “os outros”, os brasileiros. Essa identificação instituída através da “corporação gaúcha” surge independente do local onde se esteja, basta ter uma reunião de nascidos (ou mesmo descendentes de nascidos) no Rio Grande do Sul para que apareça.

Sobre isso, Oliven (1992), afirma que na atualidade, a identidade gaúcha é resposta não mais em termos da tradição farroupilha, mas enquanto expressão de uma distinção cultural em um país tão grande como o Brasil e também enquanto resposta a crescente exposição a culturas globais, que se dá através dos meios de comunicação de massa. Principalmente, na questão da relação com o Brasil, quando se pretende comparar o Rio Grande do Sul ao resto do país lança-se mão desse passado rural e da figura do gaúcho, pois são os elementos mais emblemáticos da identidade gaúcha.

3. ANÁLISE DO DISCURSO E INVESTIGAÇÃO EM JORNALISMO

Este terceiro capítulo é dedicado a apresentação dos conceitos e procedimentos da Análise do Discurso, da linha francesa, que serão utilizados na análise. Inicialmente, buscamos fazer uma aproximação desta corrente teórica com a investigação em jornalismo, e depois mostramos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

3.1 – Jornalismo, Discurso e Representação

Como foi dito no capítulo anterior, o discurso jornalístico é um tipo de discurso que tem suas próprias regras, mas como todo discurso ele não é neutro e transparente e nem reflete a realidade. O jornalismo ao noticiar um acontecimento transforma-o em narrativa e converte-o em realidade pública. Dessa forma, a notícia passa a ser uma representação da realidade e não a própria realidade, isto é, a notícia é uma construção discursiva que produz sentidos.

Se entendermos o jornalismo como um lugar de produção e circulação de sentidos, perceberemos que seu discurso é “[...] dialógico; polifônico; opaco; ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares; com um contrato de leitura específico, amparado na credibilidade de jornalistas e fontes” (BENETTI, 2006, p. 01). Sendo assim, como uma construção discursiva a notícia é produto do contexto sócio-histórico no qual está inserida e quem se propõe a analisá-la precisa levar em conta não só o texto que é produzido pelo jornalista, mas também o contexto em que ele foi produzido.

Esta compreensão parte das concepções da Análise do Discurso (AD)²⁰ de que um discurso não pode ser analisado fora de seu contexto de produção de sentidos. Assim, um dos princípios fundamentais da AD é considerar que há uma relação entre língua e história na produção dos sentidos.

[...] a Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar [...] Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista relaciona a linguagem à sua exterioridade (ORLANDI, 2001, p.16).

O objetivo da Análise de Discurso é compreender como “um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido” (ORLANDI, 2001, p. 26).

Para a AD, a partir de um conjunto de conceitos trazidos por Michel Pêcheux (na década de 1960), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, pois todo indivíduo é interpelado pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2001). Então, na AD a ideologia é constituição não só para o sujeito como também para os sentidos. A ideologia, nesse contexto, não é vista de uma maneira sociológica, como uma visão de mundo ou ocultação da realidade, mas como um mecanismo estruturante do processo de significação. A ideologia é uma prática significativa, que aparece como efeito da relação necessária entre o sujeito, a língua e a história e, para a AD, ela se materializa na linguagem.

No caso do jornalismo, a ideologia aparece quando os discursos produzidos fazem circular sentidos que são característicos de certas posições ideológicas. Sobre isso, Bethânia Mariani (1999, p. 111) afirma que o discurso jornalístico “possui uma prática discursiva específica: ele produz uma leitura do presente, podendo vir a reconfigurar resíduos produzidos no passado e, ao mesmo tempo, organiza os germes de sentidos ainda por vir”. Dessa forma, o discurso jornalístico pode atuar na repetição de posições ideológicas que são hegemônicas ou pode ser atravessado por vozes divergentes. E isso, geralmente, não é percebido por lê um jornal.

²⁰ A Análise do Discurso é uma disciplina que surgiu na década de 1960 e foi concebida sob a luz da Lingüística, do Marxismo e da Psicanálise.

Então, pensando no processo de construção da notícia: desde a seleção do fato, passando pela apuração e redação do texto, o acontecimento é colocado dentro de uma ordem imaginária, ou melhor, é inserido dentro de uma “rede de filiação de sentidos possíveis daquela formação social” (MARIANI, 1999, p.112) em que está inserido. Por este motivo, a AD e seus conceitos são importantes na compreensão dos sentidos dos discursos jornalísticos.

3.1.1 - Formações Discursivas, Formações Ideológicas e Interdiscurso

Na AD, o discurso é entendido como efeito de sentidos entre locutores, sendo que “esse efeito é produzido a partir da determinação de lugares sociais que os sujeitos ocupam” (SILVEIRA, 2004, p. 34). Os sentidos não estão “presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário, eles resultam de uma inter-ação entre texto/leitor” (MARIANI, 1999, p. 106). E, por isto, os sentidos precisam ser pensados na sua historicidade. Assim, conforme as reflexões da AD, os sentidos das palavras, objetos e imagens podem mudar conforme a situação e o lugar em que estão sendo utilizados e por quem os está utilizando. Dessa forma, para entender o sentido produzido por um discurso é necessário colocá-lo em relação com sua exterioridade, com suas condições de produção.

Quer dizer, quem se propõe a estudar como um discurso produz sentido precisa considerar o texto e o seu exterior. Daí que o entendimento de três conceitos é fundamental para a compreensão desse processo: formação discursiva (FD), formação ideológica (FI) e interdiscurso.

Uma formação discursiva é entendida como “aquilo que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (BRANDÃO, 1997, p. 38). Dito de outra forma, a FD é uma região de sentidos, sendo que estes são determinados por uma configuração ideológica.

A noção de formação discursiva foi inicialmente proposta por Foucault que pretendia observar uma certa regularidade no funcionamento discursivo. Mas, foi Pêcheux quem reelaborou o termo e introduziu a idéia de ideologia nele. Para este autor, a noção de FD vem ligada a de formação ideológica, pois uma ou mais FDs interligadas são determinadas por um FI dada e o que diferencia uma FD de outra é

como elas se relacionam com a formação ideológica. Quer dizer, as formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas.

Uma formação ideológica pode ser entendida como uma posição dada em uma conjuntura dada, sendo determinada pelas relações de força. É preciso destacar que, na Análise do Discurso, as noções de FD e FI estão sempre interligadas.

Em AD, FI e FD são concebidas como constitutivas uma da outra, pois a primeira funciona como determinante 'do que pode e deve ser dito no âmbito da segunda, e as formações discursivas, por sua vez, 'representam na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhe correspondem. Em ambas, agem o social e o ideológico, não apenas como causa para uma análise lingüística, mas também como elementos que determinam a constituição do sujeito e do sentido no discurso (SILVEIRA, 2004, p. 42).

Dessa forma, para que um analista do discurso consiga apreender o sentido de determinado discurso é necessário que ele identifique as formações discursivas e ideológicas que constituem aquele discurso. No caso deste trabalho, existem duas formações ideológicas presentes: a Brasilidade e o Gauchismo, pois é dentro deste contexto que o caso estudado está inserido. Quer dizer, a ginasta Daiane dos Santos representa o Brasil nas competições em que participa e não o Rio Grande do Sul, porém o discurso jornalístico produzido sobre ela pelo jornalismo local remete-se ao contexto gaúcho.

Na análise de um texto jornalístico, o pesquisador primeiro localiza as marcas discursivas²¹ que representam aquele sentido que ele está procurando identificar, depois ele reúne-as em torno das formações discursivas e, por fim, precisa buscar fora do âmbito do texto analisado, aqueles outros discursos que o atravessam.

Como as posições ideológicas determinam a construção dos discursos, o sentido de cada palavra muda conforme as posições de fala: quem disse, o que disse, a partir de que lugar e de que forma. E, esse sentido surge em relação às formações ideológicas em que essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2001). Ou melhor, a produção de efeitos de sentido é determinada a partir de onde falam (FD) e de onde se posicionam os sujeitos (FI).

²¹ Marcas discursivas são as expressões que constroem o caminho em direção ao sentido de uma formação discursiva.

A exterioridade, que também compõe um discurso, é dada pelo seu contexto, ou melhor, pelas condições de produção. Todo discurso tem um exterior que o constitui, da mesma forma que o jornalismo é constituído por um exterior, que são relações de poder, contextos sociais, saberes históricos, etc. Além disso, os discursos, em especial, o jornalístico – por ser uma modalidade de discurso sobre – acaba mobilizando um conhecimento anterior, uma memória, que na Análise do discurso é chamada de interdiscurso.

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2001, p.31).

No caso do jornalismo essa memória será sempre acionada e atualizada na narrativa dos acontecimentos. Então, um analista que se propõe a estudar o discurso jornalístico precisa buscar as raízes ou origens das perspectivas de enunciação (JACKS, MACHADO & MÜLLER, 2004).

O interdiscurso tem uma estreita relação com as formações discursivas, pois é através do interdiscurso que uma FD incorpora elementos que foram construídos fora dela. Ao narrar um fato, o jornalista, mesmo que inconscientemente, acaba remetendo o seu dizer a discursos que são anteriores a ele e, desta forma, acaba repetindo imagens, conceitos e preconceitos que fazem parte da sociedade em que vive.

No âmbito dessa pesquisa, entender o interdiscurso é entender que discursos da identidade gaúcha são trazidos para dentro dos textos sobre a ginasta Daiane dos Santos e de que forma eles atuam na representação que é construída sobre ela pela imprensa esportiva gaúcha.

3.1.2 – Paráfrases e esquecimentos

Para que o interdiscurso apareça o analista precisa identificar as FDs, pois é nelas que o interdiscurso trabalha (MAINGUENEAU, 1997), e compreender os

movimentos de paráfrase que as constituem. A paráfrase é um processo pelo qual um texto reitera os mesmos sentidos ao longo de seqüências discursivas²² (SDs) distintas. Para Orlandi (2001, p. 36) os “processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre um algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer”.

Além disso, também é preciso trabalhar com os esquecimentos, uma vez que o interdiscurso é afetado por eles. Foi Pêcheux que trouxe a noção de duplo esquecimento para melhor entender a constituição das FDs e a presença do interdiscurso. O primeiro é o esquecimento ideológico, que é da ordem do inconsciente e resultado da forma pelo qual o indivíduo é afetado pela ideologia. Esse esquecimento nos dá a “ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existent” (ORLANDI, 2001, p. 35). No jornalismo esse esquecimento se dá, principalmente, na relação com as fontes, quando o jornalista se utiliza de idéias e expressões de suas fontes.

O segundo esquecimento é da ordem da enunciação e produz a impressão da realidade do pensamento. Neste, “o sujeito apaga a noção de que seu discurso nada mais é do que a escolha de determinadas estratégias de expressão” (MACHADO & JACKS, 2001, p. 4). Quer dizer, cria-se a ilusão de que o que foi dito só poderia ter sido feito daquela forma e não de outra. Ao fazer suas reportagens o jornalista faz suas escolhas: escolhe esta fonte e não outra, escolhe quais as falas de sua fonte vai utilizar, escolhe o tipo de texto e as palavras que vai usar. O texto jornalístico é um processo constante de escolhas, que coloca o assunto sob a ótica do jornalista.

Esses dois conceitos, de paráfrase e de esquecimentos, ajudam na compreensão de porque um discurso diz o que diz. Com eles, mais as noções de FD, FI e Interdiscurso procura-se chegar o mais próximo possível do “real dos sentidos” (ORLANDI, 2001).

3.2 – Construindo um dispositivo de análise

²² As seqüências discursivas (SDs) são trechos recortados arbitrariamente pelo analista de acordo com a sua operacionalidade metodológica.

Na AD, não existe um dispositivo de análise pronto que será transposto para o trabalho de cada pesquisador. O que existe são caminhos a serem percorridos e, a partir deles, o pesquisador terá que montar seu próprio dispositivo com base no seu problema de pesquisa e seus objetivos.

É importante sempre ter em mente que em AD importa saber como um texto significa. Dessa forma, Eni Orlandi, em seu livro “Análise de Discurso: princípios e procedimentos” (2001), demonstra quais procedimentos o analista de discurso deve seguir para estabelecer o sentido de um discurso. Para a autora, inicialmente deve haver uma passagem da superfície lingüística (o corpus bruto) ao objeto discursivo, quer dizer, fazer uma análise em primeira instância para mostrar o que está dito, quem diz e em que circunstâncias. Depois, há a passagem do objeto discursivo ao processo discursivo fazendo a análise da atuação da memória, do interdiscurso, remetendo os discursos às formações discursivas e estas as formações ideológicas, buscando assim chegar o mais perto possível do real dos sentidos.

Orlandi (2001, p. 68) define assim a apreensão dos sentidos de um texto pelo analista através dos procedimentos por ela indicados:

Pelo seu trabalho de análise, pelo dispositivo que constrói, considerando os processos discursivos, ele [o analista] pode explicitar o modo de constituição dos sujeitos e de produção dos sentidos. [...] Isto resulta, para o analista com seu dispositivo, em mostrar o trabalho da ideologia. Em outras palavras, é trabalhando essas etapas da análise que ele observa os efeitos da língua na ideologia e a materialização desta na língua. Ou, o que, do ponto de vista do analista, é o mesmo: é assim que ele apreende a historicidade do texto.

Jean-Jacques Courtine (*apud* SILVEIRA, 2004, p. 66), dá outra definição para a passagem da superfície lingüística ao objeto discursivo. Para este autor, tal procedimento leva a constituição do “corpus discursivo”, que pode ser definido como “um conjunto de seqüências discursivas estruturado segundo um plano definido em referência a um certo estado das condições de produções do discurso”. É a partir desse corpus discursivo que o pesquisador vai trabalhar com o interdiscurso, as formações discursivas e as formações ideológicas.

A construção do dispositivo de análise vai depender da habilidade do pesquisador em lidar com a teoria e com o corpus. Partindo dessa premissa, desde

a delimitação do corpus de pesquisa ele já está iniciando sua análise, pois a AD demanda um processo de ir-e-vir constante entre teoria, corpus e análise.

3.2.1 – Constituição do Corpus de Pesquisa

Em AD, a delimitação do corpus segue critérios teóricos e não empíricos. Nesta forma de análise, a exaustividade horizontal, ou melhor, a extensão ou completude não é o objetivo, uma vez que o processo discursivo é inesgotável, pois todo discurso é estabelecido na relação com outro discurso, que é anterior, e aponta para outros discursos, num processo infinito. Assim, o objetivo aqui é a objetividade vertical, que deve ser considerada relacionando-se os objetivos da análise e a temática estudada. Dessa forma, os “dados” obtidos são tratados como fatos da linguagem, com sua memória e materialidade lingüístico-discursiva (ORLANDI, 2001).

Diante disso, para esta pesquisa não seria interessante definir um determinado período de tempo e coletar todos os textos jornalísticos produzidos pela imprensa esportiva gaúcha sobre a ginasta Daiane dos Santos, pois estaríamos levando em conta apenas a exaustividade horizontal. Portanto, o mais significativo seria restringir o corpus de pesquisa aos principais eventos esportivos disputados por ela. Dessa forma, chegamos a quatro competições:

- 1) Mundial de Anaheim (Estados Unidos), em agosto de 2003;
- 2) Jogos Olímpicos de Atenas (Grécia), em agosto de 2004;
- 3) Super-Final da Copa do Mundo de Ginástica, Birmingham (Inglaterra), em dezembro de 2004;
- 4) Mundial de Melbourne (Austrália), em novembro de 2005.

O primeiro evento selecionado, o Mundial de Anaheim, foi fundamental na carreira de Daiane, pois foi neste que a ginasta conquistou sua primeira medalha de ouro em âmbito internacional e, principalmente, porque entrou para a história do esporte sendo a primeira brasileira e primeira negra a conquistar uma medalha de ouro em um Mundial de Ginástica Artística. Conseqüentemente, nos outros eventos

que participou Daiane sempre chegou como favorita à vitória conquistando, assim, visibilidade midiática.

Então, o corpus de análise constitui-se de textos jornalísticos produzidos sobre Daiane dos Santos pela editoria de esportes dos jornais Zero Hora e Correio do Povo, no período de realização dos quatro eventos citados acima. A escolha desses veículos de comunicação orientou-se pelo fato de os dois serem os de maior circulação estadual.

O corpus bruto compreende 114 textos, sendo 47 de Zero Hora e 67 do Correio do Povo. Estão incluídos aqui tanto os textos informativos como os opinativos. Optamos pela não separação dos gêneros na análise, pois não é interesse desta pesquisa saber como cada tipo de texto incorpora a questão da identidade gaúcha, mas saber como o jornalismo esportivo, como um todo, está incluído nesta temática.

3.2.2 – Procedimentos Metodológicos

Como foi dito anteriormente, o dispositivo de análise é construído pelo próprio analista, com base no seu problema e seus objetivos. Sendo assim, desde a construção do dispositivo teórico o pesquisador já está mobilizando conceitos e teorias que irão lhe dar sustentação na hora de fazer as análises. Dessa forma, os procedimentos explicitados a seguir servem para atender aos objetivos desta pesquisa, de modo que com o mesmo corpus, mas com outros objetivos, os procedimentos poderiam ser diferentes. Vejamos, então, o caminho percorrido na realização desta pesquisa.

Com o corpus de análise delimitado, a primeira medida foi ler atentamente todos os textos, quando procuramos identificar as marcas discursivas que tinham relação com os nossos objetivos de pesquisas, ou seja, marcas que qualificassem a ginasta ou seus atos e remetessem a elementos da identidade gaúcha e as identidades subalternas (gênero, etnia e classe social). É importante deixar claro que essas categorias (como bravura, valentia, heroísmo, justiça, honestidade, etc.) foram sendo definidas durante a leitura dos textos, conforme iam surgindo.

Em seguida, as seqüências discursivas (SD) foram sendo identificadas, selecionadas e numeradas pela ordem em que apareceram. Assim, cumprimos a

primeira etapa de análise: passamos do corpus bruto ao objeto discursivo, sendo este formado por um conjunto de 151 seqüências discursivas. Todos os grifos que aparecem nas SDs utilizadas para exemplificar os resultados servem para destacar as marcas encontradas e foram feitas por nós. Além disso, algumas SDs são repetidas, pois apresentam mais de um sentido e se faz necessário esse procedimento. Em alguns momentos, quando se repete uma SD já utilizada e esta é muito extensa foi feita uma condensação, deixando apenas o trecho que contenha o sentido que se quer destacar.

Depois desta primeira análise, fizemos uma descrição de como a ginasta Daiane dos Santos foi apresentada por cada jornal em cada um dos eventos selecionados para análise. Isso possibilitou a percepção das alterações que foram sendo feitas na representação da atleta conforme os resultados obtidos. Neste momento, foram identificadas as diferenças de tratamento dado às vitórias e às derrotas e que vão interferir nos discursos construídos.

Feito isto, procedemos a uma análise das seqüências discursivas selecionadas para identificar quais as modalidades de marcas discursivas eram predominantes, para em seguida reunirmos estas marcas em torno das Formações Discursivas que indicassem os sentidos predominantes relacionados à identidade gaúcha que estavam sendo veiculados pelos jornais. Nesta etapa, que consiste em passar do objeto discursivo ao processo discursivo, é que foi identificada a presença do interdiscurso, através dos movimentos de paráfrases, dos esquecimentos, do que foi dito e não-dito e dos silenciamentos.

Uma vez verificadas as regiões de sentido predominantes foi possível reconhecer os discursos que foram produzidos na representação da ginasta Daiane dos Santos e sua articulação com a identidade gaúcha.

4. A IMPRENSA ESPORTIVA GAÚCHA E DAIANE DOS SANTOS: OS DISCURSOS CONSTRUÍDOS

Depois de apresentar o quadro teórico, que dá sustentação a esta pesquisa, e os procedimentos metodológicos que foram adotados, chega o momento de apresentar os resultados. Sendo assim, este quarto capítulo começa com a descrição da representação da ginasta Daiane dos Santos produzida pelos jornais. Depois apresentamos as marcas discursivas identificadas, para em seguida, chegarmos aos discursos que foram produzidos pela imprensa esportiva gaúcha na representação da atleta.

4.1 Representando Daiane dos Santos: dos tablados às páginas dos jornais²³

Na descrição de Daiane dos Santos que é apresentada a seguir é possível visualizar e compreender como ela foi tratada pelos jornais e as mudanças de tratamentos decorrentes dos resultados que ela ia obtendo nos eventos selecionados para a análise.

Veremos que no início, frente ao extraordinário, ao inesperado título conquistado por ela no Mundial de Anheim, os jornais produziram um excessivo número de matérias sobre a ginasta. Praticamente todos os dias era publicado alguma coisa, com sua vida sendo publicizada ao público leitor. Em Atenas, diante da “previsibilidade” da medalha de ouro olímpica inédita, foi criada uma expectativa demasiada e também houve a publicação de inúmeras matérias. A partir daí, com a não confirmação da medalha de ouro, os jornais passaram a trabalhar apenas com

²³ Em anexo, colocamos as principais matérias publicadas pelos jornais e que serviram de base na construção dessa descrição.

base nos resultados, quer dizer, não fazendo matérias que criassem muitas expectativas e trazendo apenas a notícia do que estava acontecendo.

4.1.1. Mundial de Anaheim: o ineditismo

O Mundial de Anaheim aconteceu em agosto de 2003, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Este evento iniciou poucos dias depois da realização dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, na República Dominicana.

No Pan, a ginástica artística brasileira foi considerada pela mídia nacional uma decepção, pois só obteve uma medalha de bronze por equipes. Nenhuma medalha individual foi alcançada. Daiane dos Santos, que era uma das esperanças brasileiras, juntamente com a carioca Daniele Hypólito, tinha passado por uma cirurgia no joelho dias antes da competição e não se saiu bem nas suas apresentações. E, como o Mundial foi muito próximo ao PAN ninguém imaginou o que estava por vir. Daiane entraria para a história da ginástica artística brasileira e mundial: primeiro escrevendo seu nome no livro de regras da Federação Internacional por ter executado um movimento inédito, o *duplo twist carpado* ou, como passou a ser chamado oficialmente, *Dos Santos*; e, segundo, por ter conquistado a medalha de ouro no solo.

Correio do Povo (CP)

O espaço dedicado pelo jornal até Daiane conseguir a medalha era pequeno. Nem mesmo quando executou o movimento inédito recebeu maior atenção. A ginasta, geralmente, era designada como gaúcha ou porto-alegrense do Grêmio Náutico União (GNU) – o jornal sempre deixou claro que ela representava o clube. Inclusive, numa de suas colunas, Hiltor Mombach fala sobre a excelente fase pela qual passava o clube, ressaltando o título de Daiane, como é possível ver na seqüência abaixo:

A notícia da década: a gaúcha Daiane dos Santos, do Grêmio Náutico União, sagrou-se campeã do mundo de exercícios de solo, ontem, com 9.737 pontos, no Mundial de Ginástica de Anaheim, na Califórnia. **Esta fase do União me faz lembrar um ditado: 'Quem**

planta, colhe'. Pippi da Motta deve estar exultante. Daiane faz história.

Somente após Daiane ter conquistado o título inédito, o Correio do Povo passou a escrever sobre sua vida, sua família e sua carreira. Até o dia da final, em 24 de agosto, apenas três notícias sobre a Daiane haviam sido dadas. Do dia 25 até o dia 31 de agosto o jornal publicou 13, incluindo nesta conta os textos de opinião.

As notícias falavam da humildade da ginasta e de sua família e davam ênfase ao fato de Daiane ter iniciado no esporte aos 11 anos – o que é considerado tarde no mundo da ginástica – e das dificuldades enfrentadas por ela para tornar-se uma atleta de elite. A Daiane eram atribuídas qualidades como superação, força de vontade, coragem, determinação e persistência, como é possível perceber nos exemplos abaixo:

Um sonho impossível que se realizou. Assim pode se resumir a história da **porto-alegrense** Daiane dos Santos, que na noite de domingo tornou-se a **maior ginasta brasileira de todos os tempos.** **De família modesta,** ela costumava brincar na praça da Escola Estadual Mané Garrincha, dentro do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (Cete), quando tinha 11 anos, fazendo exercícios de barra e piruetas²⁴.

Daiane **começou muito tarde sua carreira** na ginástica. Afinal, aos 11 anos, a maioria das ginastas já treina há muito em clubes estruturados. **Apesar disso, ela superou todos os obstáculos** para conquistar, domingo à noite, no Mundial de Anaheim (EUA), a medalha de ouro no solo, um feito inédito para a ginasta brasileira.

Daiane, 20 anos, é a segunda das quatro filhas de Moacir e Magda. Deise, 21, Cíntia, 18, e Djéssica, 10, completam **a família, que se mudou há três anos para um condomínio na zona Sul da Capital, graças ao sucesso de Daiane.**

A visita que ela fez a Disney, nos Estados Unidos, junto com a delegação brasileira também foi noticiada. Todavia, o ponto mais destacado foi o fato de Daiane ter sido a primeira ginasta do Brasil a conquistar uma medalha de ouro em um Mundial de Ginástica, sempre sendo enfatizado os seus esforços:

²⁴ Anexo 1, matéria “Das piruetas para a glória definitiva”.

A acrobacia foi apresentada nas semifinais do Mundial e recebeu nota máxima do júri (super E). 'O resultado é fruto de **muito trabalho e dedicação**. Realizei meus dois grandes sonhos: receber a nota máxima num movimento inédito e ser campeã mundial', comemorou ao ser agraciada, talvez sem ter ainda a real dimensão de sua conquista. Afinal, pela **primeira vez em 100 anos da competição, o Brasil subiu ao lugar mais alto do pódio, sem nunca antes ter ficado entre os três primeiros**²⁵.

Zero Hora (ZH)

Diferentemente do Correio do Povo, Zero Hora, devido à linha editorial, detalha mais as questões trazendo reportagens que transcendem ao lide. Por este motivo, dentro de um mesmo tema, vários aspectos podem ser pautados. No entanto, no que diz respeito ao Mundial de Anaheim, assim com o CP, ZH não esperava o título de Daiane e não houve uma cobertura pré-competição. A primeira reportagem sobre o assunto apareceu quando Daiane passou a dar nome ao movimento duplo twist carpado.

Após o Ouro, sucederam reportagens sobre a vida, a família e a carreira da ginasta. Também sendo destacada sua origem pobre, a superação de obstáculos, as cirurgias, e suas férias na Disney:

As lágrimas consagradoras só podiam mesmo escorrer pelo rosto lisinho da maior ginasta brasileira ao lembrar a parede gigantesca de “nãos” que se ergueu diante de seus 1m45cm no começo de sua carreira na ginástica. **Daiane dos Santos era negra, pobre e velha**. Aos 12 nos, quando foi descoberta na pracinha do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (Cete), esse era o maior desafio. Na ginástica, as meninas iniciam com seis, cinco anos. Ao voltar para casa depois de ser campeã mundial no solo nos Estados Unidos, a emoção transbordou:
 – **Diziam que eu nunca seria campeã por ser velha para a ginástica. Lutei. E consegui: eu sou uma campeã** – desabafou Daiane, 20 anos, ao chegar ao Grêmio Náutico União²⁶.

Daiane está aproveitando os quatro dias de descanso com a equipe brasileira, depois do Mundial, na **Disneylândia, que segundo o pai sempre foi o seu sonho**.

²⁵ Anexo 2 , matéria “Daiane realiza dois grandes sonhos”.

²⁶ Anexo 4, matéria “Daiane ganha colo. Ela merece!”

ZH chegou a chamar Daiane de “Pérola Negra”, apelido dado a ela pela chefe da delegação brasileira, Eliane Martins. Sua apreciação por samba e seu desejo de desfilar na Escola Imperadores do Samba, de Porto Alegre, também foram destacado:

Discreta e humilde, mas sem abrir mão da alegria. Assim é a ginasta Daiane dos Santos, quando, de folga em competições e treinamentos, como a maioria das jovens da sua idade que **gosta de samba**, aproveita para **se divertir em alguma casa do gênero ou em quadra de escola de samba.**

E não é que a baixinha de sorriso fácil é boa de samba?

Garra, talento e samba ela tem de sobra.

Por vezes chamada de heroína, Daiane foi comparada a outros ídolos que também mereceram recepções “grandiosas” no aeroporto Salgado Filho.

Já mereceram grandiosas recepções no aeroporto, seguidas de entusiasmados cortejos pela cidade, nossa sempre Miss Universo, Ieda Athanázio Vargas, o tricampeão mundial Everaldo Marques da Silva, o Papa João Paulo II, Luiz Felipe Scolari e Anderson Polga, nossos pentacampeões, e agora será a vez dos **porto-alegrenses homenagearem nossa pequena heroína, Daiane dos Santos.**

As conseqüências de sua conquista foram denominadas de “efeito do furação Daiane”, já que ela havia entrado para a história do esporte brasileiro. Outro destaque foi dado ao fato de Daiane, ao contrário das ginastas de outros países que ao se apresentarem bem dão um leve sorriso aos técnicos, ter saltado sobre as costas de sua técnica Adriana Alves para comemorar.

No mundo da competição de alto nível, os atletas sabem quando vão mal. E Daiane sabia que tinha vacilado. A cumplicidade entre as duas permite tais cobranças carinhosas. Na hora da alegria, vale o mesmo. **A sapeca menina descoberta no trepa-trepa de uma pracinha não acenou com um leve sorriso como fazem as russas, romenas e chinesas depois de exibição à beira do sublime. Enganchou-se às costas de Adriana** e assim saiu de cena, ovacionada por um público que não tinha dúvidas: o ouro era seu²⁷.

²⁷ Anexo 3, matéria “Os bastidores do ouro”.

O retorno de Daiane a Porto Alegre teve ampla cobertura do jornal. Novamente, sendo destacado o fato dela ser negra, ter origem pobre e começado tardiamente no esporte. Foi mostrada a recepção “calorosa” que ela teve no aeroporto, com a participação da bateria da Imperadores do Samba, o desfile em carro de bombeiros e as dezenas de bandeiras do Brasil espalhadas pelas ruas da cidade.

A volta a Porto Alegre da campeã mundial de solo na ginástica olímpica, Daiane dos Santos, **foi triunfal e comovente**. Recebida por cerca de 500 pessoas no aeroporto Salgado Filho, a campeã de 1m45cm de altura **foi festejada como os maiores ídolos do futebol**. Depois, **desfilou em carro de bombeiros** até a sede do Grêmio Náutico União. Durante o trajeto, Daiane **foi saudada por populares** que acenavam das calçadas e das janelas dos edifícios.

Desfile em caminhão de bombeiros, batedores a acompanhá-la, gente acenando dos edifícios, **bandeiras do Brasil pelas esquinas, bateria da Imperadores do Samba** na recepção, **medalha do mérito rio-grandense** entregue pelo governador Germano Rigotto, autógrafos a perder a conta (mais de duzentos em um dia)

4.1.2. Jogos Olímpicos de Atenas: expectativa, tristeza e exaltação

Entre o ouro no Mundial de Anaheim e as Olimpíadas de Atenas passou um ano. Nesse período Daiane conquistou quatro medalhas de ouro em etapas da Copa do Mundo de Ginástica. Devido a esses resultados, ela chegou à Grécia, em agosto de 2004, como uma das favoritas ao ouro, ao lado da romena Catalina Ponor e da espanhola Elena Gómez.

Correio do Povo

O fato de Daiane ser uma das favoritas ao “ouro olímpico” fez com que os jornais estivessem mais voltados a ela. Desde o início de agosto o CP já vinha produzindo matérias sobre a ginasta e, até o dia da prova eliminatória (15/08), os textos estavam mais focados na mobilização da torcida gaúcha e, principalmente, da preparação de Daiane para a apresentação.

[título] Aumenta a torcida pela **nossa ginasta de ouro**

No que depender da torcida, **a gauchinha receberá uma corrente de energia positiva** para garantir o seu ouro, na ginástica de solo, em Atenas.

[título] **O Brasil torce por Daiane**

A Olimpíada de Atenas chega ao **momento mais esperado pelos brasileiros. Hoje é dia de acompanhar a ginasta gaúcha** Daiane dos Santos, do União/Brasil Telecom.

[título] Chegou **a hora da gaúcha** Daiane dos Santos²⁸.

O joelho da atleta, que havia sido operado cerca de 50 dias antes, era o centro das atenções. A preocupação se as dores a deixariam executar todos os movimentos foi bastante discutida, servindo para o jornal enfatizar a coragem de Daiane:

[título] Daiane: treino completo e **sem dor** em Atenas

A segunda operação na atleta do União, há 48 dias, foi uma complementação da primeira. Pequenos pedaços de cartilagem soltos no joelho direito foram retirados para que as dores que ela sentia deixassem de incomodar. **O prazo de recuperação normal para a cirurgia é de 50 dias.**

O jornal demonstrava toda a sua expectativa e praticamente dava como certo que Daiane traria a medalha de ouro. Dentro deste contexto, uma matéria fugiu ao tema das demais: intitulada “De olho no estilo Daiane”, foi publicada no dia 14 de agosto (véspera de sua primeira apresentação) e tratava da questão do visual da atleta.

Uma das **grandes promessas do Brasil** nas Olimpíadas de Atenas é a gaúcha Daiane dos Santos (fotos acima). A atleta tem se mostrado **caprichosa com seu visual**. Fora das competições e dos treinos, ficou claro que ela gosta, mesmo, é de um estilo mais despojado e natural, mas, no momento das apresentações, **Daiane aprecia o potencial de um bom brilho.**

A classificação de Daiane para a final com a terceira colocação fez com que o CP começasse a demonstrar um pouco de preocupação e a falar sobre a perfeição dos movimentos que ela teria que executar para vencer a prova. Suas adversárias, enfim, mereceriam atenção, principalmente a romena Catalina Ponor e a chinesa Fei

²⁸ Anexo 6.

Cheng, que haviam obtido as duas melhores notas na eliminatória. Mesmo assim, perfeição e favoritismo foram a tônica das matérias até o dia da final.

Se antes da Olimpíada Daiane era a favorita absoluta ao ouro na prova de solo, agora já não é mais, principalmente se ela não realizar o duplo twist esticado, que era seu grande trunfo para a final desta segunda-feira. [...] Para derrotar a romena, **a gauchinha Daiane terá de fazer uma apresentação impecável e perfeita**, inclusive no duplo twist esticado²⁹.

Diante da expectativa criada, o erro cometido por Daiane na apresentação final e o 5º lugar que obteve foram narrados pelo CP inicialmente como sendo algo triste e, em seguida, foram ressaltados os pontos positivos da experiência olímpica da ginasta. Foram exaltados o seu exemplo de vida, a sua coragem e, principalmente, o fato de Daiane ser a principal ginasta do país, a primeira a colocar o nome do Brasil no rol dos melhores do mundo:

Assim que Daiane iniciou sua coreografia, a apreensão tomou conta da torcida Dá-lhe Daiane, que acompanhava a performance em um telão. Ao final, **o sentimento era de tristeza pela medalha que não veio, mas de orgulho por ver a atleta entre as melhores do mundo**.

Gaúcha ficou **sem medalha, mas foi a primeira a colocar o Brasil no mapa mundial da modalidade**

[título] **Volta sem medalha a ginasta de ouro**

A gauchinha, que despontou no cenário internacional no Pan-Americano de 1999, pode retornar orgulhosa: se não foi a primeira em Atenas, **foi a primeira a colocar o Brasil no mapa mundial desta modalidade**. A ginástica se divide em antes e depois de Daiane dos Santos³⁰.

Por fim, o jornal criou a expectativa pelo retorno de Daiane à cidade, conclamando o povo a saudar a “sua pequena gigante”, e descreveu como os gaúchos demonstraram todo o seu carinho por ela.

[título] Daiane chega e **recebe o carinho do povo**

Daiane dos Santos voltou a viver um dia de fortes emoções. Ontem, pouco depois do meio-dia, logo ao desembarcar no Aeroporto

²⁹ Anexo 5, matéria “Daiane divide atenção com romenas”.

³⁰ Anexo 7, matéria “Ginástica antes e depois de Daiane”.

Salgado Filho **teve uma amostra do carinho do povo gaúcho**. Foi saudada por familiares e dezenas de pessoas, muitas das quais em trânsito por Porto Alegre.

Das janelas de edifícios, pessoas gritavam o nome da ginasta do Grêmio Náutico União. Daiane percebeu, então, que o fato de não ter voltado com medalha dos Jogos Olímpicos de Atenas em nada alterou **a admiração que os gaúchos sentem por ela**.

Zero Hora

A cobertura de ZH também começou destacando as dores no joelho operado de Daiane. O jornal demonstrava muita preocupação, que foi desfeita após o ensaio técnico, no qual ela fez a série, aparentemente, sem sentir dor.

Até o dia da final, uma grande expectativa em torno de Daiane também foi sendo criada por ZH. Sua história de vida foi lembrada: a superação de barreiras e obstáculos, a sua dedicação ao trabalho, as discriminações sofridas por ser pobre, velha, negra e gaúcha. O fato dela ser “a maior ginasta brasileira” foi constantemente lembrado.

Quando Daiane se encaminhar para o solo na competição da tarde deste domingo em Atenas, o seu antigo técnico do Grêmio Náutico União, Eliseu Burtet, o Kiko, deve pensar no **quão “guerreira” é a menina**. Ou no **quanto ela enfrentou de injustiça, nariz torcido, discriminação e descrédito** antes de se tornar a Daiane que hoje vive o momento sublime da luta por uma medalha olímpica³¹.

Pobre e negra, a ginasta superou as dificuldades e se transformou no maior nome do esporte amador do RS. Neste domingo, a partir das 15h, a gaúcha **começa a luta pelo sonho olímpico**.

O colunista Paulo S’antanna chegou a dizer que, caso vencesse, Daiane tornar-se-ia imortal e de fama igual a Pelé, como é possível ver na seqüência abaixo:

Tudo se decide na próxima segunda-feira, dia 23, em Atenas. **O Brasil tem a chance de mostrar ao mundo** uma das maiores atletas de todos os tempos, **com auréola de fama igual ou superior à de Pelé**³².

³¹ Anexo 8, matéria “A maior vitória de Daiane”.

³² Anexo 9, texto “A chance de ser imortal”.

Nem o fato de outras duas ginastas, a romena Catalina Ponor e a chinesa Fei Cheng, terem tirado notas melhores na eliminatória desfez a expectativa. O jornal disse apenas que Daiane teria que chegar “quase à perfeição”, o que dentro do contexto criado haveria de ser algo fácil para a “pérola negra do Brasil”.

A estratégia do técnico ucraniano Oleg Ostapenko para aproximar Daiane dos Santos da medalha de ouro no solo nos Jogos está definida: **a gaúcha fará sua apresentação com o máximo de dificuldade possível. Daí voará alto.**

Mais do que nunca será preciso arriscar. Perto dela estarão duas adversárias de respeito: a romena Catalina Ponor, nota mais alta até o momento (9.750), e a pequena chinesa Cheng Fei, segunda colocada nas classificatórias, com 9.650. **Para superá-las, Daiane terá de chegar quase à perfeição.**

ZH também deu destaque à barreira criada em torno de Daiane pela Confederação Brasileira de Ginástica para que ela não fosse perturbada pela imprensa e, assim, pudesse manter a concentração e foi mencionado o sacrifício feito por suas colegas de seleção para ajudá-la, pois mesmo não tendo mais provas a competir, as outras ginastas continuaram concentradas e mantiveram a dieta rígida dos dias de competição.

Veio o erro e o jornal, através dos colunistas e até das reportagens, pediu apoio para Daiane, falando em “cabeça erguida”, pois ela “fez história como melhor ginasta do país em Olimpíadas”. Além disso, ZH disse que ela era “Gauchinha de ouro, sim!”, que os erros não apagariam seu brilho e que o país não poderia, e nem deveria, ser ingrato e injusto com a “sua campeã”. Ou seja, também em ZH houve uma exaltação dos feitos de Daiane, mesmo com a derrota.

Mas Daiane saiu digna e ativa do desafio que não conseguiu superar. Ela já superou desafios maiores, entre os quais a própria lei da gravidade para inscrever nas enciclopédias olímpicas um salto exclusivo que leva o seu nome. **Daiane merece o reconhecimento dos brasileiros porque ela própria é um milagre da superação³³.**

E a superação vale mais do que ouro.

³³ Anexo 10, matéria “Gauchinha de ouro, sim”.

No seu retorno a cidade, o jornal também mostrou a recepção calorosa dada à atleta pela população gaúcha:

– A Daiane está mostrando para os brasileiros que **um campeão não se faz só com medalhas** – disse o presidente da Federação Gaúcha de Ginástica, Antônio Fontoura, minutos antes da atleta chegar.

Pelas cenas vistas ontem, população parece ter entendido bem a lição. Por onde passou, Dai recebeu acenos, aplausos e sinais de positivo. **Eram os gaúchos mostrando-se orgulhosos de sua “baixinha”**³⁴.

4.1.3. Super Final da Copa do Mundo, em Birmingham: a número 1

O ano de 2004 reservou a Daiane muitas disputas importantes e fortes emoções. Três meses após as Olimpíadas ela voltava a competir, agora na Super Final da Copa do Mundo de Ginástica, evento que reúne os oito melhores atletas em cada aparelho durante as etapas da Copa do Mundo que se estendem durante dois anos. Suas principais adversárias estariam lá, em especial Catalina Ponor. Para muitos, esta seria a “hora da verdade”: campeã mundial contra campeã olímpica. Uma ótima pauta para jornalistas, ávidos por boas matérias.

Correio do Povo

O CP começou a cobertura deste evento, novamente, falando nas dores no joelho direito de Daiane e até chegou a especular sobre uma possível nova cirurgia. Em seguida, pediu torcida pela ginasta, destacando que uma das suas adversárias seria outra brasileira, a velha rival Daniele Hypólito:

Na prova de solo, **ela terá como adversária outra brasileira**, Daniele Hypólito, que também disputará a final na trave.

O momento mais esperado, no entanto, é a final do solo, com Daiane dos Santos e Daniele Hypólito buscando medalhas³⁵.

Daiane conquistou o ouro e o jornal deixou claro que trabalho duro e dedicação fizeram a diferença na sua trajetória:

³⁴ Anexo 11, matéria “Uma semana para namorar”.

³⁵ Anexo 12, matéria “Toda a torcida para a gaúcha Daiane”

Segundo Daiane, este ouro serve para retomar a confiança. **'Esse resultado mostra que sem trabalho não se conquista nada. Em Atenas faltou trabalho da minha parte por causa da dor no joelho.** Agora foi diferente', declarou, acrescentando que a ginástica brasileira termina bem o ano³⁶.

'A evolução da ginástica olímpica tem um nome: trabalho', declarou Daiane. Ela tem chegada prevista no Rio Grande do Sul para o dia 22 deste mês. A ginasta disse que **vai matar a saudade da terra natal**, dos familiares e do clube no qual treinava aqui no Estado, o Grêmio Náutico União. 'Vou curtir as férias, descansar e esperar que o próximo ano seja melhor ainda', afirmou.

Depois de encerrada a competição, Daiane retornou a Porto Alegre e o jornal, como sempre, fez toda a cobertura da recepção da ginasta pelos gaúchos, noticiando a condecoração por ela recebida do governador do estado, sempre sendo destacada a sua valentia. Naquele momento, Daiane recebeu a medalha Negrinho do Pastoreio, a mais importante medalha de distinção concedida pelo estado do Rio Grande do Sul.

Em cerimônia realizada ontem no Palácio Piratini, o governador Germano Rigotto entregou **a medalha Negrinho do Pastoreio (a mais importante distinção de reconhecimento concedida pelo Estado) à ginasta Daiane dos Santos.** **'Os gaúchos se orgulham muito de ti, da tua garra, do teu trabalho, de tuas conquistas e de tudo aquilo que tens conseguido para o Rio Grande do Sul e para o Brasil'**, disse o governador a Daiane, que acaba de conquistar a superfinal da Copa do Mundo, na Inglaterra.

Zero Hora

"A Dona do Mundo"³⁷. Assim ZH chamou Daiane após a vitória na Super Final. O jornal disse que com a conquista, ela estava provando ao mundo e a si mesma que era a melhor de todas naquele momento.

Foram quase quatro meses de expectativa e resignação. Exatos 112 dias após errar em Atenas e ver sua principal adversária subir no pódio em seu lugar, Daiane dos Santos voltou a brilhar novamente.

³⁶ Anexo 13, matéria "Daiane encanta ingleses e conquista o ouro".

³⁷ Este título pode ser remetido à novela "O Dono do Mundo", da Rede Globo, que foi exibida na década de 1990, funcionando aí como um interdiscurso.

Ontem, na Superfinal da Copa do Mundo de Birmingham, na Inglaterra, **a gaúcha conquistou mais do que uma medalha de ouro**. Encerrou a temporada 2003/2004 no topo do ranking mundial e **provou ao mundo, e a si mesma, que é a melhor de todas**³⁸.

O jornal também destacou a fala da própria Daiane, na qual dizia que em Atenas havia faltado trabalho, mas ZH frisou que isto havia sido consequência da cirurgia no joelho realizada dois meses antes das Olimpíadas e não por falta de vontade da atleta:

– Estou aliviada. Eu estava precisando fazer uma competição do jeito que eu queria para voltar a acreditar em mim. Fechei meu ano com chave de ouro – vibrou a gauchinha. – Isso mostra que, **na Olimpíada, o que faltou para mim foi treinamento** – completou Daiane, **explicando que a cirurgia realizada pouco antes dos Jogos prejudicou seu desempenho na Grécia**.

Sua alegria e simpatia foram destacadas e também o fato de seu técnico e da seleção brasileira, o ucraniano Oleg Ostapenko, tido como frio e durão, ter dado um “afetuoso abraço” em Daiane após a sua apresentação:

Em seguida, realizou com precisão o Dos Santos e, já com o famoso sorriso metálico no rosto, completou a série sob aplausos de cerca de 25 mil pessoas. Depois, correu em direção ao técnico ucraniano Oleg Ostapenko, de quem recebeu um **afetuoso abraço**.

4.1.4. Mundial de Melbourne: “sem explicação”

Aproximadamente, um ano após a conquista da medalha de ouro na Super-Final Daiane voltou a competir em um grande evento, o Mundial. Novamente, chegava como favorita e agora lutava para manter o título, conquistado em Anaheim, dois anos antes.

CORREIO DO POVO

³⁸ Anexo 14, matéria “A Dona do Mundo”.

Desta vez, mesmo com o favoritismo, a competição e Daiane não tiveram o mesmo destaque no jornal. O CP enfocou que ela estava buscando o bicampeonato:

[título] **Daiane tenta seu bi mundial**

A ginasta porto-alegrense Daiane dos Santos é a **favorita para faturar a medalha de ouro** do solo no Campeonato Mundial de ginástica artística, que termina neste domingo em Melbourne, na Austrália³⁹

Mas, sua má colocação, sétimo lugar, obtida por causa da queda de Daiane após uma das séries de acrobacias, foi tratada pelo jornal de forma “mais fria”. O destaque ficou por conta da declaração que ela seguiria trabalhando duro para tentar chegar até as Olimpíadas de Pequim, em 2008.

A porto-alegrense Daiane diz ter aprendido com o tombo e **encontrará forças para seguir treinando até os Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim.**

Derrota sempre é doída. As duas (Olimpíada e Mundial) foram tristes. Mas vou ficar chorando? Não! **Tenho é de trabalhar, porque a medalha não voltará.** Agora, é começar tudo do zero, mudar coreografia, música, acrobacias', contou a ginasta ontem⁴⁰.

b) ZERO HORA

Antes da apresentação da final, ZH a chamou de “Fantástica Dai”, fazendo referência ao que havia sido dito sobre ela pelo apresentador do evento. Foi dito também que o título de bicampeã combinava mais com Daiane.

Hoje, a situação da atleta é bastante diferente. **A maior ginasta brasileira de todos os tempos, responsável pela popularização do esporte no país**, é reconhecida internacionalmente. Na última quarta-feira, quando participou da etapa classificatória do Mundial de Melbourne, também na Austrália, **a gaúcha foi única atleta reverenciada pelo locutor do evento: “Com vocês, a fantástica Daiane dos Santos, atual campeã mundial de solo”⁴¹.**

³⁹ Anexo 15.

⁴⁰ Anexo 16, matéria “Daiane: ‘Erro não vai me abalar’”

⁴¹ Anexo 17, matéria “Fantástica Dai”.

Que na madrugada deste domingo (às 2h de Brasília, com transmissão da Band), a gaúcha dê mais motivo para ser louvada pelos locutores. **“Atual bicampeã mundial”, certamente, combina mais com gauchinha.**

O jornal também lembrou de sua primeira conquista internacional, quando tinha 15 anos, na qual um dos colegas de seleção juvenil teve que cantar o hino nacional, uma vez que a organização do evento, que não esperava a vitória de brasileiros, não tinha um CD com o hino do país. Este fato ainda não tinha sido mencionado na cobertura dos outros eventos.

Quando conquistou o seu primeiro título internacional, na Copa Juniors de Canberra (AUS), Daiane dos Santos tinha apenas 15 anos. Do pódio, ouviu o hino nacional cantado por um colega a capela – **jamais havia passado pela cabeça dos organizadores que alguém do Brasil poderia ganhar alguma medalha de ouro neste esporte.**

A derrota, ou melhor, a má colocação de Daiane foi chamada de “sem explicação”. De sua queda foi dito que ela havia perdido o ritmo. Entretanto, o jornal disse que a ginasta “perdeu, mais uma vez, para ela mesma”, ou seja, que Daiane só perde quando erra, pois sem erros ela é a melhor.

Gaúcha caiu sentada após executar o “dos Santos” na primeira seqüência de saltos da série Brasileirinho, **perdeu o ritmo e o título**⁴².

Assim como na Olimpíada, quando estava invicta há quatro competições, Daiane chegou a Melbourne como principal favorita ao ouro. **Perdeu, mais uma vez, “para ela mesma”** segundo Eliane Martins, supervisora da Confederação brasileira de Ginástica. Seria pressão?

Assim, Daiane terminou o ano de 2005: sem título e com o prestígio um pouco em baixa com a imprensa, que esperava mais dela.

Mas, como foi possível perceber no decorrer da descrição da cobertura dos eventos selecionados para análise, Daiane saiu do ostracismo em que se encontrava antes do Mundial de Anaheim e foi elevada à categoria de heroína, havendo uma euforia em torno dela que foi, de certa maneira, desfeita após o

⁴² Anexo 18, matéria “Sem explicação”.

quinto lugar nas Olimpíadas. Mesmo assim, o fato de ter vencido a Super-Final da Copa do Mundo a manteve em destaque. É importante salientar que, em termos de relevância, este título é mais importante que o Mundial, pois a Super-Final acontece a cada dois anos, reunindo os oito melhores ginastas de cada modalidade no período.

Nesta descrição foi possível perceber como suas ações e sua história de vida foram ganhando uma dimensão maior e é neste aspecto que há uma relação mais próxima entre o que é dito sobre Daiane e a identidade gaúcha. A seguir, esta questão será abordada mais detalhadamente, com a análise das marcas discursivas.

4.2 Mapeando as Marcas Discursivas

Depois de conhecer como a história de Daiane foi contada pelos jornais e de nos tornarmos mais familiarizados com a questão, chega a hora de verificarmos como a identidade gaúcha aparece nos textos.

Através do mapeamento das marcas discursivas é que aparecem as formações discursivas presentes nos textos sobre a ginasta Daiane dos Santos e que nos levarão a identificar a presença do contexto exterior ao texto. Sendo assim, primeiramente, faremos a análise das marcas encontradas que tenham relação com a identidade gaúcha e as identidades subalternas, para num segundo momento apresentarmos os discursos produzidos.

4.2.1. Marcas da identidade gaúcha

Considerando-se que ao construir um discurso o jornalista acaba utilizando valores e características da sociedade em que vive, é possível perceber a presença de marcas discursivas que remetam a esta cultura. Aqui entra em jogo aquilo que Hall *et. al.* (1993) chama de “mapas partilhados de significados” e que condiciona o que será escrito pelos jornalistas.

A análise dos textos apontou três marcas discursivas, que remetem à identidade gaúcha, predominantes na representação de Daiane dos Santos. São elas: a) Bravura/Valentia; b) Heroísmo; e c) Laboriosidade/Laborioso.

a) Bravura/Valentia

Bravura e valentia, segundo o dicionário Aurélio (2005), são dois substantivos femininos que possuem significados semelhantes: ambos remetem à coragem, audácia, força, proeza. Na identidade gaúcha, essas palavras são utilizadas sempre que se queira demonstrar que houve enfrentamento de riscos e sacrifícios para se alcançar algum objetivo, isto porque, durante o processo histórico que levou ao desenvolvimento desses elementos como atributos do povo gaúcho, sempre que alguém se impôs diante de obstáculos foi tido como valente ou bravo. Foi assim desde os conflitos armados, nos quais a população do estado se viu envolvida, passando pelo trabalho com a pecuária extensiva, no qual o gaúcho em suas atividades regulares enfrentava desafios e riscos, até chegar aos dias atuais, onde o imaginário coletivo continua cultuando as qualidades de bravura e valentia (TEIXEIRA, 1994).

Essas características apareceram reiteradamente nos textos sobre Daiane, através de marcas que remetem aos sentidos que elas instituem, tanto para qualificá-la como para qualificar as suas ações. É possível perceber isso, nas seqüências discursivas (SDs) destacadas abaixo:

Daiane **começou muito tarde sua carreira** na ginástica. Afinal, aos 11 anos, a maioria das ginastas já treina há muito em clubes estruturados. **Apesar disso, ela superou todos os obstáculos para conquistar**, domingo à noite, no Mundial de Anaheim (EUA), **a medalha de ouro no solo, um feito inédito para a ginasta [sic] brasileira** (CP – SD 6).

A segunda operação na atleta do União, **há 48 dias**, foi uma complementação da primeira. Pequenos pedaços de cartilagem soltos no joelho direito foram retirados para que as dores que ela sentia deixassem de incomodar. **O prazo de recuperação normal para a cirurgia é de 50 dias** (CP – SD 16).

Se os deuses quiserem (são tantos), e não de querer, **Daiane quebrará a escrita de branqueias angelicais do Leste da Europa**

comandarem o abre-alas rumo ao pódio. **Daiane, a fortaleza dos joelhos de aço** (CP – SD 30).

Daiane só tem 20 anos, mas **já superou lesões graves na carreira**. [...] Há exatos dois meses, estava na mesa de cirurgias tirando metade do menisco direito. **Dois dias depois, ainda com pontos, retornava aos treinamentos** (ZH – SD 65).

Alexandra, 19 anos, **começou com Daiane, mas não suportou dores e lesões** (ZH – SD 87)

Nada disso tirou o ânimo da ginasta, que repetia exercícios tantas vezes quantas fossem necessárias. **Nem a dor, nem as injustiças faziam pará-la**, contam os que viram sua dedicação diária (ZH – SD 113).

Essas seis SDs demonstram que os jornais produziram uma imagem de Daiane como uma atleta que não teve facilidades na carreira. Ela é brava e valente, porque continuou competindo mesmo enfrentando a dor e processos cirúrgicos, porque teve que superar muitos obstáculos, como o início tardio na modalidade. Na SD 87 temos um não-dito instituindo sentido: ao trazer o exemplo de uma menina que começou com Daiane, fica implícito que aquela, ao contrário desta, não seguiu na ginástica, porque não suportou as dores e lesões. E, a SD 65 é a mais direta, mostrando a coragem de Daiane em voltar aos treinos ainda com os pontos da cirurgia.

Em alguns momentos, as marcas de bravura e valentia aparecem juntas com as de etnia e gênero:

Pobre e negra, a ginasta superou as dificuldades e se transformou no maior nome do esporte amador do RS. Neste domingo, a partir das 15h, a gaúcha começa a luta pelo sonho olímpico (ZH – SD 101).

O **pedregoso caminho de Daiane** até o tablado do Indoor Hall em Atenas já é suficiente para garantir medalha. Ela representa 1m44cm de ouro puro. **Os Garcia dos Santos venceram uma maratona por dia pela dignidade** (ZH – SD 103).

A origem de Daiane explica **sua bravura para vencer obstáculos e preconceitos**. **Só assim uma negra pobre saltou de um bairro humilde para um dos clubes mais abastados de Porto Alegre** (ZH – SD 104).

Nas SDs acima, classe e etnia foram mostradas como obstáculos a serem superados para tornar-se um campeão de ginástica. E, Daiane superou-os e ainda tornou-se o “maior nome do esporte amador do RS”, ou seja, foi uma proeza da ginasta.

O sentido de bravura e de valentia vai aparecendo através de um processo de paráfrase, quer dizer, há sempre algo que se repete nos textos. As marcas discursivas que remetem a esses termos vão se repetindo sempre que os jornais mostraram como ela teve que superar muitas dificuldades até tornar-se campeã mundial.

b) Heroísmo

A identidade gaúcha, como muitas outras, é marcada por heróis e seus feitos extraordinários. Foi assim na Revolução Farroupilha e na Legalidade, com Getúlio Vargas, Leonel Brizola, Bento Gonçalves e tantos outros heróis que figuram no imaginário coletivo. O heroísmo gaúcho é destacado sempre que seus homens e suas mulheres agem de forma a deixar um legado e é assim que essa marca foi encontrada nos textos sobre Daiane dos Santos. Toda vez que queriam mostrar que a ginasta fez coisas extraordinárias, tanto ZH quanto CP recorreram ao heroísmo:

'O resultado é fruto de muito trabalho e dedicação. Realizei meus dois grandes sonhos: receber a nota máxima num movimento inédito e ser campeã mundial', comemorou ao ser agraciada, talvez sem ter ainda a real dimensão de sua conquista. Afinal, **pela primeira vez em 100 anos da competição, o Brasil subiu ao lugar mais alto do pódio, sem nunca antes ter ficado entre os três primeiros** (CP – SD 4).

Um sonho impossível que se realizou. Assim pode se resumir a história da porto-alegrense Daiane dos Santos, que na noite de domingo **tornou-se a maior ginasta brasileira de todos os tempos** (CP – SD 5).

Daiane, 20 anos, **é a primeira brasileira a dar nome a uma acrobacia** e, por isso, **entra para a história da ginástica olímpica mundial** (ZH – SD 59).

A ginasta gaúcha Daiane dos Santos fez história ontem ao tornar-se a primeira atleta do Brasil a ganhar uma medalha de ouro em um Mundial de Ginástica (ZH – SD 60).

Nestas quatro SDs foi destacado o ineditismo da conquista de Daiane e o que elas representam em âmbito nacional e internacional. O heroísmo neste caso está justamente no feito extraordinário obtido por ela, pois ser a primeira brasileira campeã mundial e a dar nome a uma acrobacia são fatos relevantes dentro do campo esportivo. Juntamente com os feitos inéditos, entra a questão da grandeza das adversárias, que revelam o grau de dificuldade para vencer uma competição:

Se os deuses quiserem (são tantos), e não de querer, **Daiane quebrará a escrita de branqueias angelicais do Leste da Europa** comandarem o abre-alas rumo ao pódio. Daiane, a fortaleza dos joelhos de aço (CP – SD 30).

A gauchinha não só conquistou um ouro inédito como desbancou a campeã olímpica Catalina Ponor, da Romênia. 'Estou muito feliz pela apresentação e estou louca de saudade do Brasil. Não vejo a hora de voltar para casa', disse a atleta, que não confirmou se passará por nova cirurgia no joelho esquerdo em 2005 (CP – SD 49).

Naquele instante, Magda soube que era **mãe da maior ginasta brasileira de todos os tempos. Sim, porque é precisamente nisto que Daiane**, atleta do Grêmio Náutico União, **se converteu ao conquistar a primeira medalha de ouro verde-amarela diante das superpotências desse esporte**, no domingo. Daiane superou romenas, russas, chinesas, americanas (ZH – SD 61).

No caso destas SDs, foi estabelecida uma relação direta das conquistas de Daiane com o poder de suas adversárias. Aqui, entra em jogo um conhecimento anterior que diz que ginastas do leste europeu são as melhores, instaurando o sentido de que ela conquistou, ou conquistará, seus títulos enfrentando atletas de níveis até então superiores ao dela. Por exemplo, no caso da SD 61, há um sentido implícito no trecho **“se converteu ao conquistar a primeira medalha de ouro verde-amarela diante das superpotências desse esporte, no domingo. Daiane superou romenas, russas, chinesas, americanas”**, o implícito é que o Brasil não faz parte do grupo das superpotências e, portanto, é mais difícil para uma brasileira fazer frente as ginastas desses países.

Já na SD 30, há o uso de ironia ao chamar as adversárias de Daiane de **“branqueias angelicais do Leste da Europa”**, que vai contrastar com algo que não está dito, mas que fica subentendido: Daiane poderia ter sido a primeira negra a

conquistar uma medalha de ouro olímpica, entrando aí também a questão étnica, assim como nas SDs abaixo, que incluem ainda as questões de classe, de gênero e etária:

Já mereceram grandiosas recepções no aeroporto, seguidas de entusiasmados cortejos pela cidade, nossa sempre Miss Universo, leda Athanázio Vargas, o tricampeão mundial Everaldo Marques da Silva, o Papa João Paulo II, Luiz Felipe Scolari e Anderson Polga, nossos pentacampeões, **e agora será a vez dos porto-alegrenses homenagearem nossa pequena heroína, Daiane dos Santos. Conquistar a medalha de ouro** no Mundial de Ginástica, derrotando ginastas de países com notável biografia nesta modalidade esportiva, **foi proeza** que brasileiro algum jamais se atrevera a sonhar. (ZH – SD 75).

Hoje, em caminhão de Bombeiros, como se deve fazer nessa homenagem da cidade a um de seus heróis, volta a Porto Alegre a pequena Daiane dos Santos, ginasta do União, campeã mundial no solo, um corpo humano devotado ao movimento sincronizado, máxima elasticidade e beleza de movimentos. **É a primeira heroína brasileira com medalha de ouro, a primeira mulher a parar a cidade pelo imaginário de sua excelência solitária, desprotegida, mas feliz** (ZH – SD 78).

Ao voltar para casa depois de ser campeã mundial no solo nos Estados Unidos, a emoção transbordou:

– **Diziam que eu nunca seria campeã por ser velha para a ginástica. Lutei. E consegui: eu sou uma campeã** – desabafou Daiane, 20 anos, ao chegar ao Grêmio Náutico União (ZH – SD 90).

Tudo se decide na próxima segunda-feira, dia 23, em Atenas. O Brasil tem a chance de mostrar ao mundo uma das **maiores atletas de todos os tempos, com auréola de fama igual ou superior à de Pelé** (ZH – SD 119).

Basta que Daiane ganhe. Ela sairá da Grécia como **rainha** dos Jogos Olímpicos. **E quando for considerado que ela é negra e natural de um país subdesenvolvido, sem qualquer tradição em ginástica artística, o mundo ficará boquiaberto e se ajoelhará a seus pés** (ZH – SD 120).

Daiane merecia uma medalha, seus pais mereciam, assim como mereciam seus treinadores, o GN União e os seus amigos. Mas, não deu. **Acho que a nossa heroína – parou o país, sozinha** – foi prejudicada pelo desejo demasiado de vencer, a pressão insuportável da responsabilidade e, principalmente, pela potência extraordinária dos seus músculos. Sobram-lhe força e velocidade em todos os movimentos (ZH – SD 142).

Nas SDs transcritas acima, as marcas de heroísmo são mais evidente. Nas duas primeiras (SDs 75 e 78), o heroísmo da atleta foi utilizado para justificar recepções festivas no seu retorno ao estado. Em outras, seus atos são tidos como heróicos (SDs 90 e 142). Mas, é nas SDs 119 e 120 que o sentido do heroísmo de Daiane fica mais exacerbado e exaltado: a primeira constrói o sentido de que o possível feito da gaúcha seria mais importante que o do jogador de futebol Pelé, considerado o maior atleta do século XX, e na segunda o heroísmo aparece em decorrência das condições de negra e de brasileira (vinda de um país subdesenvolvido) da ginasta.

Mas, todo herói precisa ser exemplo de algo, alguém que deixa um legado a ser seguido e isto também foi encontrado nas matérias sobre Daiane dos Santos:

Daiane é o exemplo: só com **determinação e persistência** um atleta realiza tal **sonho**, este **de ser o melhor do mundo**, estar no topo. Sei que terá **recepção de heroína**. **A ginástica brasileira se divide em antes e depois de Daiane**. Querem mais? (CP – SD 9)

Daiane dos Santos servirá de incentivo não apenas para a meninada que pratica ginástica no União, mas **para todos os que sonham em um dia chegar ao topo** (CP – SD 15).

A ginástica comprovou uma evolução extraordinária e muito disso deve ser creditado em nome da gauchinha. De figurante, passou a ser finalista (CP – SD 44).

O Efeito Daiane: Um furacão varreu a ginástica internacional. No Brasil, está tudo de pernas para o ar. **Desde que Daiane dos Santos assinou o nome na história** do mais plástico dos esportes com a inédita medalha de ouro durante o Campeonato Mundial de Anaheim, nos Estados Unidos, abriu-se um horizonte infinito de barras assimétricas, traves, solos e saltos (ZH – SD 79).

É preciso esclarecer que a qualidade de herói pode ser atribuída a qualquer atleta que venha a conquistar coisas extraordinárias, mas de acordo com Helal (1999 e 2003), é o tipo de herói que deixa transparecer a relação estabelecida com as identidades. No caso de Daiane, há uma heroína que recebe qualificativos idênticos aos que representam a identidade gaúcha. Seu heroísmo não está apenas nos seus feitos relevantes para o esporte nacional, mas também na maneira como sua trajetória pessoal e profissional foi representada, entrando aqui as outras marcas que estão sendo analisadas nesse trabalho.

c) Laboriosidade/Laborioso

O gaúcho também é tido como um povo trabalhador, que progrediu às custas de trabalho duro. Característica essa que está relacionada com o peão das estâncias e sua dura vida diária, mas também tem muito da influência da presença dos imigrantes na formação sócio-econômica do estado. Sobre isso, Freitas (2002) afirma que características como organização, espírito trabalhador e eficiência são creditadas aos povos imigrantes, em especial alemães e italianos, e contribuíram na construção do que a autora chama de “mito da superioridade gaúcha”.

O trabalho também foi uma marca encontrada nos textos estudados na pesquisa. Os êxitos sempre aparecem como consequência de muito esforço, criando a noção de que só talento não basta, que é preciso muito esforço também. As seqüências destacadas abaixo mostram isso:

Daiane é o exemplo: só com **determinação e persistência** um atleta realiza tal sonho, este de ser o melhor do mundo, estar no topo. Sei que terá recepção de heroína. A ginástica brasileira se divide em antes e depois de Daiane. Querem mais? (CP – SD 9).

A gaúcha de Porto Alegre Daiane dos Santos, 20 anos, do Grêmio Náutico União, colocou o Brasil no primeiro mundo da ginástica. Ao conquistar a medalha de ouro no solo, domingo passado, no Mundial de Anaheim, nos Estados Unidos, **ela consolidou um trabalho que começou há quase cinco anos** (CP – SD 14).

'Esse resultado mostra que sem trabalho não se conquista nada. Em Atenas faltou trabalho da minha parte por causa da dor no joelho. Agora foi diferente', declarou, acrescentando que a ginástica brasileira termina bem o ano (CP – SD 50).

'A evolução da ginástica olímpica tem um nome: trabalho', declarou Daiane. (ZH – SD 51).

No meu caso, foram **oito anos de treino para chegar aonde cheguei.** É assim que se faz um campeão – afirmou Daiane (ZH – SD 94).

As piruetas de Daiane fizeram os R\$ 150 multiplicar 400 vezes. Hoje, especula-se que seu patrocinador, a Brasil-Telecom, garante-lhe R\$ 60 mil mensais. Sua imagem aparece no horário nobre da televisão. A casa da família, na Zona Sul, é própria. No Dia dos Pais, Moacir ganhou de presente da filha uma caminhonete de cabine dupla. Mais uma prova que Daiane é de ouro (ZH – SD 108).

Como é possível notar o trabalho é exaltado e a falta dele é utilizada para justificar derrotas. Além disso, na SD108 através da construção **“As piruetas de Daiane fizeram os R\$ 150 multiplicar 400 vezes”** e do não-dito (que é: as piruetas são o trabalho de Daiane), possibilitando mobilidade social. Essas marcas de trabalho, em muitos casos aparecem junto às de bravura, valentia e heroísmo, como nas SDs 9, 14, 50, 51 e 94.

4.2.2. Marcas das identidades subalternas

a) Etnia

A questão étnica é muito importante no caso da ginasta Daiane dos Santos. O fato dela ser negra poderia passar despercebido se estivéssemos falando de qualquer outra modalidade esportiva, como por exemplo o futebol, mas não na ginástica artística. Tradicionalmente este esporte é dominado pelos países do leste europeu, China e Estados Unidos. Daiane foi a primeira atleta negra campeã mundial no solo e a primeira negra a disputar uma final olímpica neste aparelho. Então, sua figura tem uma importância que transcende as barreiras esportivas. Mas, como essa questão está inserida nos textos produzidos sobre ela pelo jornalismo gaúcho?

As marcas discursivas da negritude quando aparecem vêm de forma isolada ou juntamente com outras que não remetem à identidade gaúcha, mas sim à identidade brasileira ou ao Brasil, simplesmente, como é possível ver nos exemplos abaixo:

Hera, Afrodite, Atena, Ceres, Artémis, transformadas em Diana pelos romanos e, quem sabe lá, hoje, **essa terra de mitos e deusas inclui no Olimpo**, residência oficial dos imortais, **a brasileiríssima Daiane**. A ginástica pode não ser mais a mesma a partir das 15h45min: **uma negra, de um país sem tradição nesse esporte, pode figurar ao lado de Zeus** (CP – SD 29).

Acompanhe, passo a passo, a trajetória da **pérola negra do Brasil** rumo a consagração internacional (ZH – SD 63).

Só uma glória pode ser maior do que o ouro no Mundial, depois de batizar um movimento inédito (duplo twist carpado) com o próprio nome, como aconteceu nos Estados Unidos. Trata-se do lugar mais alto do pódio nos Jogos olímpicos de Atenas, no ano que vem. **A**

pérola negra, apelido conferido pela chefe de equipe Eliane Martins, conseguirá? (ZH – SD 67)

Eu não sei se as pessoas estão percebendo, mas o Brasil joga nesta Olimpíada a maior conquista esportiva da sua história, capaz de bater até mesmo em impacto internacional os cinco campeonatos mundiais. Refiro-me a Daiane dos Santos, **a pretinha que perambulava despreziosa, poucos anos atrás, pelas praças públicas** dos bairros Medianeira, Azenha e Menino Deus tornou-se a atual campeã mundial em ginástica artística de solo (ZH – SD 118).

O primeiro ponto a ser destacado aqui é que nas SD 63 e 67 Daiane recebe o adjetivo de “pérola negra”, essa construção traz o sentido de que a ginasta é especial, é uma “jóia rara”. Entretanto, se em outras SDs ela é mostrada como “nossa heroína” ou “nossa ginasta de ouro”, aqui ela é a “pérola negra do Brasil”. Ou seja, o não-dito que faz sentido aí é o de que quando a questão étnica é posta em evidência a ginasta deixa de ser dos gaúchos, a “nossa”, e passa a ser do Brasil. Aqui fala o interdiscurso ou a memória discursiva, que traz para o discurso a FI do Gauchismo que exclui o negro, que o deixa do lado de fora, mas ao mesmo tempo fala da FI Brasilidade, na qual, o negro é um elemento que contribui na conformação do que chamamos identidade brasileira.

Como foi dito no capítulo 2, quando abordamos as representações do gauchismo, os negros ocupam um papel secundário na construção da identidade gaúcha. A eles não é dado o devido reconhecimento pela sua contribuição na formação da sociedade gaúcha. O negro aqui pertence à identidade brasileira, na qual ocupa outra posição, um pouco menos subalterna.

Em outros momentos, a questão étnica aparece em marcas discursivas que instituem o sentido de uma barreira a ser superada, mas aqui está falando o discurso do esporte, da ginástica – que é predominantemente praticada por atletas brancos:

Basta que Daiane ganhe. Ela sairá da Grécia como rainha dos Jogos Olímpicos. **E quando for considerado que ela é negra e natural de um país subdesenvolvido**, sem qualquer tradição em ginástica artística, o mundo ficará boquiaberto e se ajoelhará a seus pés (ZH – SD 120).

Pobre e negra, a ginasta superou as dificuldades e se transformou no maior nome do esporte amador do RS. Neste domingo, a partir das 15h, a gaúcha começa a luta pelo sonho olímpico (ZH – SD 101)

A origem de Daiane explica sua bravura para vencer obstáculos e preconceitos. **Só assim uma negra pobre saltou de um bairro humilde para um dos clubes mais abastados de Porto Alegre** (ZH – SD 104).

Pelo fato de ser negra, com explosão nas pernas, inúmeras vezes Daiane ouviu conselhos de que devia fazer atletismo, não ginástica (ZH – SD 111).

Neste último exemplo (SD 111), há algo que não é dito, que é silenciado, mas que tem muita importância no caso de Daiane. A explosão nas pernas, pelo fato de ser negra, de acordo com especialistas em fisiologia esportiva, é justamente o que permite a Daiane a execução de movimentos tão precisos e altos, e a diferencia das demais.

Todavia, como já foi dito, o silenciamento mais importante, no que se refere à etnia, é o fato de nenhum dos jornais ter mencionado que Daiane foi a primeira atleta negra a ser campeã mundial. Novamente, vemos falar a memória discursiva, o Gauchismo, que não dá muito valor à questão negra. Esse é o mesmo silenciamento que ajudou a construir a identidade gaúcha: não conceder aos negros seu lugar, apagando as conquistas que possam refletir na causa étnica, tornando a etnia invisível diante da importância da “corporação gaúcha”.

b) Gênero

Assim, como na questão étnica, as marcas discursivas de gênero são poucas e quando aparecem trazem uma distinção entre feminino/mulher e feminino/adolescente. A única marca encontrada no Correio do Povo faz referência à vaidade, que não é um assunto comum na editoria de esportes do jornal:

A atleta tem se mostrado caprichosa com seu visual. Fora das competições e dos treinos, ficou claro que ela gosta, mesmo, é de um estilo mais despojado e natural, mas, no momento das apresentações, Daiane aprecia o potencial de um bom brilho. Muitas vezes, ela mesma faz a maquiagem, **com direito a muitos produtos femininos**, como lápis nos olhos, sombras cintilantes e, até mesmo, purpurina. Um detalhe: o cabelo da atleta tem de estar bem preso. Para resolver esse problema, tornaram-se comuns no visual de Daiane as presilhas de cabelo conhecidas como tic-tac, que mostram criatividade tanto na escolha das peças quanto na hora da

colocação no cabelo. Formato de estrelas estão entre os preferidos da atleta, que já é uma estrela (CP – SD 23).

Nas outras marcas discursivas de gênero encontradas, verifica-se bem a distinção feminino/mulher e feminino/adolescente:

Mesmo sendo sábado, com a maior parte do comércio fechado, certamente os porto-alegrenses estarão postados à margem do caminho, ou nas janelas, balançando bandeiras e aplaudindo **nossa graciosa campeã mundial, seus imensos olhos de jabuticaba e o largo sorriso dos vencedores** (ZH – SD 76).

A melhor atleta do planeta no solo terminou a noite feito rainha. Tirou muitas fotos. Distribuiu autógrafos. Na festa de encerramento do Mundial, atletas norte-americanas e romenas queriam uma papeleta com o nome da gauchinha. Aquelas mesmas ginastas que Daiane aprendeu a admirar agora estão curvadas a seus pés. **A serelepe que virou ginasta só aos 11 anos acabara de alcançar o lugar mais alto do pódio já mulher** (ZH – SD 84).

A sapeca menina descoberta no trepa-trepa de uma pracinha não acenou com um leve sorriso como fazem as russas, romenas e chinesas depois de exibição à beira do sublime. Enganchou-se às costas de Adriana e assim saiu de cena, ovacionada por um público que não tinha dúvidas: o ouro era seu (ZH – SD 85).

Se fosse possível usar deste expediente sempre, nunca mais haveria atraso em roteiros de celebridades. Pequenininha (1,45cm) e leve (39 quilos). Para impedir que Daiane fosse cercada de fãs a todo instante, **os seguranças fortões a levavam no colo. Ela ria, mascando chiclete. Mas quem mandava era Daiane.** Se a técnica Adriana chegava perto, a campeã mandava os seguranças abrirem o cordão de isolamento feito com os braços (ZH – SD 96).

Rendeu a viagem até a Disney de Orlando, na Califórnia, depois da conquista em Anaheim. Só de filmes, Daiane torrou sete. Entregou tudo para o fotógrafo Valter, do União, se virar na revelação. Foi tirando filme da **mochila ornamentada com a Deedee, personagem de desenho animado que é musa teen e das crianças.** Trouxe uma sacola com presentes para as irmãs. E comprou uma moderna máquina fotográfica com zoom automático (ZH - SD 97).

É possível perceber através das SDs acima que apenas em uma delas, na SD 96, há relação das marcas discursivas de gênero com a identidade gaúcha. O sentido construído nesta SD se opõe à FI do Gauchismo: **“os seguranças fortões a levavam no colo. [...] Mas quem mandava era Daiane”**. Se o gauchismo tem “a cara masculina” (WEBER, 1992), na qual o homem detém o comando de tudo, nesta

construção o comando é da mulher, independentemente da diferença de força física existente.

Aqui está falando um discurso subalterno, mas presente no imaginário construído, principalmente pela literatura. Apesar desta “cara masculina” de que nos falou Weber, as mulheres gaúchas são reconhecidas como guerreiras e lutadoras. Um exemplo é Ana Terra, personagem criada por Erico Veríssimo. Toda a graciosidade atribuída a Daiane e constantemente destacada, não exclui ou afasta o fato dela ser valente e deter, de certa forma, o poder. Dessa forma, é possível perceber que há uma certa contradição entre o discurso internalizado pela identidade gaúcha, na qual o jornalismo está inserido, e o discurso criado na representação da atleta. Pois, quando os jornais narram a trajetória de Daiane dos Santos surge o discurso subalterno e não aquele que é hegemônico na construção da identidade.

Podemos dizer, que sua condição de mulher não interfere no tratamento dado a Daiane pelos jornais. O discurso criado consegue mesclar estas duas posições, a da sociedade patriarcal e, por vezes, machista e o discurso subalterno da mulher guerreira. Desta forma, a sua condição de mulher não interfere no tratamento dispensado a ela. O que prevalece são os valores comuns a todo o povo gaúcho e não as questões de gênero.

c) Classe

A questão da classe social na identidade gaúcha é bastante contraditória. Ao mesmo tempo em que o tipo social representante desta identidade é um peão, os valores, costumes e características estão baseados na aristocracia rural.

Nos textos sobre Daiane dos Santos a questão de classe aparece em marcas discursivas que remetem à sua origem pobre. E o sentido predominante, assim como na questão étnica, é de que a pobreza foi um obstáculo superado por ela para chegar à vitória na carreira. Abaixo estão alguns exemplos:

Daiane, 20 anos, é a segunda das quatro filhas de Moacir e Magda. Deise, 21, Cíntia, 18, e Djéssica, 10, completam **a família, que se mudou há três anos para um condomínio na zona Sul da Capital, graças ao sucesso de Daiane** (CP – SD 7).

Vieram as competições. E o primeiro inimigo: o nervosismo. **De origem pobre, o mundo pomposo da ginástica assustou.** Quando Daiane fica tranqüila, dá show (ZH – SD 64).

Agora que a ginástica tem um ídolo de verdade, a confederação brasileira pretende não desperdiçar a chance.

- Quantos talentos como Daiane não são desperdiçados pela falta de acesso ao esporte em locais públicos? – questiona Erlo Fischer, árbitro internacional de ginástica. – Ela só foi descoberta por causa do Cete, um centro público. **Atletas de um esporte como este são encontrados nas classes mais baixas. Para eles o sacrifício é válido como forma de ascensão social. Uma criança de classe mais alta dificilmente se submete à dura rotina de treinos** (ZH – SD 80).

Na quarta-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve se encontrar com Daiane. **Ambos driblaram a pobreza e chegaram lá.** A meta é convencer o governo a oferecer incentivos fiscais a quem investe no esporte. Daiane lá estará para sensibilizar Lula (ZH – SD 81).

As lágrimas consagradoras só podiam mesmo escorrer pelo rosto lisinho da maior ginasta brasileira ao lembrar a parede gigantesca de “nãos” que se ergueu diante de seus 1m45cm no começo de sua carreira na ginástica. **Daiane dos Santos era negra, pobre e velha.** Aos 12 nos, quando foi descoberta na pracinha do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (Cete), esse era o maior desafio (ZH – SD 89).

A origem de Daiane explica sua bravura para vencer obstáculos e preconceitos. **Só assim uma negra pobre saltou de um bairro humilde para um dos clubes mais abastados de Porto Alegre** (ZH – SD 104).

- Por isso, a história da Daiane é a de **um pobre que venceu no peito e na raça e de forma honesta** – atesta Clarilda dos Santos, amiga dos tempos da Cohab e enfermeira do posto de saúde local (ZH – SD 105).

Como foi dito, apesar da figura emblemática ser a do gaúcho peão, é a burguesia que representa a identidade gaúcha e as classes baixas ficam esquecidas. Na representação da identidade gaúcha é silenciada a sua presença, como diz Weber (1992) na “corporação gaúcha” come-se bem e veste-se bem, não há pobres. Entretanto, no caso de Daiane não há como fazer silêncio para essa questão, uma vez que sua origem humilde é utilizada para construir os sentidos de bravura, valentia, heroísmo e laboriosidade. Então, como nos mostram as SDs acima, a partir da idéia de que ser pobre é uma barreira a ser vencida aparecem as

marcas que remetem à identidade gaúcha, chegando a aparecer outra qualidade do povo gaúcho: a honestidade (SD 105).

Um último ponto que merece destaque é o fato de que no jornal Correio do Povo só apareceram três marcas discursivas de classe, enquanto que em Zero Hora foram encontradas 12.

4.3 Os sentidos aparecem: os discursos produzidos na representação de Daiane dos Santos

As marcas discursivas explicitadas acima nos apresentam o caminho às formações discursivas, que instituem os sentidos sobre o que está sendo dito sobre a ginasta Daiane dos Santos, e à presença da memória discursiva, ou interdiscurso, que revelam como o contexto exterior exerce influência no que é dito. Quer dizer, chegamos assim aos discursos que são construídos na representação da atleta e a relação deles com a identidade gaúcha.

A análise evidenciou a presença de três regiões de sentido, ou seja, três formações discursivas que aparecem reiteradamente nos textos e a sua nomeação foi de acordo com o sentido predominante.

4.3.1 FD 1 – Gaúcho Idealizado

Essa região de sentidos surge da forma pela qual a atleta é representada, quer dizer, a partir do momento que a ela são atribuídos valores como valentia, bravura, heroísmo e laboriosidade é criado o sentido de gaúcho idealizado, que reúne as características que qualificam todos os habitantes do estado.

Esse processo é realizado através do esquecimento ideológico, pois o jornalista que escreve a matéria talvez nem se dê conta que está colocando em seus textos sentidos pré-existentes que configuram a sociedade em que vive. Além disso, ele é importante, pois permite ao leitor identificar-se com o que está lendo, uma vez que ele partilha do mesmo “mapa de significados” de quem escreve.

É necessário deixar claro que, com gaúcho idealizado não se está falando da figura mítica, do “centauro dos pampas” ou “monarca das coxilhas”, mas estamos nos referindo ao conjunto de características que qualifica o povo gaúcho e o distingue dos demais habitantes do país. Aqui entra a força do imaginário social, que faz com que as distinções de grupo sejam criadas e fortalecidas. Estamos falando daquilo que MACIEL (1999, p. 178) denomina de “figura emblemática” do gaúcho, que foi construída com base no que se “convencionou chamar, numa poética metáfora silvestre, de raízes, esta figura expressaria uma determinada imagem dos habitantes da região, transmitindo idéias e valores sobre como seriam (ou deveriam ser) os gaúchos”. Dessa maneira, nada mais “normal” do que um gaúcho apresentar características como valentia, bravura, honestidade, etc.

A construção desse sentido de Gaúcho Idealizado através da representação de Daiane dos Santos teve início já nas primeiras narrativas publicadas logo após a sua conquista no Mundial de Anaheim (2003), quando os jornais demonstravam a luta da “guria” em busca do seu ideal:

Daiane **começou muito tarde sua carreira** na ginástica. Afinal, aos 11 anos, a maioria das ginastas já treina há muito em clubes estruturados. **Apesar disso, ela superou todos os obstáculos para conquistar**, domingo à noite, no Mundial de Anaheim (EUA), **a medalha de ouro no solo, um feito inédito para a ginasta brasileira** (CP – SD 6).

As **lágrimas consagradoras** só podiam mesmo escorrer pelo rosto lisinho da maior ginasta brasileira ao **lembrar a parede gigantesca de “nãos” que se ergueu** diante de seus 1m45cm no começo de sua carreira na ginástica. **Daiane dos Santos era negra, pobre e velha**. Aos 12 nos, quando foi descoberta na pracinha do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (Cete), esse era o maior desafio. [...] – **Diziam que eu nunca seria campeã por ser velha para a ginástica. Lutei. E consegui: eu sou uma campeã** – desabafou Daiane, 20 anos, ao chegar ao Grêmio Náutico União (ZH – SD 89).

Temos aí o velho discurso, já bastante conhecido, dos gaúchos e seus ideais. Foi assim na Revolução Farroupilha, na Revolução de 1930 e na Legalidade. Mesmo que aqui tenhamos um ideal particular, o sonho de Daiane em ser campeã,

esse título conquistado por ela também fez bem ao país, que começou a ganhar respeito internacional, feito que foi deixado bem claro por ZH na seqüência abaixo⁴³:

Faz sentido. Nunca é demais situar no contexto internacional **o que a gaúcha Daiane aprontou** no Mundial de Anaheim, nos Estados Unidos:

- 1) ganhou a primeira medalha de ouro da história da ginástica brasileira, no solo;
- 2) é a primeira sul-americana a batizar um movimento inédito com o seu nome, cuja dificuldade está nos dois saltos mortais para frente (duplo) com as pernas esticadas (carpado) em vez de flexionadas;
- 3) a medalha foi conquistada no centenário do campeonato mundial. É como se o Grêmio fosse de novo campeão no Japão este ano, quando completa 100 anos de fundação;
- 4) por anteceder a Olimpíada de Atenas, ao contrário de edições anteriores (há mundiais todos os anos), a etapa de Anaheim concentrou a nata da ginástica. Todos os países mandaram para os Estados Unidos o que tinham de melhor, visando os Jogos Olímpicos. **Daiane superou os melhores do planeta mesmo** (ZH – SDs 92 e 93).

A SD acima evidencia bem a importância do título conquistado por Daiane no Mundial de Anaheim. Somado a isso, vêm todas as construções que criam sentido de bravura, valentia e laboriosidade. O que se tem, então, sobre as conquistas de Daiane é um já-dito, a memória discursiva, da luta dos gaúchos em busca de seus ideais e, para tanto, enfrentando e superando qualquer obstáculo, como os que a ginasta precisou enfrentar (lesões, dores, cirurgias, preconceitos, etc). Assim, Daiane passa a ser uma gaúcha que lutou pelo seu sonho, com bravura, valentia esforço e dedicação, e as suas conquistas se transformaram em façanhas de importância nacional.

O movimento de paráfrase construído com base nas barreiras superadas por Daiane foi constante, pois muitas vezes foi repetida a questão do “apesar de”: apesar das dores e das cirurgias ela competiu, apesar de ser negra, pobre e velha. Vale lembrar, que essa construção do “apesar de negra, pobre e velha” faz sentido dentro da modalidade de esporte que ela pratica, uma vez que a ginástica é um esporte elitizado, praticado principalmente por brancos e pelos muito jovens. Isto é, está fazendo sentido aí o discurso do esporte. A relação deste com a identidade gaúcha está justamente nele ajudar a construir as marcas de bravura, valentia e

⁴³ Optou-se aqui por unir duas SDs para facilitar a compreensão do encadeamento das idéias contidas no texto.

heroísmo. Então, mesmo que a identidade gaúcha seja bastante excludente, neste caso não é ela que institui o sentido do “apesar de”. Entretanto, não podemos deixar de pontuar que foi silenciado o fato dela ter sido a primeira negra a conquistar um mundial de ginástica.

Há, também, uma construção discursiva que institui um sentido contraditório, ou pelo menos, ambíguo:

Se os deuses quiserem (são tantos), e não de querer, **Daiane quebrará a escrita de branquelas angelicais do Leste da Europa** comandarem o abre-alas rumo ao pódio. **Daiane, a fortaleza dos joelhos de aço** (CP – SD 30).

Com sua imagem de fortaleza física e mental, Daiane fez o país do futebol discutir ginástica, conversar sobre duplo twist carpado e esticado, opinar sobre saltos e acrobacias (ZH – SD 124).

Ela fez isso, **com sua imagem de fortaleza física e mental**, capaz de sair de um bairro pobre, driblar as dificuldades da vida e encarar mundo de cabeça erguida (ZH – SD 130).

Nestas três SDs, aparecem construções que remetem a idéia de uma virtude masculina – força – que é o contrário das imagens que aparecem de Daiane nas fotos dos jornais. Nestas, ela sempre está com um ar de graciosidade e feminilidade, um jeito de “moleca”, que em nada lembra força. Porém, o sentido que o texto quer instituir é o de valentia, de bravura, que são características mais masculinas e, desta forma, algumas vezes, para conseguir valer esses sentidos são utilizados referentes masculinos à imagem da mulher. Quanto a isso, cabe ressaltar o que nos diz Teixeira (1994, p. 187-188) ao argumentar porque bravura, valentia, coragem são atributos historicamente exigidos e exibidos pelo gaúcho:

É a possibilidade de dominar seres fortes que faz com que a lida com o gado sempre atraia homens, prontos para ajudar, sem outra recompensa que o exercício deste domínio, que serve, em sua dimensão simbólica, para que os gaúchos exercitem e exibam a posse de atributos morais (que decorrem da vontade) da masculinidade (que são percebidos como inerentes aos verdadeiros homens e por isto deles sempre exigidos): valentia, coragem, brio, estoicismo. [...]

Explicito que considero aqueles atributos como próprios da masculinidade não porque mulheres não os ostentem, o que fazem com aprovação geral, mas porque isto não lhes é exigido, enquanto elemento simbólico de caracterização de seu gênero.

Quer dizer, historicamente força, valentia, coragem, bravura estão ligados à figura masculina do gaúcho, devido aos trabalhos realizados por este, às guerras e a uma exigência da sociedade, o que não significa que as mulheres não possam ser valentes e corajosas também. Aqui entra novamente a questão da literatura regional, que criou personagens que também levavam estes atributos masculinos, mas sem perder suas características femininas. No caso de Daiane, as construções “fortaleza dos joelhos de aço” e “fortaleza física e mental”, querem instituir esses sentidos. A questão aqui é que a “cara masculina do estado” (Weber, 1992) é tão forte que até para qualificar mulheres e suas ações são utilizadas características que são marcadamente masculinas.

Outro ponto que contribui na formação do sentido de Gaúcho Idealizado é a referência à honestidade. Foi mostrado todos os esforços de uma família gaúcha de classe baixa para que uma das filhas conseguisse persistir no sonho de ser campeã:

O pedregoso caminho de Daiane até o tablado do Indoor Hall em Atenas já é suficiente para garantir medalha. Ela representa 1m44cm de ouro puro. **Os Garcia dos Santos venceram uma maratona por dia pela dignidade** (ZH – SD 103).

Por isso, a história da Daiane é a de **um pobre que venceu no peito e na raça e de forma honesta** – atesta Clarilda dos Santos, amiga dos tempos da Cohab e enfermeira do posto de saúde local (ZH – SD 105).

A mesma estratégia era usada para a filha seguir na ginástica. As passagens eram pagas pelo Grêmio Náutico União, assim como as estadias em viagens. **Os extras, porém, saíam de empréstimos com agiotas, rifas e galletos**. Poucos sabem, mas a atual número 1 do mundo comeu muito frango para garantir algum trocado extra (ZH – SD 107).

A laboriosidade é outra característica, que juntamente com honestidade, auxiliam na construção do sentido de Gaúcho Idealizado. A dedicação ao trabalho, que começou nas estâncias e culminou com o trabalho dos imigrantes. Aqui, temos um discurso que é hegemonicamente Tradicionalista, o do árduo trabalho do gaúcho nas fazendas, e um discurso subalterno, dos descendentes de imigrantes, mas que também compõe a idéia de dedicação ao trabalho. Essa marca discursiva é utilizada para demarcar diferenças com relação a outras identidades, como a brasileira. O trabalho intenso – já que Daiane treina sete dias por semana em épocas de pré-competição - é, assim, a causa dos bons resultados:

Há cinco anos começava **um trabalho que resultaria em medalhas** no Pan-Americano e **na consagração de Daiane dos Santos** (CP – SD 13).

A gaúcha de Porto Alegre Daiane dos Santos, 20 anos, do Grêmio Náutico União, colocou o Brasil no primeiro mundo da ginástica. **Ao conquistar a medalha de ouro no solo**, domingo passado, no Mundial de Anaheim, nos Estados Unidos, **ela consolidou um trabalho que começou há quase cinco anos** (CP – SD 14).

Rotina e dieta rígidas: anote aí o dia-a-dia da maior ginasta brasileira de todos os tempos em Curitiba, sede da seleção permanente de ginástica. Isso de segunda à sábado. **E quando há competições perto – ou seja, quase sempre – a rotina compreende os sete dias da semana.** E nada de chocolate ou guloseimas (ZH – SD 90).

As lágrimas não impediram Daiane de mostrar também consciência de campeã. Aproveitou os holofotes para cobrar.
- [...] No meu caso, foram **oito anos de treino para chegar aonde cheguei.** É assim que se faz um campeão – afirmou Daiane (ZH – SD 94).

Através desta construção discursiva, distancia-se Daiane da figura da identidade brasileira, que tem como um de seus elementos a malandragem. No caso dela, o motivo das vitórias, além da bravura e valentia, é a dedicação aos treinos, que é o contrário do talento nato. Como bem observou Helal (2003), ao falar das biografias de Zico e de Romário, no imaginário brasileiro predomina a idéia do sucesso sem esforço, que vem da malandragem, que tão bem identifica Romário e tantos outros brasileiros e que afasta Zico dessa idealização, uma vez que sua biografia é marcada pelo esforço, o que para os brasileiros é considerado algo de menor valor – jogador esforçado é sinônimo de pouco talento. Nesse contexto, ao se frisar que o sucesso de Daiane é produto de trabalho, superação de obstáculos, coragem e audácia, fica evidenciado que a memória que está falando neste caso é a do Gauchismo e não da Brasilidade.

E, assim foi sendo construída uma representação de Daiane dos Santos que relacionada com a identidade gaúcha, pois através da FD do Gaúcho Idealizado ela é incluída na “corporação gaúcha”. Ao fazer falar o sentido de que ela é valente e brava, uma vez que superou muitos obstáculos; é corajosa, ao sempre arriscar ao máximo com suas acrobacias; e é trabalhadora, ao se dedicar aos treinos com tanta

intensidade que não tem folgas; ela passa a ter atributos que qualquer outro gaúcho também pode ter.

4.3.2 FD 2 – Superioridade Gaúcha

Como se sabe, uma identidade é uma marca de distinção entre aqueles que são iguais e os que são diferentes. A partir do momento em que se criam esses laços de igualdade entre um determinado grupo de indivíduos, passa-se a ressaltar as qualidades deste como forma principal desta distinção. Em alguns casos, ocorre uma exacerbação destas qualidades chegando o grupo a se sentir superior aos demais. A identidade gaúcha não fica de fora deste processo. Há uma imagem idealizada de que no Rio Grande do Sul as coisas são melhores: o povo gaúcho é o mais educado, mais culto, mais politizado, as mulheres gaúchas são as mais bonitas, o melhor jogador de futebol do mundo até pouco tempo também era gaúcho (Ronaldinho). Quer dizer, há um discurso de auto-exaltação, que se insere na idéia de “corporação gaúcha” e segundo Weber (1992) fica no limite entre superioridade e inferioridade, sendo aquela uma prerrogativa dos gaúchos e esta a que é atribuída aos “outros”.

Um outro fator que também intervém nesse sentimento de superioridade é o fato dos gaúchos creditarem a si a responsabilidade de “salvar” ou “proteger” o país nos momentos difíceis. Como analisou Oliven (1992), entre os elementos recorrentes na construção dos discursos da identidade gaúcha está o da necessidade de intervenção sulina em momentos de crise.

Esse sentido de superioridade também foi encontrado nas matérias sobre a Daiane. Houve uma exaltação das suas conquistas, sempre sendo frisado que ela é a maior ginasta brasileira de todos os tempos e da evolução da ginástica depois do seu aparecimento. Além disso, ela foi considerada mais importante que outras atletas do país:

Finalmente, chegou o dia tão esperado pelos brasileiros. Às 15h45min (horário de Brasília) a ginasta gaúcha Daiane dos Santos, do Grêmio Náutico União e Brasil Telecom, entrará no tablado do ginásio Athens Olympic Sports Complex e, ao som do Brasileirinho, de Waldir Azevedo, irá em busca de uma medalha inédita para o país na modalidade (CP – SD 26).

Foi numa das etapas da Copa do Mundo, efetuada em Stuttgart em 2003, que a gauchinha despontou para o Brasil ao ganhar ouro no solo. Já famosa, venceria ainda nas etapas de Cottbus, Lyon e Rio. **Desde então, ela vem ofuscando atletas de todas as modalidades, sendo o principal destaque nos noticiários** (CP – SD 27).

Um furacão varreu a ginástica internacional. No Brasil, está tudo de pernas para o ar. Desde que Daiane dos Santos assinou o nome na história do mais plástico dos esportes com a inédita medalha de ouro durante o Campeonato Mundial de Anaheim, nos Estados Unidos, abriu-se um horizonte infinito de barras assimétricas, traves, solos e saltos (ZH – SD 79).

Daiane já conta com a **imunidade reservada aos atletas superiores** (ZH – SD 114).

Eu não sei se as pessoas estão percebendo, mas **o Brasil joga nesta Olimpíada a maior conquista esportiva da sua história, capaz de bater até mesmo em impacto internacional os cinco campeonatos mundiais.** Refiro-me a Daiane dos Santos, a pretinha que perambulava despretensiosa, poucos anos atrás, pelas praças públicas dos bairros Medianeira, Azenha e Menino Deus tornou-se a atual campeã mundial em ginástica artística de solo (ZH – SD 118).

Nas SD 26, está dito que a participação de Daiane na final é o momento mais esperado. Este caso está se referindo às Olimpíadas de Atenas e a construção *“Finalmente, chegou o dia tão esperado pelos brasileiros”*, deixa implícito que todos os brasileiros estavam aguardando ansiosamente por esse dia e o não-dito que fala aí é que a competição que envolve a ginasta é mais importante para os brasileiros que qualquer outra, como o vôlei, o basquete ou o atletismo, por exemplo. Não porque nestes outros esportes não existam ídolos, mas porque o que importa, a partir da visão da imprensa do estado, é a participação de gaúchos. O que se faz é aumentar a importância do fato, fazendo crer que o país inteiro aguardava “ansioso” por aquele momento.

Outro momento relevante, que demonstra a superioridade gaúcha está na SD118. Nesta, a possível medalha de ouro que Daiane conquistaria em Atenas está sendo considerada mais importante que os cinco títulos mundiais que o Brasil possui no futebol – o esporte mais popular do país. Já na SD 27, na construção *“ela vem ofuscando atletas de todas as modalidades, sendo o principal destaque nos noticiários”*, mostra bem como o sentido de superioridade está apresentado. O movimento de paráfrase construído aqui é justamente o que institui o sentido de que

os gaúchos são os melhores naquilo que fazem. Esta memória que fala é a mesma que diz que os políticos gaúchos são os melhores, que o povo é mais educado, etc.

Mas, quando é dito que Daiane é melhor ginasta do Brasil e se atribui a ela a condição de ter feito história, de ter mudado os rumos da ginástica no país, é que vemos falar a memória dos feitos gaúchos em prol do Brasil:

A notícia da década: a gaúcha Daiane dos Santos, do Grêmio Náutico União, sagrou-se campeã do mundo de exercícios de solo, ontem, com 9,737 pontos, no Mundial de Ginástica de Anaheim, na Califórnia. Esta fase do União me faz lembrar um ditado: 'quem planta, colhe'. Pippi da Motta deve estar exultante. **Daiane faz história** (CP – SD 2).

[título] **O grande salto da ginástica nacional** (CP – SD 12)

Mesmo sem medalhas na bagagem, a equipe comemorou **o desenvolvimento da modalidade no país, onde está se tornando cada vez mais popular, graças ao sucesso de ginastas como Daiane dos Santos** (CP – SD 40).

A ginástica comprovou uma evolução extraordinária e muito disso deve ser creditado em nome da gauchinha. De figurante, passou a ser finalista (CP – SD 44).

Foi ela, com sua força, que nos colocou no mapa da ginástica mundial, levando o Terceiro Mundo diretamente para o pódio. Foi ela que ontem, em meio ao aquecimento no Indoor Hall, em Atenas, recebeu um leve toque no braço de um ginasta do Canadá, ouviu uma pergunta e se colocou prontamente ao lado dele. O canadense, de Primeiro Mundo, queria uma foto ao lado daquela ginasta de 1m45cm de altura. Oleg Ostapenko, o técnico ucraniano, se encarregou de manejar a máquina, que o canadense, sorridente e agradecido, levou depois para casa (ZH – SD 131).

Vamos dar a Daiane o afeto que ela merece e repetir o que disse o presidente Carlos Nuzman, do Comitê Olímpico Brasileiro, ao abraçá-la depois da apresentação: "Muito obrigado".

O país tem mesmo esta dívida com ela (ZH – SD 132).

O quinto lugar não é ouro, mas é quase. Pela primeira vez, desde 1896, o Brasil colocou uma atleta entre as oito primeiras da ginástica artística e com chances de medalha. **Não há nada parecido com Daiane dos Santos em 108 anos de ginástica no país, ninguém vai encontrar nada, nem os arqueólogos** (ZH – SD 138).

O mais curioso são as notícias de não apenas em Porto Alegre, terra dela, mas também no Rio, muito distante da Restinga, foram colocados telões nas ruas para que o público acompanhasse o salto de Daiane. **É ou não é um fenômeno? Antes dela, só o futebol seria capaz de reunir multidões à frente da TV.** A ginástica no Brasil, até então, ficava restrita a uma minoria. **Calculem, então, o**

que significa uma Daiane para a valorização de um esporte como a ginástica – e, principalmente, pensem no que significaria ter outras Daianes nas demais modalidades (ZH – SD 144).

Podemos perceber que nas construções “*A ginástica comprovou uma evolução extraordinária e muito disso **deve ser creditado em nome da gaúchina***”, “*Foi ela, com sua força, **que nos colocou no mapa da ginástica mundial, levando o Terceiro Mundo diretamente para o pódio***” e, principalmente, “***O país tem mesmo esta dívida com ela***”, a memória que está falando é a do gaúcho que tem papel principal em momentos importantes da história do Brasil e que institui o sentido da superioridade gaúcha. Esse discurso do “fazer história” é bastante recorrente na construção identidade gaúcha, principalmente, quando se fala em história política brasileira. Aqui entra a questão da qual falamos antes, que os gaúchos reivindicam para si o papel “salvadores” da pátria.

No caso apontado acima (de Daiane ser considerada a principal responsável pela evolução da ginástica no país), é importante aqui desfazer a idéia de que isto só poderia ter sido dito desta forma, para ficar mais claro a relação da idéia do fazer história com a identidade gaúcha. Para tanto, é necessário contextualizar a evolução da ginástica no país. Até a década de 1990, o melhor resultado obtido por uma ginasta brasileira em Olimpíadas tinha sido o 34º lugar de Luisa Parente em Seul (1988), no individual geral. As coisas começaram a mudar com a chegada da equipe de técnicos ucranianos, comandada por Oleg Ostapenko, em 1998, e a posterior formação da seleção brasileira permanente de ginástica⁴⁴. Com essa estratégia, os resultados começaram a aparecer: nas Olimpíadas de Sydney (Austrália), em 2000, o Brasil levou duas ginastas e Daniele Hypólito conseguiu a 20ª colocação no individual geral; em 2004, nos Jogos de Atenas o Brasil levou pela primeira a equipe feminina completa (com seis ginastas) e três ginastas chegaram à final: no individual geral, Camila Comin (que ficou no 16º lugar) e Daniele Hypólito (12º lugar), e no solo, com Daiane. Isso, sem contar as medalhas de ouro nos Mundiais e nas etapas da Copa do Mundo, com Daiane, Daniele, Laís Souza e Diego Hypólito.

Então, na verdade, não foi o trabalho e as conquistas de Daiane isoladamente que produziram a evolução na ginástica brasileira, mas sim as estratégias e

⁴⁴ Esse é a chamada “Escola do Leste-Europeu” de ginástica, que ao invés de os ginastas treinarem em clubes ou Universidades e serem convocados para as competições, são escolhidos os melhores ginastas do país para treinarem juntos sob o comando de um mesmo técnico.

investimentos adotados pela Confederação Brasileira de Ginástica que resultaram nas conquistas da ginasta gaúcha. Isso mostra que, ao dizer que a ginástica “se divide em antes e depois” de Daiane, os jornais o estão fazendo posicionados a partir de uma determinada filiação ideológica, neste caso, a identidade gaúcha.

Assim, foi construído um discurso de superioridade gaúcha na representação de Daiane, que também tem presente um já-dito, algo que fala antes, e que pertence ao imaginário gaúcho. Nesse discurso construído foi trabalhado o sentimento de exaltação das qualidades e importância não só da atleta, mas também da “comunidade imaginada”⁴⁵. Esta auto-exaltação serve para demarcar o que difere os gaúchos das outras regiões do país, o que os faz se sentirem especiais, evidenciando que o jornalismo não fica alheio ao contexto no qual está inserido.

4.3.3 FD 3 – Senso de Justiça

Essa FD vai aparecer durante o período das Olimpíadas de Atenas, mais precisamente, após Daiane dos Santos ficar na quinta colocação. Diante de um discurso criado em alguns setores da sociedade brasileira de que tal resultado seria um fracasso e a atleta gaúcha seria a maior decepção do país nos Jogos Olímpicos, a imprensa esportiva do Rio Grande do Sul saiu em defesa de “sua ginasta”. O sentimento de injustiça tomou conta dos textos e teve início um processo de reivindicação de que a ela fosse dado um tratamento digno e respeitoso:

Torço loucamente para sofrer não com uma, mas com dez Daianes em Pequim. **E ouço dizerem que o sonho acabou. Acabou, sim, acabou de começar.** Hoje sonharei ginástica. **Daiane nos deu muito mais do que o ouro olímpico: ela nos colocou no Olimpo.** Obrigado, Daiane. Obrigado! (CP – SD 35)

Há quem afirme que a gaúcha Daiane dos Santos, do Grêmio Náutico União e Brasil Telecom, **acabou sendo a grande frustração brasileira em Atenas.** Se só o que conta é medalha, isso é verdade. **Porém, para a imensa maioria, ela foi uma gigante no tablado e deve ser saudada.** Na verdade, Daiane dos Santos criou uma

⁴⁵ A idéia de “Comunidade Imaginada” foi desenvolvida por Benedict Anderson (1989), ao falar de como se constituem os sentimentos de pertencimento na Nação, mas que podem ser apropriadas para se pensar também as identidades regionais. Nas palavras do autor: “Finalmente, a nação é imaginada como comunidade porque sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida com um companheirismo e horizontal” (ANDERSON, 1989, p. 16).

expectativa inédita em relação a um atleta brasileiro após ganhar um Mundial e três etapas da Copa do Mundo no solo e virar coqueluche nacional (CP – SD 43).

Gauchinha de ouro, sim (ZH – SD 126)

Só falta agora o Brasil agir em relação Daiane dos Santos com a dureza e a ingratidão com que trata outros ídolos. Ao longo dos últimos dois anos, Daiane fez o país do futebol discutir ginástica com ares de entendido, a conversar sobre duplo twist carpado e esticado. **Ela fez isso, com sua imagem de fortaleza física e mental, capaz de sair de um bairro pobre, driblar as dificuldades da vida e encarar mundo de cabeça erguida.** Ou melhor: ver o mundo inclinar-se diante dela, em sinal de humildade e de reverência. **Daiane é uma vencedora**, não importa que ontem tenha ficado em quinto lugar, e deve ser tratada assim na volta a Porto Alegre na quinta-feira. **Precisamos ser mais justos com nossos ídolos** (ZH – SD 130).

A gauchinha Daiane dos Santos **ficou na quinta colocação** na final do solo da ginástica olímpica, em Atenas. **Só isso já deveria ser motivo para comemoração num país que dá pouca atenção a esportes como o que ela pratica.** Havia uma expectativa demasiada em torno da menina pobre que desafiou todas as probabilidades e se tornou uma atleta de elite numa idade em que as campeãs de sua modalidade já estão encerrando a carreira. **Daiane tinha o peso de um país inteiro nas costas – razão mais do que compreensível para o pequeno desequilíbrio que a afastou do pódio** (ZH – SD 133).

Mas Daiane saiu digna e altiva do desafio que não conseguiu superar. Ela já superou desafios maiores, entre os quais a própria lei da gravidade para inscrever nas enciclopédias olímpicas um salto exclusivo que leva o seu nome. **Daiane merece o reconhecimento dos brasileiros porque ela própria é um milagre da superação** (ZH – SD 134).

Não é decepção. **Uma derrota não nos faz fracassados** – disse Elisete Colle, coordenadora da área do Mercado Público (ZH – SD 137).

Daiane era uma menininha pobre no Cete da Érico. Ainda bem que foi descoberta, o União deu todo o apoio, com o seu sucesso foi construindo uma trajetória pessoal vitoriosa e de orgulho nacional. **Nada de errado, nem fracasso, nem decepção, nem fiasco ontem, em Atenas. Daiane dos Santos é a quinta atleta do mundo. O país precisa aprender a contar** (ZH – SD 141).

Não liguem, a crítica é pura dor de cotovelo. Imagino a dor que está maltratando o coraçãozinho de Daiane. Ela sabe que, no **Brasil, dirão que chegar “apenas” em quinto lugar é fracasso. Conceito bem brasileiro** (ZH – SD 143).

Dá para perceber pelos exemplos acima, como houve um certo tom de revolta com o que estava sendo feito com a ginasta. Desse sentimento de injustiça, começa a surgir uma exaltação dos feitos de Daiane, da importância dela para a ginástica brasileira. Na SD 143, aparece o sentido de distinção entre gaúchos e brasileiros: **“Não liguem, a crítica é pura dor de cotovelo”**. Nessa construção, o uso no verbo na terceira pessoa do plural insere o leitor no texto e traz o sentido de que “eles” estão criticando, pois queriam ter uma atleta do nível dela, mas não têm. Em **“Conceito bem brasileiro”**, há uma referência a um discurso que circula no meio esportivo brasileiro que só valoriza os primeiros colocados, no qual vice não existe. Ao tomar toda a SD, temos um texto em tom irônico que instaura o sentido de que “eles”, os brasileiros, não dão o devido valor à “nossa” atleta.

Mas, é na SD 134 que vamos encontrar a marca maior da presença do já-dito que remete ao Gauchismo: **“saiu digna e ativa do desafio”** é a presença do discurso que vem desde a Revolução Farroupilha, depois que a guerra acabou sem ter um vencedor, mas segundo os revolucionários gaúchos o exército rio-grandense saiu altivo do conflito, uma vez que todas as suas reivindicações foram atendidas. Esse sentido será completado com a SD 137, que diz: **“uma derrota não nos faz fracassados”**. Aí há também um nós que fala, como se todos os gaúchos estivessem sendo acusados de fracasso.

Nessa hora, do sentimento de injustiça, há um companheirismo entre os indivíduos que se sentem iguais que é dado através do pertencimento a uma mesma identidade. Os jornais saíram em defesa de “sua igual” e além de o fazerem através de suas próprias palavras, também utilizaram o recurso de comprovar o que estavam sentindo, dando voz às suas fontes (que é o que aconteceu na SD 137).

Além disto, promovem um envolvimento em torno do orgulho gaúcho. Não só em ser gaúcho, mas de se orgulhar dos seus cidadãos mais destacados. Assim, são construídos textos que demonstravam a forma como isso aconteceu:

Antes do início, porém, ela recebeu um telefonema do **governador Germano Rigotto, parabenizando a ginasta por tudo que ela representa para o Estado** (CP – SD 41).

Depois, junto dos pais, de amigos e parentes, **percorreu as ruas da Capital em carro aberto, sendo aplaudida e saudada com entusiasmo por transeuntes**. Das janelas de edifícios, pessoas gritavam o nome da ginasta do Grêmio Náutico União. **Daiane percebeu, então, que o fato de não ter voltado com medalha dos**

Jogos Olímpicos de Atenas em nada alterou a admiração que os gaúchos sentem por ela (CP – SD 42).

Em cerimônia realizada ontem no Palácio Piratini, o governador Germano Rigotto entregou a medalha Negrinho do Pastoreio (a mais importante distinção de reconhecimento concedida pelo Estado) à ginasta Daiane dos Santos. **'Os gaúchos se orgulham muito de ti, da tua garra, do teu trabalho, de tuas conquistas e de tudo aquilo que tens conseguido para o Rio Grande do Sul e para o Brasil', disse o governador a Daiane**, que acaba de conquistar a superfinal da Copa do Mundo, na Inglaterra (CP – SD 52).

Pelas cenas vistas ontem, população parece ter entendido bem a lição. Por onde passou, Dai recebeu acenos, aplausos e sinais de positivo. **Eram os gaúchos mostrando-se orgulhosos de sua "baixinha"** (ZH – SD 146).

Os jornais mostravam que o povo se sentia orgulhoso de “sua ginasta”. Mas foram além, mostraram que Daiane também sentia o mesmo orgulho, por ser gaúcha:

Daiane, que já havia recebido a Medalha Mérito Riograndense, ficou emocionada com a nova distinção. **'Tenho orgulho de ser gaúcha e sei, que a cada nova conquista o nome do Rio Grande do Sul fica em evidência'**, disse ela que, antes de ir ao Palácio Piratini, fez questão de visitar os futuros ginastas do Grêmio Náutico União (CP – SD 55).

“Eu estava ansiosa para chegar a Porto Alegre. Tive que ir para Curitiba antes, mas **não agüentava mais de saudades daqui. Eu sou gaúcha, né?**” (ZH – SD 147).

Com essa construção em torno do orgulho gaúcho, é instaurado o sentido de que não importa o que os “outros” estão dizendo, o “nosso povo” ainda sente orgulho de “nossa ginasta” e ela também se sente orgulhosa em ser gaúcha. Assim, junto com os textos que saem em defesa da atleta, mais as que mostram o quanto o povo gaúcho está orgulhoso dela, constrói-se o discurso de senso de justiça.

Então, na FD Senso de Justiça aparece um sentido que se faz muito presente na construção da identidade gaúcha. Sempre que se sentem injustiçados os gaúchos rebelam-se contra aqueles que lhes dão este tratamento. Segundo Oliven (1992), diante desse sentimento de injustiça muitos conflitos e revoluções foram deflagrados pelo povo do estado e esse discurso de fazer justiça sempre retornou no constante processo de institucionalização da identidade gaúcha.

Todo esse discurso de senso de justiça foi construído em resposta, mesmo que não tenha sido dito desta forma, ao jornalismo do centro do país, pois há na cultura gaúcha uma necessidade eterna de reconhecimento externo (FISCHER, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das bases de sustentação do jornalismo é a crença na objetividade, na clareza, na transparência e na imparcialidade do profissional que tem por missão informar a sociedade acerca dos acontecimentos. Entretanto não é bem assim que se dá o funcionamento do processo jornalístico. Muitos fatores influenciam nesse fazer profissional, que vão desde as escolhas e posicionamentos pessoais até os constrangimentos organizacionais, passando pela relação com as fontes. Um olhar mais atento a uma notícia de jornal, pode comprovar isso. Sentidos não tão transparentes acabam surgindo durante uma leitura minuciosa.

Ao construir um texto, toda a bagagem social e cultural do jornalista está sendo manuseada e acaba interferindo no que está sendo dito. Os discursos construídos na representação da ginasta Daiane dos Santos demonstram a influência do contexto social, no qual o jornalista está inserido, na produção dos sentidos. O local de onde o jornalista fala e o público a que se dirige tem papel fundamental naquilo que é construído. O texto não é de quem escreve, ele sempre tem um propósito e um destinatário. A condição de estar no Rio Grande do Sul, escrevendo para os gaúchos, também têm importância no que é dito. Mas, para perceber como esse processo acontece é necessário realizar um estudo mais aprofundado dos textos jornalísticos.

Nessa sentido, a contribuição da Análise do Discurso de linha francesa foi fundamental na construção dessa pesquisa, pois o aporte teórico e a forma de análise do material que é proposta por essa corrente permitem que “o texto fale”. Quer dizer, os conceitos de Formação Discursiva, Formação Ideológica, Interdiscurso, paráfrases e esquecimentos quando aplicados na análise permitem que a subjetividade do processo jornalístico seja reconhecida.

A noção de duplo esquecimento de Pêcheux, principalmente, possibilita ao analista perceber que um mesmo assunto poderia ter sido contado de outras formas. Com isso, começamos a reconhecer as escolhas feitas pelo jornalista ao produzir seus textos e a relacionar estas com o que é exterior ao texto, com as posições ideológicas. Foi quando começamos a confrontar o que estava sendo dito pelos jornais sobre a ginasta Daiane dos Santos com o que poderia ter sido dito e não foi é que começaram a surgir os discursos referentes à identidade gaúcha. A relação entre o texto e seu exterior passa pela escolha do enfoque que foi dado aos acontecimentos e das falas das fontes que foram utilizadas para ilustrar o que está sendo dito, chegando assim ao texto final.

Com o entendimento do processo discursivo que é dado pela AD, foi possível reconhecer a memória que estava atuando na construção dos textos, e dessa forma, perceber que o discurso construído pelo jornalismo é dialógico e opaco. É dialógico porque remete à interdiscursividade, a memória discursiva que, sem que percebamos, constitui os sentidos do que está sendo dito. E é opaco porque seus sentidos não são transparentes, apesar da ilusão de literalidade na qual o jornalismo está amparado.

A trajetória de Daiane dos Santos narrada pelos jornais Correio do Povo e Zero Hora, desde o inédito título de campeã mundial no solo em 2003 até a queda durante a apresentação no Mundial de Melbourne (em 2005), alternou momentos de alegria, de exaltação, de expectativa e de tristeza. Quer dizer, foi permeado pela emotividade, que é típica dos textos do jornalismo esportivo.

Mas as notícias construídas transcenderam a simples emoção, a parte da imprensa esportiva gaúcha analisada neste trabalho construiu discursos que fizeram circular sentidos relacionados à identidade gaúcha, aquela na qual o jornalista está inserido. Entretanto, isto não significa que esses discursos reproduziram a totalidade das representações do gauchismo, com todos os estereótipos e preconceitos existentes nestas.

Como vimos, vitória e derrota geraram discursos diferentes, mas não antagônicos. A Daiane foram atribuídos valores e características que resultaram num discurso sobre Gaúcho Idealizado, representando elementos que qualificam e distinguem o povo gaúcho. A “baixinha” foi apresentada como brava, valente, esforçada e trabalhadora. Seus feitos, considerados heróicos, apresentaram o discurso da Superioridade Gaúcha. Esses dois discursos estão intimamente ligados

à vitória. Na derrota, surgiu um outro discurso, o do Senso de Justiça, que reproduzia, ao mesmo tempo, a luta pelo reconhecimento externo e o sentimento interno de orgulho por tudo o que a ginasta fez e o que representa para o estado.

A identidade gaúcha é uma construção que produz sentidos que extrapolam o mito do gaúcho, criando uma “comunidade imaginada” através do discurso da “corporação gaúcha”. Quer dizer, apesar da sua base que remonta a uma cultura rural, o Gauchismo funciona atualmente muito mais nesse sentido que nos foi proposto por Weber (1992), uma vez que o gaúcho foi “urbanizado”. E, é assim que apareceu através do interdiscurso que falou na representação da Daiane dos Santos: Em nenhum momento, apareceram questões ligadas diretamente ao Tradicionalismo, embora saibamos que este foi um movimento que teve participação fundamental na institucionalização a identidade. Nos discursos que foram construídos pelos jornais analisados estiveram presentes valores e idéias que representam o que são (ou devem ser) os gaúchos, e que se encaixam na figura emblemática do gaúcho proposta por Maciel (1994), ou seja, as qualidades atribuídas à Daiane são as mesmas que figuram no imaginário social como sendo as representativas do povo do estado, simbolizadas através da figura do gaúcho.

Ainda no contexto do imaginário da identidade gaúcha, entra a relação que é estabelecida entre a identidade regional e a identidade nacional. Sempre que foram demarcadas as qualidades do gaúcho atribuídas a Daiane, já se estava fazendo uma distinção com o que não é do gaúcho, ou seja, que é dos “outros”. Principalmente, na construção que coloca a figura da ginasta dentro da idéia de heroína, trabalhadora e esforçada e a afasta do herói tipicamente brasileiro, que é o malandro, que não acha necessário treinar, afirmando que só o talento basta (HELAL, 1999 e 2003).

Nesse caso, já foi estabelecida uma distinção entre nacional e regional, mas a relação tensa entre esses dois universos, que é figura na construção da identidade gaúcha, apareceu no discurso sobre senso de justiça. Claramente, houve uma demarcação de que as atitudes tomadas pela imprensa do centro do país para com a atleta foram consideradas injustas pelos jornalistas gaúchos e, estes, travaram uma “batalha” para resgatar a “dignidade ferida” da atleta. Entretanto, é preciso dizer que mesmo demarcando diferenças o gauchismo não exclui a brasilidade, ao contrário, como nos disse Oliven (1992) no Rio Grande do Sul só se é brasileiro sendo gaúcho antes. Quer dizer, só se é nacional passando pelo regional.

Por esse motivo, Daiane dos Santos nunca deixou de ser tratada como brasileira. E nem poderia ser diferente, pois algumas preferências da atleta deixavam isso muito claro e não podiam ser silenciadas, como as escolhas de músicas para suas apresentações: primeiro com “Brasileirinho”, de Waldir Azevedo, e depois com “Sandália de Prata”, de Ari Barroso; e seu gosto declarado por samba, tanto que em um de seus retornos pós-competições ao estado ela foi recepcionada pela bateria da Escola Imperadores do Samba. Nada disso foi ocultado, todavia, prevaleceram as representações que remetiam à identidade gaúcha.

Nesse mesmo sentido, a questão das identidades subalternas, tão importante ao se falar em Daiane dos Santos, também não foi ocultada. Mesmo que na construção da identidade gaúcha as questões étnica, de gênero e de classe tenham sido subsumidas, na construção da representação da atleta isso não apareceu da forma como é tratada no Gauchismo. Não foram reproduzidos os preconceitos e quando foi falado sobre essas serem obstáculos ultrapassados por ela para chegar a consagração das vitórias, este discurso veio do esporte - da ginástica. Entretanto, a “cara masculina do estado” de que fala Weber (1992) permaneceu, pois é assim que funciona na identidade gaúcha. Os valores são masculinos, mas perfeitamente enquadrados/adaptados às mulheres.

No caso da questão étnica, é importante salientar que a inscrição de Daiane no imaginário da cultura gaúcha vem preencher aquilo que os negros reclamam: poderem se reconhecer na sociedade gaúcha. Tanto que a cartilha “O negro no Rio Grande do Sul” (2005) a traz como um dos negros gaúchos mais importantes da história.

Um ponto a ser destacado na representação da Daiane construída pelos jornais diz respeito a um sentido que surge dos discursos de Superioridade Gaúcha e Senso de Justiça: o de que os feitos dos gaúchos servem de exemplo ao país. Da forma como foram apresentadas as conquistas de Daiane e sua participação no cenário da ginástica nacional e mundial, transpareceu o discurso de auto-exaltação, tão necessário à corporação gaúcha. As comparações feitas entre Daiane e o futebol traziam o interdiscurso de superioridade da identidade gaúcha, pois dizer que ela seria uma heroína de importância igual ou até superior a Pelé é mostrar a grandeza de seus feitos, assim como na comparação com os cinco títulos mundiais da seleção. Quer dizer, o mesmo exagero que marca o gauchismo, que faz do seu povo ser condenado ao heroísmo, também alimentou a representação da ginasta.

Outro momento em que também houve a inserção do discurso do gauchismo na representação da atleta foi o recorrente uso de do pronome possessivo “nossa” para referir-se a ela. A “nossa ginasta de ouro”, expressão bastante utilizada, cria um sentimento de identificação em quem está lendo e, indo contra as regras do jornalismo imparcial e objetivo, insere o próprio jornalista no texto.

Como vimos, o discurso da identidade gaúcha acabou, em certa medida, influenciando o que foi dito sobre a ginasta Daiane dos Santos. Mas, não foi só ele que falou, também apareceram discursos do esporte, da identidade nacional e das identidades subalternas. Quer dizer, há uma série de discursos falando na representação construída de Daiane.

Perceber esses outros discursos exteriores que influenciam no que é dito na construção de uma notícia é importante para desmistificar o paradigma criado de que o jornalismo é um espelho da realidade. Muito pelo contrário, o jornalismo é, ao mesmo tempo, produto e produtor da realidade, uma vez que ele manifesta aquilo que acontece e pode servir para conformar situações e comportamentos.

Entretanto, neste trabalho foi abordado apenas um lado do processo jornalístico, que é o texto. Aqui podemos perceber que como os fatores externos ajudam a construir o discurso dos jornais, mas não podemos afirmar que os sentidos existentes nas notícias sobre a ginasta Daiane dos Santos que apareceram durante o estudo serão interpretadas pelo leitor da mesma maneira. Isto requer um outro trabalho, que analise os sentidos que são percebidos pelos receptores das notícias. Mas aí, é outra história!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALABARCES, Pablo. **Cidadania e narrativas nacionais do futebol argentino contemporâneo**. In: Revista ECO-PÓS, v.5, n. 1. Rio de Janeiro:UFRJ/ECO, 2002
- ALABARCES, Pablo & RODRÍGUEZ, Maria Graciela. **Fútbol y Pátria: la crisis de la representación de lo nacional en el fútbol argentino**. In: Revista Digital Lecturas – Educación Física y Deportes. n.10. 1997. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/pamr10.htm>>. Acesso em: 20. nov. 2003.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ANTUNES, Luis Orestes Pacheco. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2003.
- ARBENA, Joseph. **El mapa deportivo de América Latina**. In: Revista Digital Lecturas – Educación Física y Deportes. n.10. 1997. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/pamr10.htm>>. Acesso em: 12. ago. 2003.
- BARTHOLO, Tiago Lisboa & SOARES, Antonio Jorge. **A Transformação do tênis em fenômeno midiático no Brasil a partir de Guga**. Esporte e Sociedade, n. 2, Mar-Jun.2006. Disponível em:<<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>>. Acesso em: 17. mar. 2006.
- BENETTI, Márcia. **Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica**. In: INTEXTO. n. 14. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/n14/a-n14a4.htm>>. Acesso em: 29. set. 2006.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 6. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CARVALHO, José Eduardo de. **O discurso jornalístico**. In: VILAS BOAS, Sergio. Formação & Informação Esportiva. São Paulo: Summus, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Thell. **Globo e a Copa 2002**. Disponível em: <<http://www.telehistoria.com.br/canais/esportivos/globo/copa2002.htm>>. Acesso em: 20. set. 2004.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DACANAL, José Hildebrando. **Origem e função dos CTGs**. In: GONZAGA, Sergius & FISCHER, Luís Augusto (orgs). Nós, os gaúchos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

Daiane dos Santos: pioneirismo de ouro. Site Gazetaesportiva. Net .Disponível em: <<http://www.gazetaesportiva.net/idolos/daianedossantos.htm>>. Acesso em: 07. set. 2006.

Daiane Garcia dos Santos. Seção Personalidades. Site Ginásticas.com. Disponível em: <<http://www.ginasticas.com/personalidade09.htm>>. Acesso em: 07. set. 2006.

Do pulo do alto de uma escada a Nadia Comaneci. Seção História da Ginástica. Disponível em: <<http://www.ginasticas.com/historia01.htm>>. Acesso em: 07. set. 2006.

Entrevista com Daiane dos Santos. Revista O2. n. 20. Disponível em: <<http://revistao2.uol.com.br/mulherdetalhe.asp?IDmateria=239>>. Acesso em: 07. set. 2006.

FELIPPI, Ângela C. Trevisan. **Reflexões a respeito da identidade cultural gaúcha em Zero Hora.** In: XXVI Congresso Anual de Ciências da Comunicação – INTERCOM. Anais... Belo Horizonte: PUC/MG, set. 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa.** 6. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

FIDALGO, António. **Semiótica, a lógica da comunicação.** Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/texto.php?html2=fidalgo-antonio-logica-comunicacao.html>>. Acesso em: 04. fev. 2007.

FREITAS, Letícia F. R. de & SILVEIRA, Rosa Maria H. **A figura do gaúcha e a identidade cultural latino-americana.** In: Revista Educação. Ano XXVII, n. 2. Porto Alegre. Mai./Ago. 2004.

FREITAS, Letícia F. R. de. **Aprendendo a ser gaúcho/a.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2002.

FISCHER, Luís Augusto. **Como era bom ter inimigos.** In: GONZAGA, Sergius & FISCHER, Luís Augusto (orgs). Nós, os gaúchos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

GALVÃO, Fernanda. **O dinheiro da Copa.** Revista Istoé Dinheiro. 21/09/2005. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoedinheiro/419/midia/index.htm>>. Acesso em: 17. mar. 2006.

GASTALDO, Édison Luis. **A família Scolari somos todos nós.** Questões de identidade brasileira na Copa de 2002. In: XXVI Congresso Anual de Ciências da Comunicação – INTERCOM. Anais... Belo Horizonte: PUC/MG, set. 2003.

Ginástica Artística – Julgamento e Pontuação. Site Confederação Brasileira de Ginástica. Disponível em: <<http://www.cbginastica.com.br/conheca/julgamento.htm>>. Acesso em: 23. nov. 2006.

Ginástica Artística – História. Site Confederação Brasileira de Ginástica. Disponível em: <<http://www.cbginastica.com.br/conheca/historia.htm>>. Acesso em: 23. nov. 2006.

Ginástica Artística – Provas. Site Confederação Brasileira de Ginástica. Disponível em: <<http://www.cbginastica.com.br/conheca/provas.htm>>. Acesso em: 23. nov. 2006.

GONZAGA, Sergius (org.). **Nós, os Afro-gaúchos.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

JACKS, Nilda. **Querência:** Cultura Regional como Mediação Simbólica. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. **Mídia Nativa:** Indústria Cultural e Cultura Regional. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia Benetti & MÜLLER, Karla. **Hermanos, pero no mucho.** Buenos Aires: La Crujía, 2004.

HALL, Stuart. **Significação, representação, ideologia.** Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: SOVIK, Liv. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. (org.). **Representation.** Cultural representation and signifying practices. Londres: Sage Publications, 1997.

_____. et. al. **A produção social das notícias: o mugging nos media.** In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Veja, 1993.

HATJE, Marli. **O jornalismo esportivo impresso no Rio Grande do Sul de 1945 a 1995.** Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM/PPGCMH, 1996.

HELAL, Ronaldo. **Mídia, ídolos e heróis do futebol.** In: Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física. Ano 2, vol 2. Santa Maria: UFSM, 1999.

_____. **Mídia e Esporte.** A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: XXVI Congresso Anual de Ciências da Comunicação – INTERCOM. Anais... Belo Horizonte: PUC/MG, set. 2003.

HINERASKY, Daniela Aline. **O Pampa virou cidade.** Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS/PPGCOM, 2004.

MACIEL, Maria Eunice. **Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão.** In: FÉLIX, Loiva & ELMIR, Cláudio P. (orgs.). Mitos e Heróis. Construção de Imaginários. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

_____. **Marcas**. In: GONZAGA, Sergius & BISSÓN, Carlos Augusto (orgs.) *Nós, os gaúchos 2*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

MACHADO, Márcia Benetti & JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. Brasília, Compôs, 2001. Disponível em:
<http://ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2001/machado_jacks2001.rtf>. Acesso em: 29. set. 2006.

MAESTRI, Mário. **Em terra de branco, não tem lugar pra negro**. In: GONZAGA, Sergius & FISCHER, Luís Augusto. *Nós, os Gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

Folha de São Paulo. **Manual de Redação da Folha de São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A revolução de 30**. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina L. (orgs.). *Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

MORAGAS SPÁ, Miguel de. **Los juegos de la comunicación**. Las múltiples dimensiones comunicativas de los Juegos olímpicos. Madri: Fundesco, 1992.

_____. **Deporte y medios de comunicación**. Sinergias crecientes. In: Revista TELÓS. n. 38. 1994. Disponível em:
<http://www.campusred.net/telos/anteriores/num_38/cuaderno_central7.htm>.

NUNOMURA, Myrian *et. al.* **Ginástica olímpica ou ginástica artística: Qual a sua denominação?** In: Revista Brasileira de Ciências e Movimento. v. 12. n. 4. Brasília, dez/2004.

OLIVEN, Ruben George. **A Parte e o Todo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul**. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.) *Negros no sul do Brasil*. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

QUIROGA, Sérgio Ricardo. **Deporte, medios y periodismo**. In: Revista Digital Lecturas – Educación Física y Deportes. N.8. 2000. Disponível em:
<<http://www.efdeportes.com/efd26/quiroyga.htm>>. Acesso em: 22. nov. 2003.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SANTI, Álvaro. **Canto Livre?** O Nativismo Gaúcho e os poemas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/PPGL, 1999.

SANTOS, João Batista Nascimento dos. **O negro representado na revista Raça Brasil: estratégia de identidade na mídia étnica**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Oliveira. **Nós, os negros**. In: GONZAGA, Sergius & FISCHER, Luís Augusto. *Nós, os Gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

SILVEIRA, Verli Fátima Petri da. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS/PPGL, 2004.

SOARES, Antônio Jorge; HELAL, Ronaldo & SANTORO, Marco Antonio. **Futebol, imprensa e memória**. In: *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. v. 6, n. 1, jan/jun 2004. São Leopoldo: Unisinos, 2004

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. *Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Andréia da Silva Quintanilha (org.). **O negro no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ministério da Cultura/IPHAN, 2005.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Tradição e culto da heroicidade e valentia**. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto & BISSÓN, Carlos Augusto. *Nós, os Gaúchos 2*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

TRAQUINA, Nelson. **As notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Veja, 1993.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Esporte e mitologia em três expressões de nossa “identidade nacional”**. In: *Revista Verso e Reverso*. Ano XVI, n. 34, jan/jun 2002.

WEBER, Maria Helena. **Os babados e a diferença**. In: GONZAGA, Sergius & FISCHER, Luís Augusto. *Nós, os Gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

WOODWARD, Kathyn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORPUS DE ANÁLISE

- A campeã está chegando** *Correio do Povo*. 30. ago. 2003.
- Acrobacia recebe nome da gaúcha Daiane dos Santos**. *Zero Hora*. 21. ago. 2003.
- A estrela protegida**. *Zero Hora*. 23. ago. 2004.
- A festa do esporte onde tudo começou**. *Correio do Povo*. 13. ago. 2004.
- A hora e vez da gauchinha voadora**. *Zero Hora*. 15. ago. 2004.
- Aumenta a torcida pela nossa ginasta de ouro**. *Correio do Povo*. 13. ago. 2004.
- Começou torcida pela ginasta**. *Correio do Povo*. 04. ago. 2004.
- CARLTET, Wianey. **Bem-Vinda Daiane**. *Zero Hora*. 30. ago. 2003.
- _____. **Ofensiva demais**. *Zero Hora*. 24. ago. 2004.
- Catalina e Fei Cheng, as rivais de Daiane**. *Correio do Povo*. 21. ago. 2004.
- Daiane, a nota mais alta no solo**. *Correio do Povo*. 24. dez. 2004.
- Daiane, a pequena gigante do tablado**. *Correio do Povo*. 29. ago. 2004.
- Daiane arranca aplausos no ensaio**. *Correio do Povo*. 13. ago. 2004.
- Daiane cada vez mais confiante**. *Correio do Povo*. 08. ago. 2004.
- Daiane cai e fica em sétimo**. *Correio do Povo*. 28. dez. 2004.
- Daiane chega e recebe o carinho do povo**. *Correio do Povo*. 28. ago. 2004.
- Daiane começa a dar seu show**. *Correio do Povo*. 15. ago. 2004.
- Daiane continua a preocupar Ostapenko**. *Correio do Povo*. 09. ago. 2004.
- Daiane divide atenções com romena**. *Correio do Povo*. 22. ago. 2004.
- Daiane dos Santos, nome de acrobacia**. *Correio do Povo*. 21. ago. 2003.
- Daiane é ouro no Mundial de Ginástica**. *Zero Hora*. 25. ago. 2003.
- Daiane encanta ingleses e conquista ouro**. *Correio do Povo*. 13. dez. 2004.
- Daiane: "erro não vai me abalar"**. *Correio do Povo*. 30. dez. 2004.
- Daiane e Scheidt já chegaram à vila**. *Correio do Povo*. 03. ago. 2004.
- Daiane fatura ouro inédito na ginástica**. *Correio do Povo*. 25. ago. 2003.
- Daiane faz sua série sem dores em Atenas**. *Zero Hora*. 05. ago. 2004.
- Daiane ganha colo**. Ela merece! *Zero Hora*. 01.set. 2003.
- Daiane garantida na final**. *Correio do Povo*. 16. ago. 2004.
- Daiane inicia defesa de seu título**. *Correio do Povo*. 22. nov. 2005.
- Daiane: 'Nossa conquista é fruto de trabalho'**. *Correio do Povo*. 15. dez. 2004.
- Daiane participará da final do solo**. *Correio do Povo*. 16. ago. 2004.

- Daiane pede mais investimento no esporte.** Correio do Povo. 28. ago. 2004.
- Daiane realiza dois grandes sonhos.** Correio do Povo. 26. ago. 2003.
- Daiane também é boa de samba.** Zero Hora. 27. ago. 2003.
- Daiane tenta seu bi mundial.** Correio do Povo. 27. dez. 2004.
- Daiane: treino completo e sem dor em Atenas.** Correio do Povo. 05. ago. 2004.
- Daiane, uma vencedora.** Zero Hora. 15. ago. 2004.
- Dá-lhe Daiane.** Zero Hora. 04. ago. 2004.
- Das piruetas para a glória definitiva.** Correio do Povo. 26. ago. 2003.
- De cabeça erguida.** Zero Hora. 24. ago. 2004.
- De Curitiba, Daiane faz uma videoconferência.** Correio do Povo. 14. dez. 2004.
- De olho no estilo Daiane.** Correio do Povo. 14. ago. 2004.
- Dia de ginástica artística no Jogos.** Correio do Povo. 19. ago. 2004.
- Dia de saudar Daiane.** Correio do Povo. 27. ago. 2004.
- Dores no joelho assustam Daiane.** Correio do Povo. 04. ago. 2004.
- DORNELLES, Renato. **A baixinha humilde e cheia de graça.** Zero Hora. 27. ago. 2003.
- Fenômeno de audiência.** Zero Hora. 25. ago. 2004.
- Ginasta recebida por Fogaça.** Correio do Povo. 21. dez. 2004.
- Ginástica: meninas do Brasil estarão em Atenas.** Correio do Povo. 20. ago. 2003.
- HAUCK, Tamara. **A menina que venceu injustiça e descrédito.** Zero Hora. 15. ago. 2004.
- _____. **Uma semana para namorar.** Zero Hora. 28. ago. 2004.
- _____. **A Dona do Mundo.** Zero Hora. 13. dez. 2004.
- _____. **A fantástica Dai.** Zero Hora. 26. nov. 2005.
- Mais do que ouro.** Zero Hora. 24. ago. 2004.
- Mais Perto do Bi.** Zero Hora. 24. nov. 2005.
- “Não esqueçam dela”.** Zero Hora. 24. ago. 2004.
- Na trilha da campeã.** Zero Hora. 15. ago. 2004.
- MOMBACH, Hiltor. **De Primeira.** Correio do Povo. 25. ago. 2003.
- _____. **De Primeira.** Correio do Povo. 26. ago. 2003.
- _____. **De Primeira.** Correio do Povo. 27. ago. 2003.
- _____. **De Primeira.** Correio do Povo. 28. ago. 2003.
- _____. **De Primeira.** Correio do Povo. 29. ago. 2003.
- _____. **De Primeira.** Correio do Povo. 30. ago. 2003.

- _____ . **De Primeira**. Correio do Povo. 31. ago. 2003.
- _____ . **De Primeira**. Correio do Povo. 03. ago. 2004.
- _____ . **De Primeira**. Correio do Povo. 07. ago. 2004.
- _____ . **De Primeira**. Correio do Povo. 11. ago. 2004.
- _____ . **De Primeira**. Correio do Povo. 13. ago. 2004.
- _____ . **Técnico de Comaneci elogia Daiane**. Correio do Povo. 20. ago. 2004.
- _____ . **Chegou a hora da gaúcha Daiane dos Santos**. Correio do Povo. 23. ago. 2004.
- _____ . **De Primeira**. Correio do Povo. 23. ago. 2004.
- _____ . **De Primeira**. Correio do Povo. 24. ago. 2004.
- _____ . **Ginástica antes e depois de Daiane**. Correio do Povo. 24. ago. 2004.
- Muita festividade aguarda Daiane**. Correio do Povo. 27. ago. 2003.
- Na família, o equilíbrio**. Zero Hora. 31. ago. 2003.
- Negrinho do Pastoreio a Daiane**. Correio do Povo. 21. dez. 2004.
- O Brasil torce por Daiane**. Correio do Povo. 23. ago. 2004.
- O grande salto da ginástica nacional**. Correio do Povo. 31. ago. 2003.
- OLIVEIRA, Leandro. **Estrela da ginástica saltou sobre dificuldades até Atenas**.
- OLIVIER, Diogo. **A escalada de uma campeã**. Zero Hora. 26. ago. 2003.
- Os bastidores do ouro**. Zero Hora. 31. ago. 2003.
- OSTERMANN, Ruy Carlos. **Daiane**. Zero Hora. 30. ago. 2003.
- _____ . **Daiane, quase**. Zero Hora. 24. ago. 2004.
- O Triunfo da número 1**. Zero Hora. 01. set. 2003.
- Ouro, prata e frustrações**. Correio do Povo. 27. ago. 2004.
- Pais da atleta: “Ela apenas não teve sorte”**. Correio do Povo. 24. ago. 2004.
- Paraná aplaude ginastas**. Correio do Povo. 27. ago. 2004.
- Pelotas apóia o Dá-lhe, Daiane**. Correio do Povo. 11. ago. 2004.
- PIRES, Luiz Zini. **Todos os Santos**. Zero Hora. 15. ago. 2004.
- _____ . **Os 6 mandamentos de Daiane**. Zero Hora. 20. ago. 2004.
- _____ . **2 vezes Daiane**. Zero Hora. 22. ago. 2004.
- _____ . **Semente**. Zero Hora. 24. ago. 2004.
- Reconhecimento**. Correio do Povo. 21. dez. 2004.
- Revista prevê Brasil com recorde de medalhas**. Correio do Povo. 03. ago. 2004.

S'ANTANNA, Paulo. **A chance de ser imortal**. Zero Hora. 16. ago. 2004.

_____. **Salve-nos Daiane!** Zero Hora. 22. ago. 2004.

_____. **Só falta a Daiane**. Zero Hora. 23. ago. 2004.

Sem explicação. Zero Hora. 28. nov. 2005.

SOARES, Deca & OLIVIER, Diogo. **O efeito Daiane**. Zero Hora. 31. ago. 2003.

SOUZA, Mário Marcos de. **O joelho não dói mais**. Zero Hora. 11. ago. 2004.

_____. **O primeiro samba**. Zero Hora. 13. ago. 2004.

_____. **Daiane promete mais**. Zero Hora. 16. ago. 2004.

_____. **Daiane arrisca tudo**. Zero Hora. 23. ago. 2004.

_____. **Apoio para Daiane**. Zero Hora. 24. ago. 2004.

_____. **Gauchinha de ouro, sim**. Zero Hora. 24. ago. 2004.

_____. **Uma vencedora**. Zero Hora. 24. ago. 2004.

_____. **“É chato ser ídolo”**. Zero Hora. 25. ago. 2004.

Telecom e o jingle “Dá-lhe, Daiane”. Correio do Povo. 10. ago. 2004.

Toda a torcida para a gaúcha Daiane. Correio do Povo. 12. dez. 2004.

Três passos decisivos. Zero Hora. 24. ago. 2004.

Uma nova cirurgia ameaça Daiane. Correio do Povo. 11. dez. 2004.

Unionista Daiane luta por medalha. Correio do Povo. 23.ago.2003.

Volta sem medalha a ginasta de ouro. Correio do Povo. 24. ago. 2004.

ANEXOS

ANEXO 1

MUNDIAL DE ANAHEIM (EUA) – CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2003



Das piruetas para a glória definitiva

A mãe, Magda, a irmã Djéssica e o pai, Moacir

Um sonho impossível que se realizou. Assim pode se resumir a história da porto-alegrense Daiane dos Santos, que na noite de domingo tornou-se a maior ginasta brasileira de todos os tempos. De família modesta, ela costumava brincar na praça da Escola Estadual Mané Garrincha, dentro do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (Cete), quando tinha 11 anos, fazendo exercícios de barra e piruetas. A professora de Educação Física Cleusa de Paula viu e levou-a para treinar no Cete, onde começou a praticar ginástica. Menos de ano depois, foi levada

ao Grêmio Náutico União, onde está até hoje.

Daiane começou muito tarde sua carreira na ginástica. Afinal, aos 11 anos, a maioria das ginastas já treina há muito em clubes estruturados. Apesar disso, ela superou todos os obstáculos para conquistar, domingo à noite, no Mundial de Anaheim (EUA), a medalha de ouro no solo, um feito inédito para a ginasta brasileira.

A família de Daiane não conseguiu ter um dia normal ontem. 'Passei o dia inteiro atendendo ao telefone e nem pude trabalhar direito, mas foi gratificante', comentou a funcionária pública municipal Magda Santos, mãe da ginasta. 'Foi uma conquista maravilhosa', vibrou o pai, Moacir dos Santos, que nem pôde trabalhar na noite de ontem na Fundação de Assistência Socioeducativa (Fase), onde é monitor. Ele não pôde dormir durante o dia, atendendo a telefonemas de parentes e amigos, felicitando-o pela conquista da filha. Daiane, 20 anos, é a segunda das quatro filhas de Moacir e Magda. Deise, 21, Cíntia, 18, e Djéssica, 10, completam a família, que se mudou há três anos para um condomínio na zona Sul da Capital, graças ao sucesso de Daiane.

ANEXO 2

MUNDIAL DE ANAHEIM (EUA) – CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2003



Daiane realiza dois grandes sonhos

A ginasta gaúcha do Grêmio Náutico União queria receber nota máxima num movimento inédito e ser campeã do mundo

A gauchinha foi a sensação no campeonato mundial

Antes de embarcar para a cidade de Orlando, ontem, para brincar nos parques da Disney, onde realizaria o sonho da menina de 12 anos que um dia foi descoberta brincando em uma praça do bairro Menino Deus para brilhar nos ginásios do mundo, Daiane dos Santos abriu um sorriso largo e não se conteve: 'Os últimos serão os primeiros. Hoje, eu sou a número 1 do mundo no solo'.

Aos 20 anos, com seu 1,46m e 40 quilos, Daiane foi a última a se apresentar na noite de domingo, quando protagonizou uma série de saltos de alto grau de dificuldade, incluindo o movimento inédito 'duplo twist carpado', desenvolvido em parceria com o ucraniano Oleg Ostapenko, técnico da equipe de ginástica do Brasil.

A acrobacia foi apresentada nas semifinais do Mundial e recebeu nota máxima do júri (super E). 'O resultado é fruto de muito trabalho e dedicação. Realizei meus dois grandes sonhos: receber a nota máxima num movimento inédito e ser campeã mundial', comemorou ao ser agraciada, talvez sem ter ainda a real dimensão de sua conquista. Afinal, pela primeira vez em 100 anos da competição, o Brasil subiu ao lugar mais alto do pódio, sem nunca antes ter ficado entre os três primeiros. A conquista foi um prêmio também para seu treinador no Grêmio Náutico União, Eliseu Burtet, o Kiko. 'Foi demais, principalmente porque ela superou a favorita, a romena Catalina Ponor', festejou. Ontem, o presidente do COB, Carlos Nuzman, mandou mensagem felicitando a ginasta, que chega sábado a Porto Alegre.

ANEXO 3

MUNDIAL DE ANAHEIM (EUA) – ZERO HORA

Zero Hora – Porto Alegre, 31 de agosto de 2003

Os bastidores do OURO



JAVIER DA ROCHA, DANIEL DE BARROS/14 - ZU/2003

Agenda de campeã

Acompanhe o roteiro da atleta gaúcha nos próximos dias:

Domingo – vai participar do programa Fantástico, da Rede Globo. Estará presente também no Gugu, do SBT

Segunda-feira – Hebe Camargo, no SBT

Terça-feira – Ana Maria Braga, na Globo

Quarta-feira – audiência com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Estão atrás dela para entrevistas: Rede TV, Domingão do Faustão e Arena, do Sportv, com Cláudio Machado

Daiane conseguiu superar a ansiedade em Anaheim, venceu fortes adversárias e teve seu nome ovacionado por técnicos alemães, russos e espanhóis, que ficaram fascinados com seu desempenho

A holandesa que a antecedeu fez uma apresentação inossa. Tecnicamente boa, mas sem graça. Chegou a vez de Daiane, a última da noite a se apresentar. Em um minuto e meio se transformaria na maior ginasta brasileira de todos os tempos. A primeira série de movimentos da gáucha no Mundial de Anaheim foi o agora lendário duplo twist carpado, a acrobacia batizada de “Dos Santos” e que só Daiane no mundo consegue fazer. Quem acreditou na capacidade de Daiane em executar piruetas inverossímeis é um russo. Chama-se Oleg Ostapenko.

Oleg é um sujeito duro. Está para a ginástica como Luiz Felipe para o futebol logo depois do Penta. É um Midas. Banha-se em ouro. No seu currículo estão duas campeonais olímpicas e outras tantas mundiais. Antes dele, as meninas do Brasil entravam perfiladas nos ginásios mundo afora e ninguém as notava. Hoje, não. Quando elas entram, o russo à frente, há um certo ar de “ih, lá vem as brasileiras com o Oleg”.

Só o fato de ver o Oleg entrando no ginásio à frente das meninas mudou até a forma de os juizes encararem a gente – diz o chefe de equipe Eliane Martins.

Então, com esta banca toda, Oleg ficou pertinho de Daiane enquanto ela arrancava “ôôs” da platéia em Anaheim, certo? Errado. Sua presença ao lado do tablado, local em que fica o técnico durante os exercícios de solo, não produziria efeito algum. A parte mecânica estava exaustivamente treinada. O que lhe cabia no latifúndio de talento de 1m45cm chamado Daiane acabava ali. Emotiva, apegada a família, Daiane

precisava de confiança. Controlar os nervos sempre foi um inimigo para a ganchinha que cresceu grudada à mãe e às irmãs. O criador do movimento que eternizou Daiane no panteão da ginástica saiu de cena. E chamou Adriana Rita Alves, 30 anos, para substituí-lo naqueles minutos históricos.

Adriana é a treinadora de Daiane no Grêmio Náutico União. É amiga, irmã e às vezes até mãe da ginasta nos triunfos e nos fracassos. No Pan de Santo Domingo, a cada salto sobre o cavalo Daiane procurava Adriana com os olhos na arquibancada. As duas se comunicam quase por telepatia. Na República Dominicana, Adriana pressentiu que sua pupila não estava bem. Tanto que fez um pedido à reportagem de Zero Hora, na véspera das provas.

– A Dai está jururu. Talvez seja por que ela não conseguiu falar com a mãe dela ainda. Se tu fores entrevistá-la, pode pedir para a dona Magda entrar em contato?

Dona Magda ainda não telefonara para a filha porque a empregada tinha anotado errado o telefone de Santo Domingo. Atletas não podem usar celular particulares nestas competições. Só chefes de equipe têm permissão. Estes pequenos detalhes só Adriana percebe. Oleg pode ensinar acrobacias revolucionárias



e triplicar a força de Daiane, mas só Adriana é os olhos cheios de vida de Daiane. Assim como o russo não faz a menor ideia de como é o assobio que Adriana é ca-

CARLOS BRUNCHES BARZOTE/DA SERRA/14 - ZU/2003



paz de produzir colocando o médio e o polegar na boca. Quando age assim, Daiane sabe que ela está por perto. Quando Daiane fracassou em Santo Domingo, o primeiro ombro procurado foi o de Adriana.

– O guiazinha, tu vacilou, heim? – disse Adriana fazendo carinho na pupila e recostando o rosto dela no peito.

No mundo da competição de alto nível, os atletas sabem quando vão mal. E Daiane sabia que tinha vacilado. A cumplicidade entre as duas permite tais cobranças carinhosas. Na hora da alegria, vale o mesmo. A sapaca menina descoberta no trepa-trepa de uma praticinha não acenou com um leve sorriso como fazem as russas, romenas e chinesas depois de exibição à beira do sublime. Enganchou-se às costas de Adriana e assim saiu de cena, ovacionada por um público que não tinha dívidas: o ouro era seu.

Antes disso, já na terceira série de Daiane no solo, quando os ginastas já estão cansadas e executam acrobacias nem tão difíceis, Daiane executou com perfeição um duplo twist grupado, movimento não tão difícil quanto o que leva seu nome, mas que ainda assim poucas ginastas do mundo conseguem fazer. Levantou o ginásio.

– É a primeira, é a primeira! – gritavam técnicos alemães, russos, espanhóis que assistiam fascinados à apresentação.

O público já estava satisfeito, mas Daiane ainda teve força para executar uma quarta surpreendente e arrebatadora série de movimentos. Os aplausos, então, continuaram ininterruptos até o fim. Ao último acorde de sua música, o telão focou Adriana. Que, claro, atacou aquele assobio capaz de cruzar o mar do Caribe até chegar na Quintino Bocaiuva. A imagem cortou para a presidente da Confederação Brasileira de Ginástica, Viciela Florenzano, no limite do ataque histérico. Quando o placar eletrônico giratório mostrou a nota 9.737, contra 9.700 da romena Catalina Ponor e 9.675 da espanhola Elena Gómez foi a vez de Daiane olhar Adriana fixamente nos olhos e abrir o sorriso metálico de aparelho de espanto.

A melhor atleta do planeta no solo terminou a noite feito rainha. Tirou muitas fotos. Distribuiu autógrafos. Na festa de encerramento do Mundial, atletas norte-americanas e romenas queriam uma papeleta com o nome da ganchinha. Aquelas mesma ginastas que Daiane aprendeu a admirar agora estão curvadas a seus pés. A serelepe que virou ginasta só aos 11 anos acabara de alcançar o lugar mais alto do pódio já mulher.

ANEXO 4

MUNDIAL DE ANAHEIM (EUA) – ZERO HORA

Zero Hora – Porto Alegre, 1º de setembro de 2003

Daiane ganha colo. Ela merece!

1998/2003

As lágrimas congeladas não podiam nem mesmo encorruer pelo rosto inchado da jovem brasileira em lágrimas ao ganhar o primeiro lugar do "Silver" que se ergueu diante de um 2 mil. Seria no começo de sua carreira no ginásio. Daiane dos Santos encareceu filhos e sogra de 42 anos, quando foi descoberta pela filha do Governador do Rio Grande do Sul, o governador Ildemar de Azevedo (PDS), com cinco meses de idade.

Na ginástica, um primeiro sucesso com seis meses de idade. Ao voltar para casa depois de ser campeã mundial ao lado de Estéfano Celiberto, a esposa se transforma:

— Daiane, quando nasceu, era leprosa por ser filha de um ginásio. Hoje, é campeã em uma semana de carreira — afirma a filha, Mariana, 23 anos, ao chegar ao Grêmio Náutico Centro.

A pequena teve recepção de estado em Porto Alegre. Foi carregada no colo pelas representantes para ocupar as arquibancadas.

Quando ela veio ao Rio de Janeiro, não a recebeu nem a família nem o marido, mas sim a "mãe" como ela é conhecida.

Desde então, Daiane não deixou de ser a primeira brasileira a ganhar um campeonato mundial em uma semana de carreira. Depois de ganhar o primeiro lugar do "Silver" em 1998, ela ganhou o primeiro lugar do "Gold" em 2000.

Desde então, ela viveu uma vida de luxo. Foi para uma ilha de luxo no Brasil. Foi para uma ilha de luxo no Brasil. Foi para uma ilha de luxo no Brasil. Foi para uma ilha de luxo no Brasil.

Duplo brisa campeão, o outro medalha no mundo

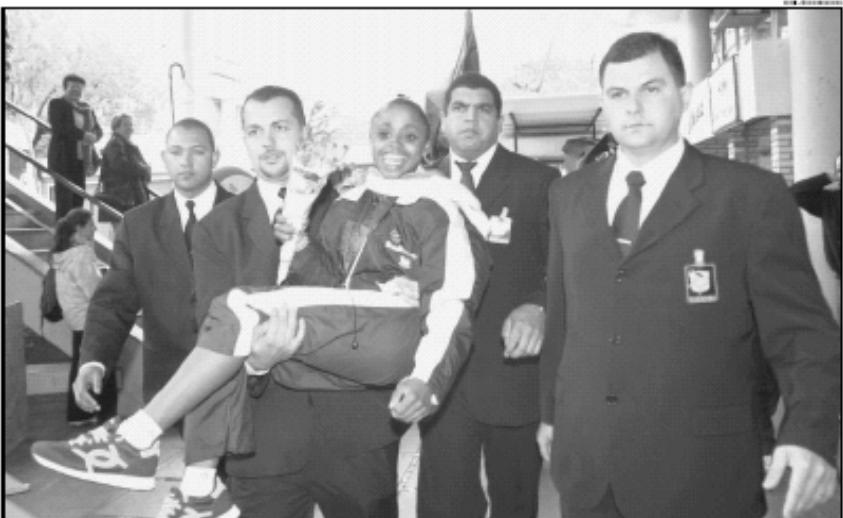
Do mundial, Daiane é a campeã mundial em uma semana de carreira. Ela ganhou o primeiro lugar do "Silver" em 1998.

1) ganhou a primeira medalha de ouro da história da ginástica brasileira, no ano;

2) do primeiro medalhista a ganhar um campeonato mundial com o seu nome, o duplo ouro campeão, cuja dificuldade era de 6,0; 3) do primeiro medalhista a ganhar um campeonato mundial com o seu nome, o duplo ouro campeão, cuja dificuldade era de 6,0;

4) por ser a primeira brasileira a ganhar um campeonato mundial com o seu nome, o duplo ouro campeão, cuja dificuldade era de 6,0;

5) por ser a primeira brasileira a ganhar um campeonato mundial com o seu nome, o duplo ouro campeão, cuja dificuldade era de 6,0;



As lulas dos olímpicos Maria e Rodrigues (à esquerda) e o campeão mundial que venceu nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, o Rafael Cavallaro (à direita). As duas atletas são irmãs. O casal foi campeão mundial em 1998 e 2000. O casal foi campeão mundial em 1998 e 2000.

Boas notícias para o governador Germano Rigotto, ex-jogador em Estádio, o campeão mundial foi um atleta brasileiro campeão. Foi o primeiro brasileiro a ganhar um campeonato mundial com o seu nome, o duplo ouro campeão, cuja dificuldade era de 6,0.

ANEXO 5

OLIMPÍADAS DE ATENAS – CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 22 DE AGOSTO DE 2004



Daiane divide atenções com romena

Federação Internacional de Ginástica acabou se rendendo ao duplo twist esticado da jovem gaúcha

Vem aí o grande desafio a Daiane

Há uma grande expectativa para a coreografia de solo que a porto-alegrense Daiane dos Santos apresentará na final por aparelhos da ginástica artística nesta segunda-feira, no Olympic Hall de Atenas. A ginasta do Grêmio Náutico União (GNU) vem treinando o duplo twist esticado - que lhe daria todas as chances de conseguir uma medalha -, e muito bem! Mas a decisão final será mesmo apenas no aquecimento da competição e será tomada pelo técnico Oleg Ostapenko.

A maior rival de Daiane no solo é a romena Catalina Ponor, que na qualificação atingiu a nota 9.687, à frente da chinesa Fei Cheng, com 9.650, e da brasileira, com 9.637. Na final por equipes (para a qual o Brasil não se classificou), Catalina fez 9.750 no solo - a garota tem sua coreografia em cima de uma música grega, 'Géia', facilmente acompanhada com palmas pelo público. Também pela nota, mas pela escolha da música, ela passou a ser favorita. Até porque terá toda a torcida grega a seu favor. Além disso, nota-se uma certa má vontade das árbitras com as ginastas brasileiras.

As romenas tradicionalmente escolhem músicas dos países onde estão competindo, o que pode ajudar a ginasta: o público vibra, aplaude, pode até influenciar 'um pouquinho' os árbitros, na visão de Eliane Martins, a chefe da equipe do Brasil. 'Mas o 'Brasileirinho' também é muito aplaudido. A música é muito conhecida, todos identificam com Brasil.'

Quem acabou lembrando o 'Brasileirinho' para a coreografia de Daiane foi seu Rubens, o pai de Eliane Martins, a técnica da equipe brasileira feminina. 'Meu pai é agricultor, mas nossa família é muito musical. Tive avô músico, três tios, uma prima. Meu pai é um grande conhecedor de música', revelou Eliane.

Se antes da Olimpíada Daiane era a favorita absoluta ao ouro na prova de solo, agora já não é mais, principalmente se ela não realizar o duplo twist esticado, que era seu grande trunfo para a final desta segunda-feira. Além disso, os gregos têm aplaudido bastante a romena Catalina Ponor, que ficou em primeiro lugar na prova de qualificação, à frente da própria Daiane, que foi a terceira, e da chinesa Fei Cheng, outra que tem boas chances. Na final por equipes, terça-feira, Catalina foi ovacionada pelo público após a sua série. Para derrotar a romena, a gauchinha Daiane terá de fazer uma apresentação impecável e perfeita, inclusive no duplo twist esticado.

ANEXO 6

OLIMPIADAS DE ATENAS – CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 2004

Chegou a hora da gaúcha Daiane dos Santos

**Brasil torcerá hoje por mais um ouro***Hiltor Mombach / de Atenas*

Finalmente, chegou o dia tão esperado pelos brasileiros. Às 15h45min (horário de Brasília) a ginasta gaúcha Daiane dos Santos, do Grêmio Náutico União e Brasil Telecom, entrará no tablado do ginásio Athens Olympic Sports Complex e, ao som do Brasileirinho, de Waldir Azevedo, irá em busca de uma medalha inédita para o país na modalidade. Ela será a primeira das oito finalistas a se apresentar no solo. O treinador ucraniano Oleg Ostapenko, que comanda o selecionado verde-amarelo, deverá orientar Daiane para que execute o duplo-twist esticado, mas isso não está definido oficialmente.

Desde que brilhou no Pan-Americano de 99, em Winnipeg, no Canadá, obtendo duas medalhas (prata no salto sobre o cavalo e bronze por equipes) Daiane não parou mais de ascender. Naquele tempo, Daiane era patrocinada por uma pizzaria de Porto Alegre, que pagava R\$ 200,00 mensais. Foi numa das etapas da Copa do Mundo, efetuada em Stuttgart em 2003, que a gauchinha despontou para o Brasil ao ganhar ouro no solo. Já famosa, venceria ainda nas etapas de Cottbus, Lyon e Rio. Desde então, ela vem ofuscando atletas de todas as modalidades, sendo o principal destaque nos noticiários. Desembarcou nos Jogos Olímpicos de Atenas como grande favorita ao ouro, tanto que a chefe da delegação de ginástica, Eliane Martins, declarava que 'ela só perde para ela mesmo'. Mas, algo mudou depois da realização das eliminatórias: Daiane não foi bem e deixou preocupados todos que viram seu desempenho. Terminou em terceiro lugar (9,637 pontos), atrás da romena Catalina Ponor (9,687) e da chinesa Cheng Fei (9.650).

Depois disso, Eliane, bem mais humilde, diria que 'para nós qualquer medalha serve', repetindo o que a própria ginasta dissera numa recepção efetuada em Porto Alegre pela Brasil Telecom. Falando para uma platéia integrada por centenas de crianças, Daiane não prometeu medalha, apenas muito esforço, chorando ao ver suas imagens num telão. Daiane pode superar Catalina Ponor? Sim, mas só se estiver num dia excepcional. Na etapa de Cottbus da Copa do Mundo, a ginasta brasileira obteve nota 9,762, pontuação melhor do que a romena nas eliminatórias em Atenas.

Daiane competirá ainda contra a ucraniana Alina Kozich, a espanhola Patricia Moreno e a canadense Kate Richardson. Na semana passada, ela recebeu elogios rasgados de um dos maiores especialistas da modalidade no mundo, o romeno Bela Karoly, treinador de Nadia Comaneci nos Jogos de Montreal, que transformaram Nadia em lenda ao conquistar pela primeira vez na história uma nota 10. Falando ao Correio do Povo e Rádio Guaíba, Karoly afirmou que 'ninguém no mundo faz o que ela faz no solo'. Karoly, que hoje é consultor da equipe de ginástica dos Estados Unidos, disse jamais ter visto algo parecido com os exercícios executados pela gauchinha.

Há um consenso em Atenas: se Daiane não errar, leva o ouro. O problema é o se: 'Pode ser de eu treinar mil vezes sem errar e falhar justamente na hora decisiva. As pessoas não sabem o quanto é difícil não errar', afirma a ginasta. O negócio hoje é o Brasil inteiro torcer para que ela não erre e entre para a história do esporte olímpico.

ANEXO 7

OLIMPÍADAS DE ATENAS – CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 2004

Ginástica antes e depois de Daiane

Gaúcha ficou sem medalha, mas foi a primeira a colocar o Brasil no mapa mundial da modalidade

***Daiane reconheceu erro e não reclamou da nota****Hiltor Mombach / de Atenas*

Daiane dos Santos entrou no ginásio Olympic Indoor Hall às 21h59min em Atenas (15h59min de Brasília). Um minuto depois, começava sua apresentação no solo, que durou exatos 1min25s. Após alguns segundos de muita tensão, a nota: 9,375. A imagem de Daiane, balançando a cabeça, sem entender o que havia acontecido, dizia tudo: não haveria medalha. Vivia ali o seu momento de grande frustração, enquanto era consolada pelo técnico brasileiro, o ucraniano Oleg Ostanenko.

A confirmação de que não haveria medalha demorou apenas 14 minutos, quando três das quatro ginastas que a sucederam conquistaram notas maiores, aí incluindo a romena Catalina Ponor, ouro com 9,750, honrando a tradição do país que revelou ao mundo Nadia Comaneci. Outra romena, Nicoleta Sofronie, obteve a prata. O bronze ficou com a espanhola Patricia Moreno. Obtivesse a nota das eliminatórias, 9,637, e a ginasta gaúcha do Grêmio Náutico União e da Brasil Telecom teria entrado em segundo lugar.

Trinta minutos depois, agora deixando o ginásio como quinta colocada, Daiane dos Santos viveu sentimento distinto: dezenas de torcedores, portando bandeiras do Brasil, aplaudiam a gauchinha, talvez refletindo um sentimento nacional: estar pela primeira vez na final nessa modalidade já era uma conquista a ser festejada.

Adriana Rita Alves, treinadora de Daiane no União, e que está em Atenas, se mostrava conformada: 'O fato de ela ter entrado como favorita, de ter levado gente ao ginásio, já é uma vitória. Espero que ela tenha uma recepção calorosa quando do seu retorno ao país'.

Ao contrário de Oleg Ostaneko, que optou por culpar as dores no joelho da ginasta pelo resultado, Daiane preferiu ser fria na análise do seu desempenho, ela que, na primeira acrobacia, saiu do tablado e, no segundo salto, voltou a se desequilibrar, perdendo pontos preciosos: 'A nota foi merecida. Eu falhei mesmo. Você percebe quando erra'. Sua técnica, Adriana, concorda: 'Ela teve uma falha fatal'.

Depois de um quinto lugar inédito, fica a pergunta: o sonho terminou ou está começando? Ao inovar com seu duplo twist esticado e o carpado, ganhar a primeira medalha de ouro para a ginástica brasileira em um Mundial, encerrar quatro etapas da Copa do Mundo na liderança, Daiane deixa uma herança impagável para o esporte nacional. A gauchinha, que despontou no cenário internacional no Pan-Americano de 1999, pode retornar orgulhosa: se não foi a primeira em Atenas, foi a primeira a colocar o Brasil no mapa mundial desta modalidade. A ginástica se divide em antes e depois de Daiane dos Santos.

ANEXO 8

OLIMPÍADAS DE ATENAS – ZERO HORA

Zero hora – Porto Alegre, 15 de agosto de 2004



A maior vitória de

Dairiane

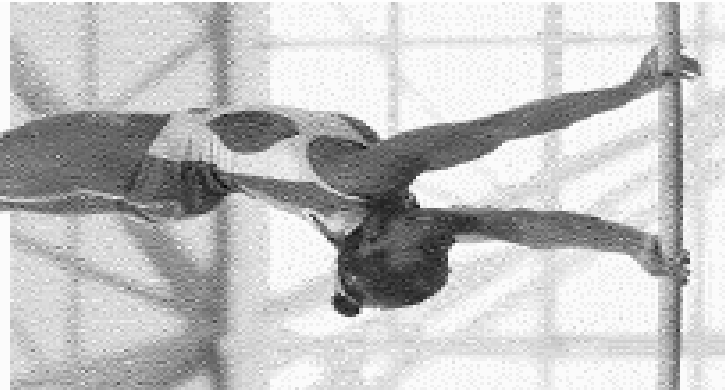
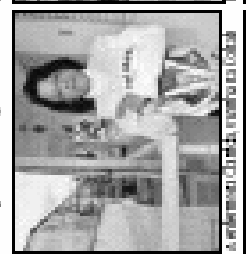


Estrela da ginástica saltou sobre dificuldades até Atenas

São José, 15 de agosto. Dairiane, a atleta paralisada brasileira que conquistou a medalha de ouro no salto sobre as barras, saltou sobre as dificuldades até Atenas. A ginasta, que nasceu com a paralisia cerebral, venceu a competição por uma diferença de 0,10 ponto em relação à japonesa, que ficou com a prata. A vitória de Dairiane foi considerada uma das maiores da história da ginástica para atletas com deficiência física.

O difícil equilíbrio de Dairiane já foi paralisado pelo erro para o ouro pela primeira vez. A atleta brasileira saltou sobre as barras com uma diferença de 0,10 ponto em relação à japonesa, que ficou com a prata. A vitória de Dairiane foi considerada uma das maiores da história da ginástica para atletas com deficiência física.

A atleta brasileira saltou sobre as barras com uma diferença de 0,10 ponto em relação à japonesa, que ficou com a prata. A vitória de Dairiane foi considerada uma das maiores da história da ginástica para atletas com deficiência física.



A menina que venceu injusta e descreditada

Tendências
Dairiane venceu a competição por uma diferença de 0,10 ponto em relação à japonesa, que ficou com a prata. A vitória de Dairiane foi considerada uma das maiores da história da ginástica para atletas com deficiência física.

O fato de ser a primeira brasileira a ganhar uma medalha de ouro em uma competição olímpica é uma vitória para a atleta paralisada Dairiane.

A vitória de Dairiane foi considerada uma das maiores da história da ginástica para atletas com deficiência física. A atleta brasileira saltou sobre as barras com uma diferença de 0,10 ponto em relação à japonesa, que ficou com a prata.

OLIMPÍADAS DE ATENAS
A maior vitória de Dairiane
A atleta brasileira saltou sobre as barras com uma diferença de 0,10 ponto em relação à japonesa, que ficou com a prata. A vitória de Dairiane foi considerada uma das maiores da história da ginástica para atletas com deficiência física.

ANEXO 9

OLIMPIADAS DE ATENAS – ZERO HORA

Zero Hora - Porto Alegre, 16 de agosto de 2004.



PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 16/08/2004 | 47

PAULO SANT'ANA

A chance de ser imortal

Eu não sei se as pessoas estão percebendo, mas o Brasil joga nesta Olimpíada a maior conquista esportiva da sua história, capaz de bater até mesmo em impacto internacional os cinco campeonatos mundiais.

Refiro-me a Daiane dos Santos, a preteinha que perambulava despreziosa, poucos anos atrás, pelas praças públicas dos bairros Medianeira, Azenha e Menino Deus e tomou-se a atual campeã mundial em ginástica artística de solo.



O quase último obstáculo para que Daiane dos Santos se torne a figura mais rutilante desta Olimpíada foi transposto ontem.

O nadador norte-americano Michael Phelps, que estava cotado para conquistar oito medalhas de ouro em Atenas, viu este seu sonho ser desfeito: a equipe do revezamento dos 4x100m de que ele fazia parte chegou em terceiro lugar, ficando somente com o bronze e cedendo o ouro surpreendentemente para a África do Sul.



Agora, no máximo, Michael Phelps tem a possibilidade de ganhar sete medalhas de ouro, igualando-se ao feito de Mark Spitz (EUA) de 1972, em Munique. Poderá ser marcante esta façanha, mas a privação da oitava medalha tirou do nadador americano o brilho estonteante que anunciava seu desempenho.



Abre-se assim para Daiane dos Santos a possibilidade de ela vir a ser o vulto mais grandioso desta Olimpíada, juntando-se desta forma aos mais célebres atletas dos jogos olímpicos modernos.

É que uma medalha de ouro em Atenas chamará a atenção do mundo para um detalhe embasbacante: nunca em toda a história das Olimpíadas,

desde que a ginástica de solo foi incluída nos jogos, em 1952, qualquer norte-americana chegou ao ouro.

Mais: nunca qualquer atleta do continente americano chegou à vitória na modalidade praticada por Daiane.

E ainda mais: nunca qualquer atleta da Europa Ocidental foi ouro em ginástica de solo. Nem africanas, nem australianas jamais conseguiram chegar ao ouro feminino do solo.



As treze medalhas de ouro que foram ganhas até agora nas Olimpíadas pertenceram a atletas da Europa Oriental, ganhas por húngaras, soviéticas, checas, romenas, ucranianas e russas.

Somente o fato de que nem as norte-americanas, nem as europeias ocidentais jamais conseguiram este feito chegaria para tornar um triunfo de Daiane espetacular e saudado com estrépito em todo o planeta.



Ontem, na classificação, Daiane foi discreta e chegou em um mero terceiro lugar. Cometeu erros em seu salto, esteve longe do seu fulgurante duplo twist esticado, o mortal com meia-volta e dois giros no ar, com as pernas retas.

Mas era esperado que por precaução física Daiane não exibisse ontem o seu melhor e pessoalíssimo movimento.

Tudo se decide na próxima segunda-feira, dia 23, em Atenas. O Brasil tem a chance de mostrar ao mundo uma das maiores atletas de todos os tempos, com auréola de fama igual ou superior à de Pelé.

Basta que Daiane ganhe. Ela sairá da Grécia como rainha dos Jogos Olímpicos.

E quando for considerado que ela é negra e natural de um país subdesenvolvido, sem qualquer tradição em ginástica artística, o mundo ficará boquiaberto e se ajoelhará a seus pés.

ANEXO 10

OLIMPIADAS DE ATENAS – ZERO HORA

Zero Hora – Porto Alegre, 24 de agosto de 2004

1000
1100
1200
1300
1400
1500
1600
1700
1800
1900
2000

Dep. Otávio de Souza, Diretor de Redação:
- Ele errou ao promover a falta e
errou ao suplicar a falta.



BRASIL/GINÁSTICA

Gauchinha de ouro, sim

Daniela Alves, atleta que obteve o ouro nos primeiros jogos:
- Ela está de parabéns. Foi crescer muito, para fazer
isto, sempre teve grande vontade.

1000
1100
1200
1300
1400
1500
1600
1700
1800
1900
2000

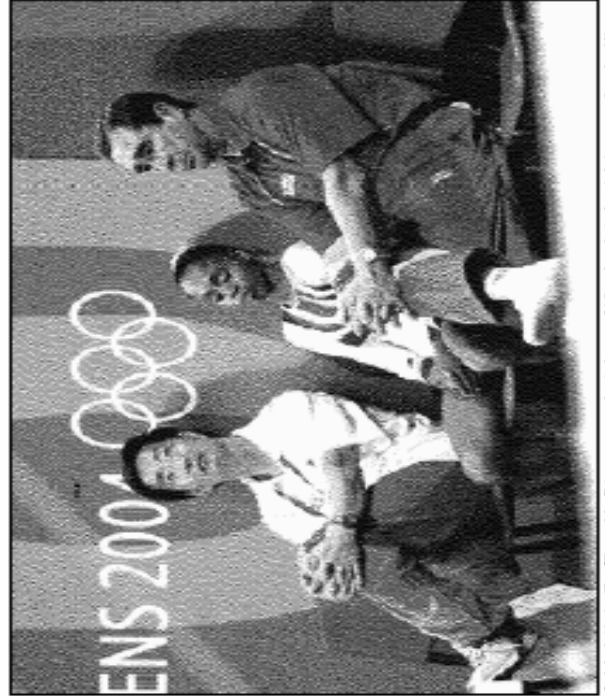
Apresentação nervosa e amissada de Daniele provocou os erros que não apagam seu brilho

Depois de uma apresentação nervosa e amissada, Daniele Alves conquistou o ouro na ginástica artística nos primeiros jogos das Olimpíadas de Atenas. A atleta gaúcha, que já havia conquistado o bronze em Sydney, mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas. Apesar de cometer alguns erros, sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público. Daniele mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas, apesar de cometer alguns erros. Sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público.



Uma vencedora

Depois de uma apresentação nervosa e amissada, Daniele Alves conquistou o ouro na ginástica artística nos primeiros jogos das Olimpíadas de Atenas. A atleta gaúcha, que já havia conquistado o bronze em Sydney, mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas. Apesar de cometer alguns erros, sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público. Daniele mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas, apesar de cometer alguns erros. Sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público.



Atletas brasileiros (de cima para baixo) Daniele Alves, Thiago Buarque e Thiago Buarque, após a vitória de Daniele Alves no salto sobre cavalo feminino.

Ce erros

Depois de uma apresentação nervosa e amissada, Daniele Alves conquistou o ouro na ginástica artística nos primeiros jogos das Olimpíadas de Atenas. A atleta gaúcha, que já havia conquistado o bronze em Sydney, mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas. Apesar de cometer alguns erros, sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público. Daniele mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas, apesar de cometer alguns erros. Sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público.

A tristeza

Depois de uma apresentação nervosa e amissada, Daniele Alves conquistou o ouro na ginástica artística nos primeiros jogos das Olimpíadas de Atenas. A atleta gaúcha, que já havia conquistado o bronze em Sydney, mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas. Apesar de cometer alguns erros, sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público. Daniele mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas, apesar de cometer alguns erros. Sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público.

A derrota

Depois de uma apresentação nervosa e amissada, Daniele Alves conquistou o ouro na ginástica artística nos primeiros jogos das Olimpíadas de Atenas. A atleta gaúcha, que já havia conquistado o bronze em Sydney, mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas. Apesar de cometer alguns erros, sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público. Daniele mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas, apesar de cometer alguns erros. Sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público.



Daniele Alves comemorando a vitória no salto sobre cavalo feminino.

Mais do que ouro

Depois de uma apresentação nervosa e amissada, Daniele Alves conquistou o ouro na ginástica artística nos primeiros jogos das Olimpíadas de Atenas. A atleta gaúcha, que já havia conquistado o bronze em Sydney, mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas. Apesar de cometer alguns erros, sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público. Daniele mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas, apesar de cometer alguns erros. Sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público.

Como eles foram

Depois de uma apresentação nervosa e amissada, Daniele Alves conquistou o ouro na ginástica artística nos primeiros jogos das Olimpíadas de Atenas. A atleta gaúcha, que já havia conquistado o bronze em Sydney, mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas. Apesar de cometer alguns erros, sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público. Daniele mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas, apesar de cometer alguns erros. Sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público.

"Não sei se aguento mais tanto sacrifício"

Depois de uma apresentação nervosa e amissada, Daniele Alves conquistou o ouro na ginástica artística nos primeiros jogos das Olimpíadas de Atenas. A atleta gaúcha, que já havia conquistado o bronze em Sydney, mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas. Apesar de cometer alguns erros, sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público. Daniele mostrou-se muito mais segura e confiante em Atenas, apesar de cometer alguns erros. Sua performance foi brilhante e emocionante. A vitória foi conquistada com uma combinação de força e graça, impressionando a júri e o público.

ANEXO 11

OLIMPIADAS DE ATENAS – ZERO HORA

Zero Hora – Porto Alegre, 28 de agosto de 2004.

Uma semana para namorar

Tamara Hauck

Eravam 12h40min quando a aeronave que trouxe Daiane dos Santos a Porto Alegre aterrissou na pista do Aeroporto Internacional Salgado Filho. O carinho do público já pôde ser sentido pela ginasta ainda no setor de desembarque, quando deu autógrafos e tirou fotos com outros passageiros. Ao lado da gracinha, os pais Magda e Moacir. O casal havia ido de surpresa para Curitiba receber a filha e o restante da delegação, que chegaram ao Brasil na quinta-feira.

Do lado de fora, as irmãs Deise, Cintia e Djéssica, além de avós, tias, primos, colegas do Grêmio Náutico União e demais fãs, ansiosos por dar as boas-vindas para a campeã mundial. O tumulto foi tão grande que a ginasta teve de ser protegida por um cordão de isolamento formado por nove seguranças, com o dobro da sua altura. Daí só foi respirar e abraçar seus entes queridos quando já estava em cima de um caminhão Agrale, que a transportou pelas ruas da Capital.

— A Daiane está mostrando para os brasileiros que um campeão não se faz só com medalhas — disse o presidente da Federação Gaúcha de Ginástica, Antônio Fontoura, minutos antes da atleta chegar.

Pelas cenas vistas ontem, a população parece ter entendido bem a lição. Por onde passou, Daí recebeu aplausos e sinais de positivo. Eravam os gaúchos mostrando-se orgulhosos de sua "bracinha".

Veja a seguir algumas opiniões da ginasta, que concedeu entrevista coletiva à imprensa logo depois da chegada.

tamara.hauck@zerohora.com.br

gic **RBS**
Veja fotos da chegada de Daiane em Porto Alegre em www.zerohora.com.br/atenas2004



Curitiba

"A chegada foi muito legal, ficamos felizes com a receptividade. Desilamamos no carinho de bombeiros e fomos recebidos com muito carinho pelo público."

"Não sabia que meus pais estariam lá. Olhei para eles e perguntei 'Ué, o que vocês estão fazendo aqui?'. A surpresa foi ótima, óbvio."

Aeroporto

"Não achei que ia ter tanta gente. Na verdade, não gosto muito de seguranças, mas tem horas em que eles são necessários."

"Na real, eu não vi ninguém no aeroporto, sou muito baixinha. Só fui abraçar meus familiares no caminhão."

Ginástica

"É bom saber que o Brasil

não é só o país do futebol. Fico feliz em saber que o país aprendeu a gostar de ginástica."

Porto Alegre

"Eu estava ansiosa para chegar a Porto Alegre. Tive que ir para Curitiba antes, mas não aguentava mais de saudades daqui. Eu sou gaúcha, né?"

"Fiquei muito feliz com a recepção."

Férias

"Terei uma semana só de folga e depois volto a treinar. Mesmo assim, o (técnico) Oleg (Ostapenko) mandou eu me cuidar com a balança."

"Eu vou ficar com a minha família, namorar e passear. Ah, e não dar entrevistas."



mais. Na verdade, quase dormi. Mas não há apatia que resista ao que se sente quando se pisa no solo. É muita adrenalina."

Colegas da seleção

"Elas não estavam mais competindo, mas continuaram treinando e fazendo regime por minha causa. Estiveram comigo o tempo inteiro e isso foi fundamental. Ninguém consegue fazer nada sozinho."

Planos

"Ainda tenho a Copa do Mundo para disputar no final do ano. Também fui convidada para uma competição na China, em outubro."

"Pequim ainda está muito longe. Eu continuo na seleção e, até lá, a gente vê como as coisas vão se encaminhando."

OLÍMPICAS

O elogio de Mia à Marta

A meia Marta da seleção brasileira de futebol recebeu elogios de uma das melhores jogadoras do mundo. Mia Hamm, que tem no currículo duas medalhas de ouro e uma de prata pela seleção dos EUA, disse que a brasileira é uma das melhores que ela já viu jogar. E não poucou elogios às adversárias. — A seleção brasileira é formada por jovens jogadoras, que estarão lá por muito tempo e darão muitas alegrias ao seu país.

O perdão dos gregos

Apesar da suspeita de doping envolvendo o velocista grego Kostas Kerteris, milhares de conterrâneos gritaram seu nome no Estádio Olímpico antes da final dos 200m rasos, prova em que ele deveria competir caso não tivesse sofrido um acidente de moto dias antes da abertura dos jogos. Emocionado com a reação do público, o atleta prometeu voltar a correr pela Grécia.

É meu, não devolvo

O Comitê Olímpico dos EUA rejeitou o pedido da Federação Internacional de Ginástica para que o ginasta Paul Hamm devolvesse a medalha de ouro conquistada após o erro dos juizes na final da prova de individual geral. Por causa de um erro na contagem de pontos, o sul-coreano Yang Tae-young, que deveria ter vencido, ficou com o bronze. Devido ao episódio, três juizes já foram suspensos.

Pneu furado

Jaqueline Mourão esperava uma classificação melhor na prova de mountain bike. Ela terminou na 18ª posição. Um pneu furou logo na primeira volta. Mas ela conseguiu se recuperar e buscar posições ao longo da prova.



A satisfação do motorista

Embora considere estar acostumado a transportar pessoas famosas, o motorista Carlos Cardoso, de 48 anos, sentiu um gostinho especial. Foi dele a responsabilidade de transportar Daiane dos Santos do Aero-

porto Salgado Filho até o Centro da capital gaúcha.

— Sensacional, estou emocionado. Sou louco por ela. Já levei atores e atrizes, enfim, muita gente. Porém, não trocaria essa oportunidade por nada — afirmou.

ANEXO 12

SUPER-FINAL DA COPA DO MUNDO (BIRMINGHAM) – CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 12 DE DEZEMBRO DE 2004



Toda a torcida para gaúcha Daiane

Pela primeira vez, ginástica do Brasil coloca três atletas em uma superfinal da Copa do Mundo

Daiane dos Santos vai tentar mais ouro no solo

A ginasta gaúcha Daiane dos Santos fecha a temporada 2004 buscando mais uma medalha de ouro. A atleta da Brasil Telecom compete neste domingo, às 12h30min (horário de Brasília), na prova do solo da superfinal da Copa do Mundo de Ginástica Artística, em Birmingham, na Inglaterra. A superfinal reúne os oito melhores ginastas de cada uma das modalidades classificados em 18 provas realizadas entre os meses de março de 2003 e novembro de 2004.

Neste período, Daiane conquistou cinco medalhas, sendo quatro de ouro. A principal delas no Mundial de Anaheim, nos Estados Unidos, em 2003. As demais, nas etapas da Copa do Mundo de Stuttgart (Alemanha, em 2003), Cottbus (Alemanha, em 2004) e Rio de Janeiro (2004). A outra medalha, de bronze, foi conquistada na edição 2003 da Copa do Mundo de Cottbus.

Daiane dos Santos irá realizar a série completa ao som de 'Brasileirinho' e está confiante em um bom resultado não só dela como de toda a equipe brasileira, que participa de uma superfinal pela primeira vez. 'Vamos fazer o máximo para conquistar um bom resultado para o Brasil. Aqui estão os melhores do mundo e todos têm chances de vencer. Levará o ouro aquele que a estrela brilhar mais no dia da disputa', disse a ginasta gaúcha.

Na prova de solo, ela terá como adversária outra brasileira, Daniele Hypólito, que também disputará a final na trave. Porém, as principais oponentes de Daiane dos Santos são a romena Catalina Ponor e a chinesa Nan Zhang. O Brasil também estará representado por Diego Hypólito, irmão de Daniele.

Diego será o primeiro representante do país a se apresentar neste domingo. Por volta das 10h50min. (horário de Brasília), ele busca medalha na prova de salto masculino. Um pouco mais tarde, às 11h25min, é a vez de Daniele Hypólito se apresentar na trave de equilíbrio, uma das provas mais difíceis da ginástica artística. O momento mais esperado, no entanto, é a final do solo, com Daiane dos Santos e Daniele Hypólito buscando medalhas.

ANEXO 13**SUPER-FINAL DA COPA DO MUNDO (BIRMINGHAM) – CORREIO DO POVO****CORREIO DO POVO**

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 13 DE DEZEMBRO DE 2004

**Daiane encanta ingleses e conquista o ouro****A romena Catalina Ponor, Daiane dos Santos e a chinesa Fei Cheng**

Depois do quinto lugar na prova de solo da Olimpíada de Atenas e do bronze na etapa de Ghent (Bélgica) da Copa do Mundo, a ginasta Daiane dos Santos conseguiu fazer uma apresentação quase impecável na grande final da Copa, ontem, em Birmingham.

A gauchinha não só conquistou um ouro inédito como desbancou a campeã olímpica Catalina Ponor, da Romênia. 'Estou muito feliz pela apresentação e estou louca de saudade do Brasil. Não vejo a hora de voltar para casa', disse a atleta, que não confirmou se passará por nova cirurgia no joelho esquerdo em 2005.

Daiane foi a última atleta a pisar no tablado. Sua missão parecia difícil, já que Ponor havia se apresentado antes com a nota 9,625. Mas a brasileira, com uma série forte e exercícios cravados, encantou a torcida inglesa e recebeu 9,712 pontos. O bronze foi para a chinesa Fei Cheng. Daniele Hypólito acabou na sexta posição.

Segundo Daiane, este ouro serve para retomar a confiança. 'Esse resultado mostra que sem trabalho não se conquista nada. Em Atenas faltou trabalho da minha parte por causa da dor no joelho. Agora foi diferente', declarou, acrescentando que a ginástica brasileira termina bem o ano.

Daiane deve desembarcar no Brasil amanhã, já de férias. 'Quero ficar um tempo com a família, os amigos e descansar bastante. Ainda não vi o calendário do ano que vem. Vamos ver isso depois', comentou.

ANEXO 14

SUPER-FINAL DA COPA DO MUNDO (BIRMINGHAM) – ZERO HORA

Zero Hora – Porto Alegre, 13 de dezembro de 2004

A Dona do Mundo

FERNANDO BARTI, AGON



Daiane dos Santos (C) venceu ontem a Superfinal da Copa do Mundo de Ginástica, derrotando a campeã olímpica, e sua maior rival no solo, Catalina Ponor (E)

TAMARA HAUCK

Foram quase quatro meses de expectativa e resignação. Exatos 112 dias após errar em Atenas e ver sua principal adversária subir no pódio em seu lugar, Daiane dos Santos voltou a brilhar novamente. Ontem, na Superfinal da Copa do Mundo de Birmingham, na Inglaterra, a gaúcha conquistou mais do que uma medalha de ouro. Encerrou a temporada 2003/2004 no topo do ranking mundial e provou ao mundo, e a si mesma, que é a melhor de todas.

A final do solo, decisão mais esperada entre as mulheres, também foi a mais disputada. No tablado, as oito melhores ginastas do aparelho – entre elas as medalhistas de ouro Elena Zamoletchikova, Sydney/2000 e Catalina Ponor, Atenas/2004 – fizeram jus à importância da competição. Além disso,

a final de ontem foi o tira-teima entre Daiane, a campeã mundial, e Catalina, a campeã olímpica.

Ao contrário de Atenas, a gaúcha foi a última a pisar no solo. Preferiu se aquecer de costas para o tablado, sem ver a inglesa Elizabeth Tweddle arrancar aplausos da platéia ao executar o salto Dos Santos (duplo twist carpado). Nem a apresentação de Fei Cheng, a chinesinha de 16 anos que encantou Atenas. Muito menos, a performance de Catalina sua principal rival. Penúltima a se apresentar, a romena havia tirado a maior nota (9,625) até então. Faltava apenas a brasileira. E ela, dessa vez, não errou.

Tranquila, Daiane executou com



Quase perfeita, gaúcha tirou nota 9,712

firmeza a coreografia "Brasileirinho". Deixou de fora o duplo twist esticado, movimento que é a única a executar no mundo, mas que exige demais do seu joelho direito. No lugar, apresentou uma nova e complicada combinação de saltos (rodante, flic, flic sem mãos, flic e duplo twist grupado). Em segunda, realizou com precisão o Dos Santos e, já com o famoso sorriso metálico no rosto, completou a série sob aplausos de cerca de 25 mil pessoas. Depois, correu em direção ao técnico ucraniano Oleg Ostapenko, de quem recebeu um afetuoso abraço.

– Quando acabou, pensei "fiz uma boa série". Não sabia se tinha ganhado porque não tinha visto as

notas. Mas sabia que só se roubassem muito eu ficaria sem medalha – contou.

A nota 9,712 foi comemorada com um longo abraço na companheira de seleção Daniele Hypólito, e a tão conhecida frase "quem ri por último, ri melhor", dirigida aos membros da delegação brasileira. Com certeza, a quarta medalha de Daiane este ano foi a mais esperada pela atleta:

– Estou aliviada. Eu estava precisando fazer uma competição do jeito que eu queria para voltar a acreditar em mim. Fechei meu ano com chave de ouro – vibrou a gaúchina. – Isso mostra que, na Olimpíada, o que faltou para mim foi treinamento – completou Daiane, explicando que a cirurgia realizada pouco antes dos Jogos prejudicou seu desempenho na Grécia.

Da Inglaterra, Daiane segue direto para Curitiba, onde continua com os treinos. Ela só deverá voltar para Porto Alegre após o dia 23 de dezembro.

tamara.hauck@zerohora.com.br

Quadro da Colocação

1º	Daiane dos Santos (BRA)	9,712
2º	Catalina Ponor (ROM)	9,625
3º	Fei Cheng (CH)	9,562
4º	Nan Zheng (CH)	9,562
5º	Elizabeth Tweddle (GBR)	9,550
6º	Danielle Hypólito (BRA)	9,125
7º	Vernon Vander Leur (HOL)	8,100
8º	Elena Zamoletchikova (RUS)	8,067

Diego, a promessa que deu certo

Aos 18 anos, Diego Hypólito comprovou o favoritismo no solo e, com a nota 9,737, não deu chances para mais ninguém. Com o título conquistado na manhã de sábado, o carioca se tornou o primeiro ginasta sul-americano a subir no lugar mais alto do pódio em uma Superfinal da Copa do Mundo. Além disso, Diego, que ainda é juvenil, se transformou em um dos principais atletas brasileiros, já visando aos Jogos Pan-Americanos do Rio, em 2007, e à Olimpíada de Pequim/2008. Este foi o seu quinto ouro no solo, todos conquistados em 2004. Isso torna o Brasil melhor país no exercício de solo, já que Daiane também é a primeira no feminino.

A Copa do Mundo

■ O evento só perde em importância para a Olimpíada e o Campeonato Mundial. Foram disputadas 12 etapas, seis em 2003 e seis em 2004. Os oito melhores ginastas de cada aparelho participaram da Superfinal, disputada este fim de semana, que reuniu a elite da ginástica artística internacional na cidade inglesa de Birmingham. Daiane ganhou cinco medalhas (quatro de ouro e uma de bronze) durante a temporada (2003/2004) da competição: venceu as etapas da Copa do Mundo de Stuttgart (2003), Cottbus (2004), Lyon (2004) e Rio de Janeiro (2004). O bronze veio no solo, na edição 2003 da Copa do Mundo de Cottbus.

Você sabia?

■ O Brasil levou a segunda colocação no quadro geral de medalhas em Birmingham, com dois ouros, atrás apenas da China (dois ouros, duas pratas e dois bronzes). A Romênia, potência da ginástica, teve um ouro, três pratas e três bronzes. Esta foi a quinta vitória de Daiane em seis confrontos contra a romena Catalina Ponor.

ANEXO 15

MUNDIAL DE MELBOURNE – CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 27 DE NOVEMBRO DE 2005



Daiane tenta o seu bi mundial

Ginasta gaúcha é favorita ao ouro no solo

A ginasta porto-alegrense Daiane dos Santos é a favorita para faturar a medalha de ouro do solo no Campeonato Mundial de ginástica artística, que termina neste domingo em Melbourne, na Austrália.

A atual campeã mundial, que tenta repetir o feito obtido em Anaheim (EUA) em 2003, teve a nota mais alta, com 9,550. Na decisão, a gauchinha de ouro, que está competindo somente no solo, não terá pela frente pelo menos três adversárias de peso. A romena Catalina Ponor, atual campeã olímpica, a chinesa Fei Cheng e a francesa Isabelle Severino não passaram pela fase classificatória. A bela Catalina, a maior rival da gaúcha Daiane e dona de várias medalhas de ouro na Olimpíada de 2004, em Atenas, inclusive no solo, não passa por um bom momento na carreira. Aos 17 anos, ela está preferindo deixar as competições de lado para se divertir na noite de Bucareste, a capital romena.

Entre as oito atletas finalistas, uma das mais fortes adversárias será a norte-americana Alicia Sacramone, que levou ouro na etapa de Ghent, na Bélgica, da Copa do Mundo, em abril deste ano. Com nota 9,500, ela ficou com a segunda colocação na fase de classificação.

A apresentação deste domingo deverá ser a última de Daiane com a música 'Brasileirinho'. O novo tema, 'País Tropical', ainda não está com a coreografia suficientemente ensaiada e só deverá ser utilizada em competições oficiais pela atleta brasileira na próxima temporada.

ANEXO 16

MUNDIAL DE MELBOURNE – CORREIO DO POVO

CORREIO DO POVO

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 2005

Daiane: 'Erro não vai me abalar'



Para Ostapenko, eleito o melhor técnico pelo COB, a ginasta gaúcha treinou pouco a parte acrobática

Para Daiane, agora é começar do zero

A equipe brasileira de ginástica artística voltou ontem para o país depois de disputar o Mundial de Melbourne, na Austrália. E, apesar do lamento pela má colocação da gaúcha Daiane dos Santos (7º lugar), o clima era de alegria pelo inédito ouro do paulista Diego Hypólito.

A porto-alegrense Daiane diz ter aprendido com o tombo e encontrará forças para seguir treinando até os Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim.

A ginasta de 22 anos terminou em sétimo lugar após cair sentada na tentativa de executar o duplo twist carpado durante a competição do solo, da qual era favorita ao ouro.

'Derrota sempre e doida. As duas (Olimpíada e Mundial) foram tristes. Mas vou ficar chorando? Não! Tenho é de trabalhar, porque a medalha não voltará. Agora, é começar tudo do zero, mudar coreografia, música, acrobacias', contou a ginasta ontem.

O erro na aterrissagem, de acordo com ela, foi uma questão de altura. 'Subi demais e não tive velocidade para rodar e chegar bem ao chão. Por que subi demais? Não sei', explicou.

Mas seu técnico, Oleg Ostapenko, sabe. 'O problema não foi psicológico. É pouca repetição na parte acrobática. Para poupar o joelho (direito, operado há mais de um ano), ela não treinou tanto as acrobacias quanto precisaria, por causa do impacto. Ela tem medo de a dor voltar', revelou o ucraniano, que foi escolhido ontem pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) como o melhor deste ano.

O certo é que a inédita medalha de ouro de Diego Hypólito no Mundial de Melbourne fez a ginástica masculina brasileira crescer. Pela primeira vez a equipe masculina foi convidada para participar da American's Cup, nos Estados Unidos, que será disputada em março do próximo ano. Enquanto isso, as ginastas do Brasil, lideradas por Daiane dos Santos, nem sequer foram lembradas.

ANEXO 17

MUNDIAL DE MELBOURNE – ZERO HORA

Zero Hora – Porto Alegre, 26 de novembro de 2005.



Ginasta gaúcha luta pelo bicampeonato no Mundial da Austrália, em Melbourne, na madrugada deste domingo

Ginástica Daiane dos Santos defende o título mundial no solo

Fantástica Dai

TAMARA HAUCK

Quando conquistou o seu primeiro título internacional, na Copa Juniors de Canberra (AUS), Daiane dos Santos tinha apenas 15 anos. Do pódio, ouviu o hino nacional cantado por um colega a capela – jamais havia passado pela cabeça dos organizadores que alguém do Brasil poderia ganhar alguma medalha de ouro neste esporte.

– Eu também cantei. Só tinha eu e ele de ginasta brasileiro lá – recorda.

Ouro no solo e no salto sobre o cavalo em 1998, Dai teve de esperar alguns minutos após receber a primeira medalha. Somente depois do anúncio do locutor, que explicou a situação ao microfone, é que os demais atletas situados ao redor do pódio se levantaram. A voz de Gustavo, que cantou a primeira parte do hino brasileiro, ressoou pelo ginásio. Ao término, ele foi cumprimentado por membros de delegações de outros países e, é claro, pela gaúcha:

– Eu não lembro o nome dele direito. O Lobo era de São Paulo, mas parece que está no Canadá agora.

Hoje, a situação da atleta é bastante diferente. A maior ginasta brasileira de todos os tempos, responsável pela popularização do esporte no país, é reconhecida internacionalmente. Na última quarta-feira, quando participou da etapa classificatória do Mundial de Melbourne, também na Austrália, a gaúcha foi a única atleta reverenciada pelo locutor do evento: “Gm vocês, a fantástica Daiane dos Santos, atual campeã mundial de solo”.

Assim como Dai, a seleção brasileira também evoluiu nestes sete anos. Ganhou respeito com a con-

Na TV

A Band (canal 10) transmite as finais do Mundial a partir da 1h deste domingo. Daiane dos Santos deve se apresentar no solo às 2h.

FINALISTAS*

- 1º) Daiane dos Santos (BRA) – 9,550
- 2º) Alicia Sacramone (EUA) – 9,500
- 3º) Anastasia Liukin (EUA) – 9,475
- 4º) Emille Le Pennec (FRA) – 9,437
- 5º) Elizabeth Tweddle (GBR) – 9,425
- 6º) Elena Zamolodchikova (RUS) – 9,412
- 7º) Yufei Zheng (CHN) – 9,300
- 8º) Suzanne Harmes (NED) – 9,225

*Classificação de atletas finalistas

Top 10

Danielle Hypólito terminou entre as 10 melhores do mundo no individual geral – que soma as notas do quatro aparelhos (solo, trave, salto sobre o cavalo e paralelas). A ginasta do Flamengo teve problemas na trave (se desequilibrou duas vezes) e no salto sobre o cavalo, quando caiu sentada. Mesmo assim, somou 35,700 pontos e ficou com a nona colocação (na fase classificatória ela havia ficado em 18º lugar):

– A competição foi boa, fiz o que consegui fazer.

Nesta madrugada (também às 2h de Brasília), o irmão mais novo de Dani, Diego, buscaria o inédito ouro masculino no solo.

“Abobalhada”

Na segunda final mais disputada da história do Mundial, a norte-americana Chelsie Memmel venceu a compatriota Anastasia Liukin por 0,001 e ficou com o título de melhor ginasta do mundo (individual geral). A disputa foi acirrada durante toda a noite: Memmel levou vantagem no salto sobre o cavalo (9,325 a 9,137), mas perdeu nas barras paralelas (9,587 a 9,537) e na trave (9,587 a 9,425). A medalha de bronze ficou com a atleta da casa, Monette Russo, para delírio dos quase 10 mil torcedores presentes à Rod Laver Arena.

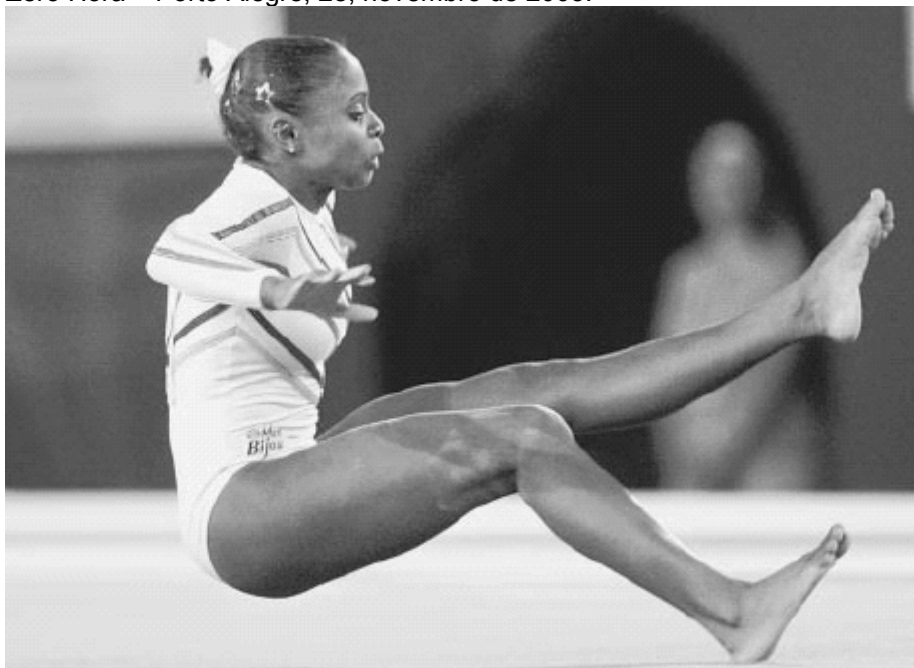
– Não consigo acreditar. Estou abobalhada – confessou a campeã.

Em 1985, as soviéticas Yelena Shushonova e Oksana Omelianchik somaram as mesmas notas e acabaram dividindo a tão sonhada medalha de ouro.

ANEXO 18

MUNDIAL DE MELBOURNE – ZERO HORA

Zero Hora – Porto Alegre, 28, novembro de 2005.



Gaúcha caiu sentada após executar o "dos Santos" na primeira seqüência de saltos da série Brasileirinho, perdeu o ritmo e o título

Sem explicação

Favorita ao ouro, Daiane dos Santos erra, cai e fica em sétimo no Campeonato Mundial da Austrália

Duplo twist carpado. Justamente o salto que deu à Daiane o inédito título mundial em Anahém/2003, nos Estados Unidos, colocando o Brasil no mapa da ginástica olímpica, o responsável pela queda na final ocorrida ontem, em Melbourne, na Austrália.

Isso mesmo. Na madrugada em que deveria comemorar o bicampeonato mundial, Daiane errou justamente o seu salto. O "dos Santos" que a levou à glória há dois anos e que até hoje é realizado por raríssimas ginastas do planeta. Um exercício que costuma repetir diversas vezes por dia em treinos e que não havia errado nenhuma vez durante sua preparação para a final desta madrugada.

– Subi demais, não tive velocidade, não conseguir rodar direito – tentou definir após a prova.

Com 0,5 ponto perdido pela queda e outros 0,2 de bonificação – o salto, a rigor, não valeu –, Dai ficou sem qualquer chance de conquistar um lugar no pódio. A gaúcha

ainda tentou completar a prova, mas não conseguiu acompanhar o ritmo de Brasileirinho. Recebeu a nota 8,837 – Dai não tirava menos de 9 desde o Pan de Santo Domingo, em agosto de 2003 – e acabou em sétimo lugar. O ouro ficou com a norte-americana Alicia Sacramone (9,612), única considerada capaz de rivalizar com Daiane, seguida por Anastasia Liukin (EUA), 9,425, e Suzanne Harmes (HOL), 9,212.

– Não consegui ver direito pela TV, mas não foi um erro normal dela – disse Adriana Alves, que treinou a ginasta no Grêmio Náutico União.

Assim como na Olimpíada, quando estava invicta há quatro competições, Daiane chegou a Melbourne como principal favorita ao ouro. Perdeu, mais uma vez, "para ela mesma" segundo Eliane Martins, supervisora da Confederação brasileira de Ginástica. Seria pressão?

– Na Olimpíada, acho que foi psicológico. Não tenho como avaliar a situação de agora, mas é a segunda vez que aperta o cerco e ela falha. Pelo que a Dai apresentou na fase classificatória, deve ter sido sistema nervoso mesmo – concluiu Adriana.

– Não tem explicação. Em 2003, a pressão era maior porque precisava classificar a equipe para a Olimpíada. Aqui, só competia por mim mesma. Não esperava que isso acontecesse. É um salto que eu nunca erro. A ginástica é assim – lamentou.

Pódio

▼ FUTSAL

A ACRF e John Deere fazem hoje o primeiro jogo da final do Estadual Série Ouro 2005. O confronto será às 19h, em Carlos Barbosa, com transmissão da TVCOM e do Sportv.

▼ VÔLEI

A seleção masculina derrotou o Egito por 3 sets a 0 (25/21, 25/20 e 25/21), na madrugada de ontem, e assegurou de forma invicta o título da Copa dos Campeões, disputada em Tóquio (Japão). O time de Bernardino venceu todas as cinco partidas disputadas – Egito, Itália, Estados Unidos, Japão e China. É a segunda vez que o Brasil conquistou a competição. A equipe tinha sido campeã em 1997, quando ainda era treinada por Radamés Lattari.

▼ JUDÔ

Só den Pinheiros na final do Grand Prix Nacional de Judô, ontem, no ginásio da Universidade Gama Filho (Rio). Entre os homens, o clube conquistou o ponto que faltava e venceu a Gama Filho por 3 a 0 na melhor de cinco (somando o 2 a 0 trazido de São Paulo). O são Caetano ficou em terceiro e a Sogipa em quarto lugar. No feminino, o Pinheiros passou pelo São Caetano por 2 a 1. A Sogipa ficou em terceiro.

▼ HOMENAGEM

Christiane Ritz dos Santos, da Ulbra/Brasil Telecom, recebe hoje a Medalha Pedro Carneiro Pereira, no Palácio Piratini, em Porto Alegre.